

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

OS XIKRIN

Equipamento e Técnicas de Subsistência

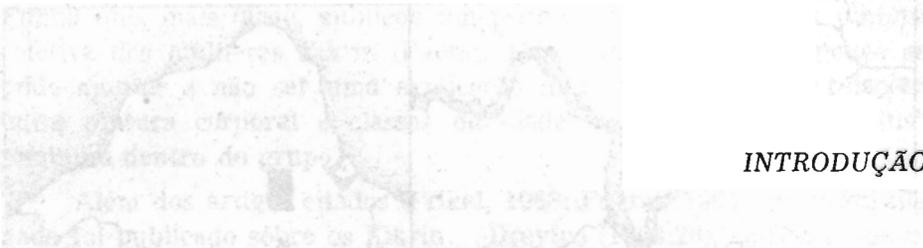
PROTÁSIO FRIKEL

Museu Goeldi

Boísista do Conselho Nacional de Pesquisas

PUBLICAÇÕES AVULSAS Nº 7

1968
BELÉM - PARÁ - BRASIL



INTRODUÇÃO

Em 1962 tivemos ocasião de visitar, por poucos dias, o grupo Kayapó-Xikrín * do rio Caiteté (fig. 1). Tratava-se, antes de tudo, de uma viagem de reconhecimento sôbre possibilidades de pesquisas. Fizemos a referida viagem em companhia do Rev. Pe. François Gentel, conhecido daqueles índios e a quem somos gratos pela ajuda prática e pela introdução que nos deu ao ambiente Xikrín. Verificamos, então, que, de fato, podíamos ainda fazer estudos originais dêste grupo Kayapó, até então pouco atingido pela civilização. Voltando a Belém, apresentamos um plano de pesquisa que foi aprovado pela chefia da Divisão de Antropologia do Museu Goeldi. Era, então, a nossa intenção fazer investigações sôbre a inter-relação e interdependência dos níveis econômicos e sociais: como, p. ex., funcionavam a caça, a pesca, a coleta, a agricultura e o incipiente extrativismo em relação ao indivíduo, à família nuclear e extensa, e ao grupo em sua totalidade, assunto que, devido à complexidade estrutural Kayapó, não é fácil de compreender. Chegando outra vez ao Caiteté, em janeiro de 1963, encontramos o ambiente completamente modificado. Os índios tinham-se mudado para a foz dêste rio e queimado a antiga aldeia. O sistema de moradia fôra alterado. A casa dos homens não funcionava mais, simplesmente porque não havia, etc. O pior de tudo, porém, era a forte tensão existente contra os civilizados, castanheiros e compradores de peles, assunto que explicamos em "Notas sôbre a situação atual dos índios Xikrín do rio Caeteté" (Frikel, 1963:156 seq.). Devido a estas e outras circunstâncias, não havia possibilidade de fazer o estudo proposto. Para não perder a viagem, fomos forçados a remodelar os nossos intuítos. Lançamo-nos a outro assunto que, dadas as circunstâncias, estava ao nosso alcance: cultura material e bases de subsistência, colhendo ao mesmo tempo notas sôbre o ambiente social e cerimonial Xikrín, notas que, talvez, possam ser editadas posteriormente. Nesta segunda viagem tivemos, durante um mês, a companhia do cineasta

(*) — Para a transcrição das palavras indígenas adotamos, até onde possível, o alfabeto em uso entre nós. Exceções são:

ü = vogal alta, fechada, central, não arredondada.

ò = vogal média, fechada, central, não arredondada.

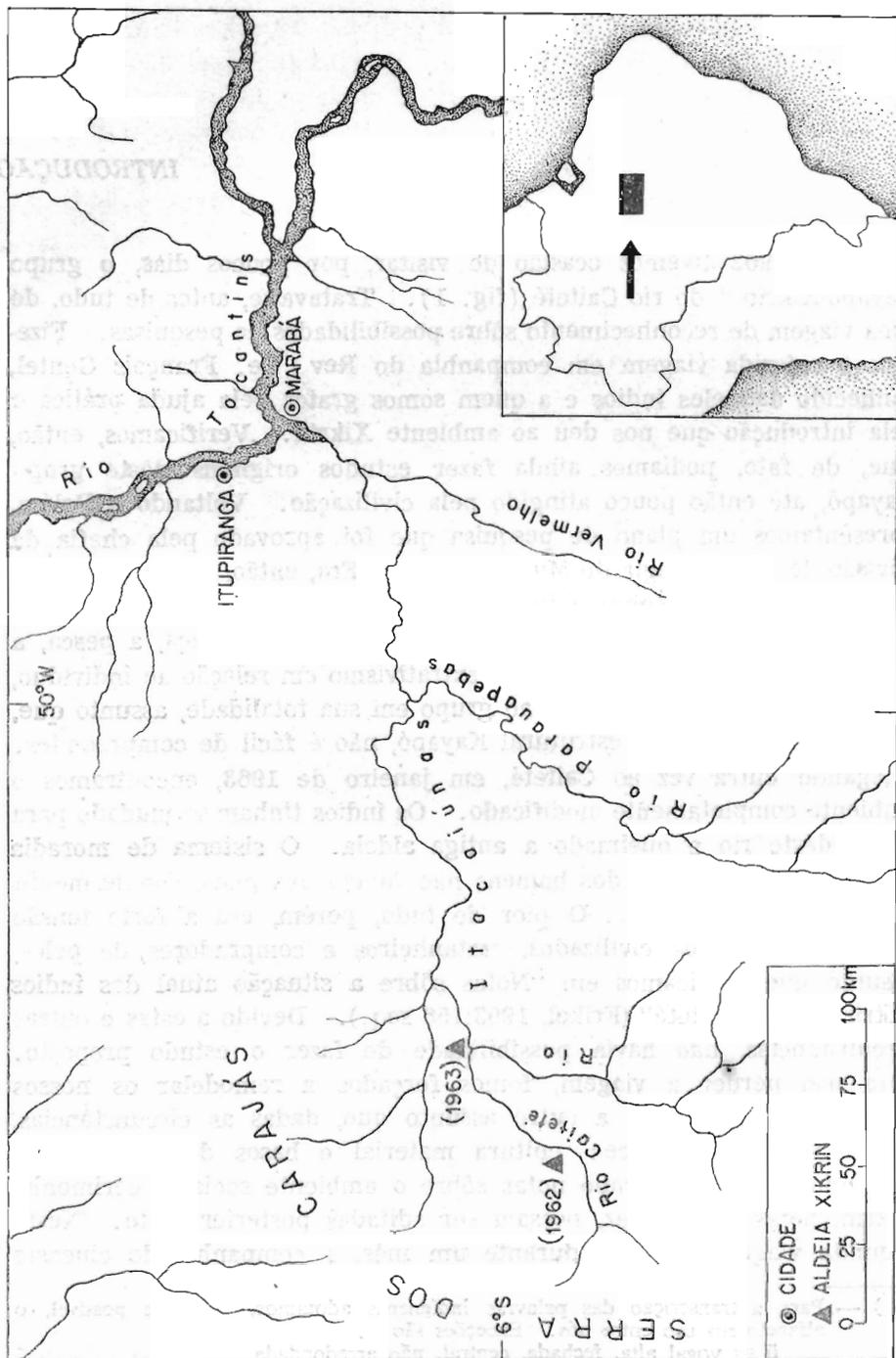


Fig. 1 — Mapa da região dos rios Itacaiúnas e Caiteté.

Fuerst que, mais tarde, publicou um pequeno trabalho sobre a pintura coletiva das mulheres Xikrín (Fuerst, 1964), assunto ao qual pouco se pode juntar a não ser uma explicação mais ampla das inter-relações entre pintura corporal e classes de idade, relativamente ao "status" feminino dentro do grupo.

Além dos artigos citados (Frikel, 1963; Fuerst, 1964), praticamente nada foi publicado sobre os Xikrín. Dreyfus (1963:26), considerando-os ramo dos Djóre, diz, em seu trabalho sobre os Kayapó setentrionais: "Malheureusement les Dyore, encore hostiles, n'ont fôis l'objet d'aucune étude". Todavia, segundo referência dos próprios Xikrín, os dois grupos são idênticos (cf. Fuerst, 1964:117; Frikel, 1963:146, n.1). Apresentamos, pois, a primeira tentativa de um estudo sobre os Djóre-Xikrín ou Kayapó-Xikrín do rio Caiteté, focalizando o presente trabalho alguns aspectos de sua cultura. Um descreve o equipamento material, incluindo casa e moradia. Cremos que conseguimos fazer um levantamento mais ou menos completo, o que não exclui a possibilidade de existirem ainda objetos não observados durante a nossa estada no Caiteté. O outro aspecto visado, relacionado à economia tribal, diz respeito aos ciclos econômicos e às bases de subsistência, como também as suas decorrências principais, como o seminomadismo, a aquisição e preparação de comidas e assuntos semelhantes. Por fim, tentamos estabelecer algumas deduções do material apresentado, a respeito de matérias primas, divisão de trabalho, o fundo da cultura Xikrín e a aculturação incipiente. Não resta dúvida que, sobre vários assuntos, seriam desejáveis informações mais amplas ou mais pormenorizadas (1). Mas em vista de tratar-se de um grupo ainda monolíngue e da falta de intérpretes (só havia dois rapazes que conheciam um tanto a língua portuguesa e êstes, muitíssimas vêzes, não estavam à disposição), não se podia esperar muito mais material. Assim oferecemos poucos dados, mas cremos-los seguros. Para confronto e para mostrar a básica união cultural existente entre os Xikrín do Caiteté e os Kayapó do rio Fresco/Xingu, utilizamo-nos dos trabalhos de autores mais recentes acerca dos Kayapó, especialmente de Banner, Diniz e Dreyfus.

(1) — Soubemos que também René Fuerst está preparando um trabalho sobre os Xikrín do Caiteté.

1. AMBIENTE

É desnecessário indicar ao etnólogo que os Xikrín pertencem aos grupos Kayapó setentrionais, família lingüística jê, estendendo-se entre os dois grandes rios Xingu e Tocantins. Embora sejam raros os dados históricos sobre os Xikrín, sabe-se com certeza que já moravam no alto Itacaiúnas e rio Caiteté em começos deste século (2). Sua tradição indica como antigo *habitat* as imediações dos campos do Triunfo-rio Fresco, em convivência com os Gorotíre, com os quais formavam um único e grande bloco (3). Sobreveio, mais tarde, uma cisão do grupo e, enquanto os Gorotíre permaneceram na região do Xingu, os chamados Djóre (ou Dyóre) separaram-se, invadindo o vale do Itacaiúnas, expulsando os seus antigos habitantes indígenas Akokakore (identificados ora com os Asuriní, ora com os Parakanân), ocupando principalmente as terras do rio Caiteté ou seja Pükatingró (= Areia Sêca), rio que desde então começaram a considerar seu. Não sabemos a data daquele rompimento entre os dois grupos Kayapó. Entretanto, parece ter acontecido na segunda metade do século passado. Desde os primeiros contatos com a civilização, os Djóre do Itacaiúnas-Caiteté começaram a ser chamados "Xikrín", nome que afirmam não pertencer a sua língua e sim, ser "apelido", dado pelos civilizados.

(2) — Algumas notas históricas sobre os Xikrín encontram-se também em: Frikei, 1963.

(3) — Citamos em outro lugar (Frikel, 1963 : 146) uma explicação etimológica dos nomes Gorotíre e Djóre, dada pelos próprios Xikrín. O Pe. Jaime Caandela, convivendo com os Gorotíre há anos, fez-nos vêr que aquela interpretação é um tanto precária ou até "folclórica"; que o termo "Goroti" nada tem que ver com "dorminhocos" (dormir = *ngôro*), mas que a radical *gôro* quer dizer "grupo, bando", etc. Goroti ou Gorotíre seria, pois, o "grupo grande, bando grande". De fato, no conjunto, tal interpretação faz mais sentido. Também a denominação "Djóre" explicada pelos Xikrín como "aramã" ou "abelinha preta", permite outra interpretação. Para os Suyá, p. ex., que falam um dialeto Kayapó, *dyóre* ou *dyáre* é a batata-doce e os "Djóre", para eles, são "os batateiros", porque gostam e plantam muita batata-doce; indicação que corresponde aos fatos. Nota-se, pois, que entre os próprios indígenas a explicação das denominações grupais varia, permitindo interpretação vária.

Desde 1903 constam hostilidades entre civilizados e índios ou, em termos da gíria regional, entre os “cristãos” e os “bichos”. Devido a uma expedição de represália por parte dos “cristãos”, pelos anos de 1930, que resultou em chacina e morte de aproximadamente 180 índios em sua própria aldeia, os Xikrín resolveram abandonar o Caiteté. Parece que foi nessa ocasião que, motivado pela falta de chefia, de decisões exatas e de entendimento entre os sobreviventes a respeito do rumo a tomar, repetiu-se o fenômeno da cisão. Uma parte separou-se, indo morar no rio Bacajá ou Pacajá, afluente do Xingu. Este grupo, todavia, está desintegrando-se nestes últimos anos. Certo número de famílias está se agregando, novamente, aos Xikrín do Caiteté. Outros estão mudando-se para o Pôsto Gorotire do SPI, no rio Fresco. O núcleo Xikrín no Pacajá tornou-se pequeno.

O grupo maior, entretanto, tomou o rumo sul-sudeste. Depois de uma época de migrações em que chegou até o Pôsto Las Casas do SPI, no rio Pau-d’arco, em etapas lentas, voltou ao Caiteté, fixando-se novamente ali. Temos a impressão de que os Xikrín criaram realmente algo que se possa chamar “amor à terra”. Temos indícios que neste século, pelo menos por três vêzes, abandonaram o Caiteté, voltando, porém, sempre para lá, mais cedo ou mais tarde. A última vez, nós mesmos pudemos observar este fenômeno. O grupo tinha-se mudado em 1962 para o Itacaiúnas, perto da foz do Caiteté. Todavia, atualmente, (1966), já voltou de novo para a região das antigas aldeias. Para isso, não há dúvida, influi também o ambiente econômico: a abundância de caça, de frutas e outros objetos de coleta, facilidades para a agricultura devido às grandes manchas de terras-pretas ali existentes e, especialmente, a atração pela castanha. Soubemos por Bemotí, o jovem chefe do grupo, que a Inspetoria do SPI de Belém, por algum tempo, tencionava transplantar os Xikrín para os campos do Triunfo, a fim de facilitar aos civilizados a exploração dos castanhais do Caiteté sem haver choques com os índios, plano ao qual os Xikrín se têm oposto até hoje (4). Alegaram como razão: “No campo há pouca caça e pouca água! No campo não há castanha!...” Ouvia-se, então da boca dos Xikrín um brado bem brasileiro, dizendo literalmente: “O Caiteté é nosso! A castanha do Caiteté é nossa!...” Em outras pala-

(4) — Colhemos também, em Marabá, referências semelhantes de pessoas interessadas nos castanhais do Caiteté. Todavia, não se pode julgar sobre as reais intenções da referida Inspetoria devido à falta de uma documentação concreta para o caso, difícil de ser adquirida.

vras: Os Xikrín temiam e temem ainda ser transferidos para uma região de condições de vida e sobrevivência muito inferiores às atuais.

Creemos que o fato dos Xikrín, por motivos vários, serem apegados à própria terra, explica uma série de atitudes psicológicas, principalmente aquelas contra os invasores de suas terras, sejam eles os seringueiros de então ou os castanheiros de agora. Explica também, dentro dos ciclos econômicos, a sua forte tendência a um tipo de semi-sedentarismo, tomando a aldeia como ponto fixo que não gostam de mudar ou de transferir sem grande necessidade.

O Caiteté e as terras banhadas por êle, de fato, fornecem ao índio tudo de que precisa. As matas são abundantes de caça grande e muito mais ainda de animais pequenos de captura relativamente fácil, como jabutis, tatus e outros. Existem muitas frutas e vegetais aproveitáveis nas florestas, sobretudo o côco e o palmito de babaçu, tão importantes na vida Xikrín. Há peixes no rio e nos igarapés afluentes. E há ainda a castanha, cuja coleta serve para o próprio consumo e para fins comerciais, devido ao extrativismo incipiente que está surgindo entre êles. Com o excedente da castanha vendida, pagam os artefatos necessários, adquiridos dos civilizados. De fato, com um pouco de contrôle por parte de um órgão protecionista qualquer (SPI ou Missões), os Xikrín poderiam não só viver folgadoamente, sem causar grandes despesas a tais instituições, como também facilmente sobreviver como grupo em lento, mas contínuo processo de aculturação.

2. ALDEIA

O Xikrín coloca a aldeia sempre perto de um rio ou igarapé, mas em terreno bastante alto, para que as águas não a alcancem e numa posição em que as chuvas e enxurradas possam escoar rapidamente.

O tipo da aldeia tradicional Xikrín é circular. Ainda em 1962, quando visitamos o alto Caiteté, sua aldeia possuía esta forma (fig. 2 a; est. 1 a). As casas, em número de treze, agrupavam-se ao redor de um terreiro com o citado contôrno ou, querendo ser exato, ligeiramente oval, com 85 m de diâmetro no rumo N-S e 65 m no de O-E (cf. Banner, 1961:4; Dreyfus, 1963:21). Com exceção de alguns tocos de árvores, o terreiro era limpo, sem arbustos, etc. (cf. Dreyfus, 1963:22). Quatro caminhos saíam da aldeia, com as bôcas situadas nos pontos cardeais, com divergências de somente 20 a 30 graus do rumo exato. A estrada de leste levava ao rio Caiteté, ao pôrto de banho

e de água; a do sul, passando ao lado da casa dos homens, ia para a roça nova, situada em outro igarapé de nome *Kam-kro-kro* ou seja rio Sêco, afluente do próprio Caiteté, distando uns 15 a 20 km; a de oeste

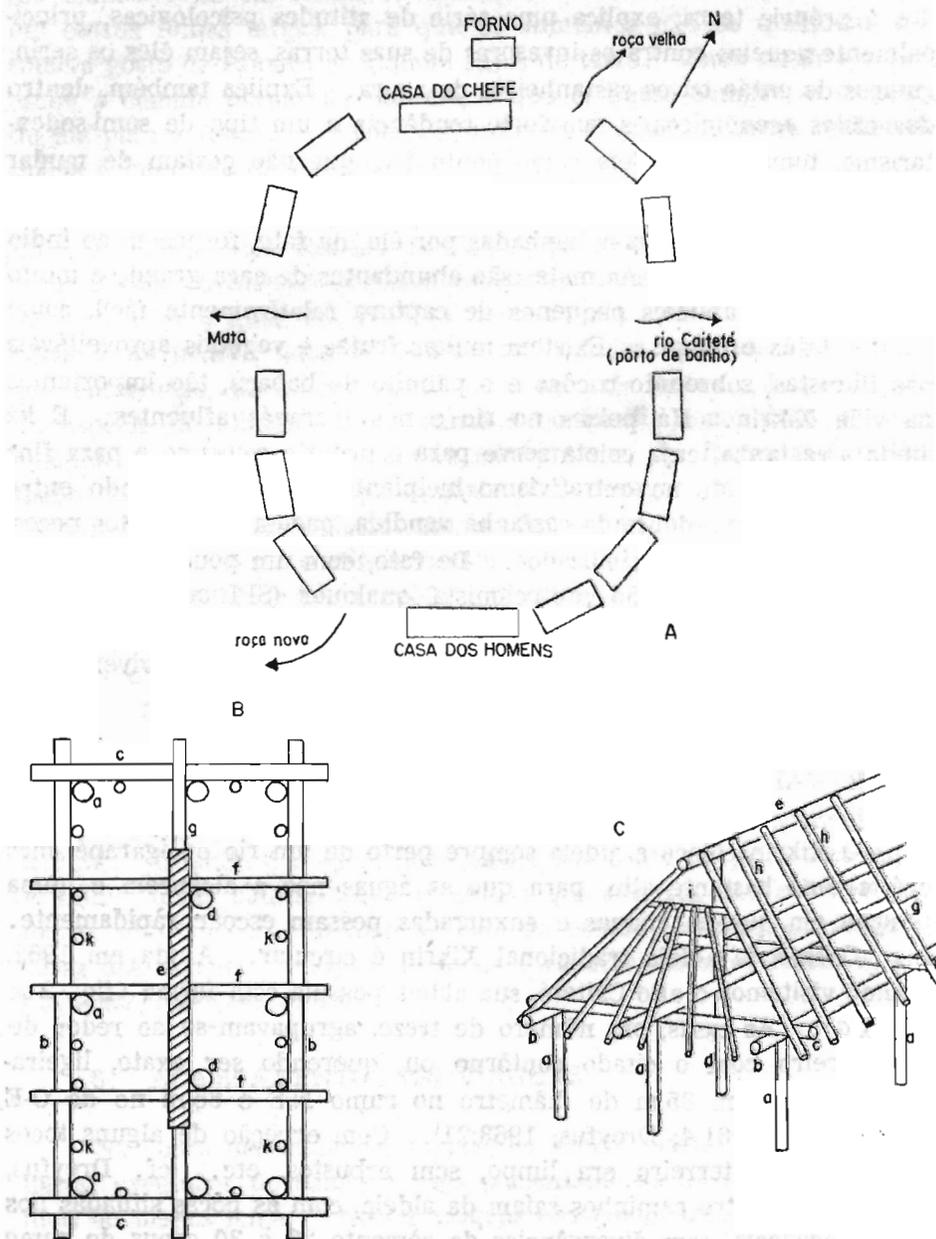


Fig. 2 — Aldeia e casa Xikrín. a) Croquis da aldeia Xikrín do tipo tradicional; b) Planta-baixa de uma casa Xikrín; c) Detalhes de construção da casa Xikrín.

era caminho de caça e de coleta, levando para as matas; e a do norte dava para a roça velha, um enorme batatal, e continuava como estrada de caça e coleta. Tem-se a impressão de que a aldeia se compõe de dois semicírculos de habitações com centros no lado norte e sul, pois nas bôcas das estradas de rumo leste e oeste, as distâncias das casas eram maiores, estabelecendo êstes caminhos um tipo de divisória. No semicírculo norte existiam cinco casas, tendo por centro a do chefe, o *benadjüre-ráí*, enquanto no do sul havia oito, com a “casa dos homens” no centro da fila (5). A do chefe e a dos homens ficavam, portanto, uma confronte à outra, em posição diametralmente oposta. Todavia não foram observadas, na estrutura social dos Xikrín, metades ou *moieties*.

Em nossa segunda visita, aquela aldeia já não existia mais. O grupo tinha-se dividido e, em conseqüência, queimara a aldeia, deixando uma só casa em pé para servir de abrigo por ocasião de viagens naquela região, ou para desfrutar a roça velha. A nova aldeia foi construída na foz do Caiteté, no ângulo esquerdo da sua confluência com o Itacaiúnas; sendo o lugar acanhado, ficava comprimida entre o alto barranco do rio e uma baixa, muito úmida no tempo das chuvas. Era formada à maneira da dos civilizados e consistia num alinhamento de casas ao longo do barranco, com o caminho para o lado interno, o lado da mata. Não havia terreiro, nem “casa dos homens”. A casa do chefe ficava em primeiro lugar, vista da bôca do rio Caiteté, isto é, não mais em posição central, mas sim numa das extremidades. No total existiam seis barracas, nas quais todo o pessoal se aglomerava. Os próprios Xikrín já não gostavam mais daquela disposição e faziam planos de transferir novamente a aldeia para o interior das matas do Caiteté, querendo reconstruí-la em estilo tradicional. Soubemos que, de fato, os Xikrín se mudaram, mas ignoramos sua resolução a respeito do tipo da aldeia atual.

3. CASAS

Em ambas as aldeias, porém, o tipo de casa era o mesmo, consistindo numa espécie de barracão retangular (6), bastante comprido,

(5) — Banner (1961 : 17) e Dreyfus (1963 : 21) fazem referência à posição central da “casa dos homens” na aldeia Kayapó, o que não foi observado entre os Xikrín, onde, ao contrário, a *ngobe* ficava ao lado sul do círculo das casas.

(6) — Não encontramos o tipo de casa Kayapó de teto abobadado, referido por Banner (1961 : 3) e Dreyfus (1963 : 24).

sem divisão interna, onde se abrigavam várias famílias, baseadas num sistema de residência matrilocal.

A casa Xikrín ocupa, em média, uma área de 4 por 8 m (fig. 2 b, c). Existem, geralmente, oito esteios (a), a saber: quatro nos cantos e mais um no meio de cada lado, para o sustento do teto. Os esteios têm uma altura de 1,80 m acima do chão, de forma que frechais e travessões ficam a uma altura de 2 m, aproximadamente. Na construção colocam-se primeiro os frechais (b) e por cima deles, os travessões (c). Mais para o centro existem ainda dois esteios, que sustentam a cumieira, recuados uns dois metros de cada parede (d). Pelo lado externo destes, como também pelo meio da casa, colocam-se ainda travessões, servindo de base ou andaime para trepar e consertar o teto de palha, pendurar objetos, etc. (f). Por cima de todos êsses travessões, em sentido longitudinal, corre uma viga em todo o comprimento da casa (g), também encostada nos esteios centrais da cumieira. Esta é mais curta, de uns 5 m, ficando a uma altura aproximada de 4 m (e). Ela e os frechais estão ligados entre si pelos caibros (h), de varas roliças, que recebem e suportam a palha. O oitão, do tipo de tacaniça (cf. Diniz, 1962:4), possui no alto uma travessinha (i), para onde todos os caibros daquele lado confluem. As pontas da cumieira, dos travessões e dos frechais, sobressaem uns 50 a 80 cm. Tôdas as amarrações são feitas com cipó e envira. Espaçados de 1 m e atados aos travessões e frechais, fixam-se varas fortes (k) para a amarração da palha das paredes. Empregam-se, principalmente, fôlhas de babaçu e inajá, tanto para as paredes como para o teto. Nas paredes amarram-se as palhas pelo lado de dentro e de fora, separadamente, em carreiras bastante espaçosas, às vêzes as de fora no entre-espaço das internas. No teto, tipo de tacaniça ou de duas águas (cf. Diniz, 1962:4), a palha é colocada em intervalos mais estreitos, para fazê-lo mais denso. Na aldeia velha, circular, observamos que as casas, com excessão da "casa dos solteiros" possuíam sòmente três paredes, a saber, as dos lados e a do fundo, ficando aberta a parte que dá para o terreiro (cf. Dreyfus, 1963:21). Todavia a palha do teto ficava ali bastante comprida, chegando a poucos palmos acima do chão, num sistema de parede fictícia. Assim, os moradores da casa sempre tinham a vista bastante livre sôbre o terreiro e o movimento na praça, enquanto os de fora não podiam observar as pessoas dentro da casa.

Havia sempre uma porta, às vêzes na frente, indicada por um recorte bastante largo na palha pendente, ou em forma de um vão aberto na parede lateral. Freqüentemente as casas tinham mais uma

pequena abertura na parede do fundo que dava para a mata, para saídas de emergência e outras necessidades (cf. Dreyfus, 1963:21).

Na segunda aldeia da foz do Caiteté, tôdas as casas possuíam quatro paredes com uma porta grande para o lado do caminho e uma abertura menor para o lado do rio. Ao redor da casa, para apertar a beira da palha no chão, colocavam-se paus pesados e compridos, impedindo assim a entrada de animais noturnos: sapos, cobras, etc. Devido à proximidade do barranco, os Xikrín fizeram em certos trechos uma cêra, para as crianças não caírem no rio.

Surgem, ocasionalmente, pequenas variações de construção. Na foz do Caiteté, p. ex., dependendo do comprimento das casas, faltavam os esteios centrais ou havia um só. A cumieira tinha então o comprimento da casa, e os esteios centrais do oitão serviam, ao mesmo tempo, de esteios de cumieira. Neste caso também não tinham tacaniça. Outrossim, introduziram-se na beira do teto "cachorros" para suspender um pouco a beira da palha e jogar a água da chuva mais para fora. Outras variantes não observamos.

Durante a nossa estada na foz do Caiteté foi construída uma casa. Reparamos que sòmente os homens trabalhavam, colocando o madeirame. Os mais moços e as crianças ajudavam, abrindo cipós e fôlhas de babaçu, entregando a palha na ocasião da cobertura etc. Mulheres não participam nestes trabalhos de construção (7).

4. DORMIDA

Entre os Xikrín existem, por assim dizer, três tipos de dormidas: em cima de fôlhas de babaçu (*roti-ô*), em esteiras trançadas (*kupip*) e em catres.

Na vida cotidiana da aldeia, a fôlha de babaçu é empregada tal como vem da mata, especialmente, na casa dos homens solteiros. Tôda a rapaziada dorme assim. É o grupo dos menores que tem a obrigação de "fazer a cama" de todos os habitantes do *ngobe* (cf. Banner, 1961:17). Diariamente, à tarde, as fôlhas murchas e estragadas são jogadas para trás da casa, e o grupinho sai para cortar o nôvo suprimento necessário, o qual é espalhado pelo chão. Os mais velhos têm o direito de

(7) — Em relação aos Xikrín diverge a nossa observação da de Banner (1961: 3, 9) e Dreyfus (1963: 24), referindo que são as mulheres que se ocupam com a construção da casa. Cremos que nas ditas referências se trata, exclusivamente, dos tipos de casas originais dos Kayapó. A casa tipo barracão (neo-brasileiro?), sem dúvida, é construída pelos homens, como Diniz (1962: 11) expressamente constata e como Dreyfus, em outro lugar (1963: 61), admite.

se ajeitar primeiro. Se as fôlhas forem poucas, os meninos levam um "pito" e têm que dormir no chão nu. Um ou outro rapaz, que prefira algo mais cômodo, prepara uma esteira destas fôlhas com nervura e talas (*roti-ô*), como descrito mais adiante. Todavia, esteiras dêste tipo são mais empregadas quando se dorme ao relento, ao luar ou no terreiro, em noites de festa.

Esteiras trançadas que têm o nome de *kupip*, são usadas nas casas de famílias, tanto pelas moças ainda solteiras, como, especialmente, pelos casais. São trançadas de pínulas de miriti, muitas vêzes pintadas de urucu, bastante macias e colocadas sôbre o chão ou sôbre o catre, quando o haja.

A maior parte dos Xikrín, todavia, dorme sôbre catres (cf. Diniz, 1962:7; Dreyfus, 1963:26). Assemelham-se êstes a baixos jiraus. Consistem em quatro forquilhas com as respectivas travessas, sôbre as quais, longitudinalmente, se colocam ripas de paxiúba. Estende-se, por fim, sôbre êste jirau um esteira *kupip*, de casal. Outra ripa, na largura do catre, serve de travesseiro. (cf. Banner, 1961 : 4).

Parece costume dormirem com os pés voltados para o centro da casa. Quando a fileira dos catres está ao longo da parede do fundo, as cabeças ficam também para o lado da parede e os pés para o centro da casa; vice-versa, onde a carreira das esteiras ou catres fica no lado aberto da casa, os pés se acham também voltados para o interior e as cabeças para o lado do terreiro.

Nestes catres dormem, em primeiro lugar, os casais com os filhos menores, até a idade de 2 a 3 anos. Depois dessa idade, as crianças recebem uma esteirinha própria ou, se forem mocinhas, que sempre ficam em casa, faz-se um segundo catre ao lado do dos pais, servindo para duas ou mais crianças. Entre os catres ou as esteiras das várias famílias existe sempre um fogo com bastante lugar para os serviços do dia, como assar batatas-doces ou milho, etc., ou também para aquecimento pessoal durante a noite.

Môças adultas, solteiras e viúvas, como também as prostitutas da aldeia, as mais das vêzes, ficam dormindo em cima de esteiras, para o lado aberto da casa ou perto da entrada, para atender a visitas noturnas. A respeito da organização dos catres nas casas parece existir uma ordem preferencial, baseando-se em parentesco, prestígio ou mesmo um fundo cerimonial, sôbre o que não conseguimos colhêr notas mais explícitas.

5. FORNO DE TERRA KI

Um elemento constante na aldeia é constituído pelo forno térreo, chamado *ki* (est. 1 b). Faz parte integrante da vida Xikrín e não se pode imaginar sua aldeia sem êle. Existe sempre um forno para o uso comum, em casa própria. Na aldeia antiga do Caiteté, êste ficava atrás da casa do chefe; na nova, porém, à foz do rio, estava situado numa pequena lombada entre a fileira das casas e a baixa pantanosa, em frente à casa do meio. A barraca do *ki*, tipo de construção variando entre tapiri grande e casa pequena, é feita pelos homens. A construção e o manejo do forno pròpriamente dito, são tarefas das mulheres (cf. Dreyfus, 1963:34). Especialmente, quando há muito alimento para assar, as mulheres se reúnem ali e, em comum, tratam do forno e das comidas. O lugar do *ki* é preferencial das mulheres. Não se pode compará-lo à casa dos homens, mas quando o *ki* funciona, é a hora do “bate-papo” feminino, onde os homens são considerados como intrusos e tratados como marginais que não pertencem a esta esfera grupal. O forno comum, público, exerce, sem dúvida alguma, função social.

Além disso, observamos fornos térreos em casas particulares. Seu lugar, as mais das vêzes, ficava perto de um dos oitões e, sòmente havendo suficiente espaço, mais para o meio da casa. Parece, entretanto, que êstes fornos são construídos em casos ou para casos de emergência, mas sem caráter permanente.

Devido a sua estrutura, *ki*, o forno Xikrín, funciona, básicamente, como um forno de carvoeiro. Prepara-se primeiro um braseiro e, ao mesmo tempo, esquentam-se dentro dele, uma série de pedras aproximadamente do tamanho de um punho. As pedras do *ki* são sempre lisas, de forma arredondada ou oval, tiradas do rio. Quando a brasa está boa e as pedras bem quentes, estas são retiradas e postas na beira do fogo. Entrementes, forma-se uma fogueira no mesmo local, colocando-se lenha em cima da brasa em duas ou três camadas cruzadas. Por fim, põem-se as pedras já pré-aquecidas. Na escolha da lenha há certas preferências. Deram-nos uma série de nomes de madeiras, para nós desconhecidas. Todavia, nunca se emprega lenha cuja fumaça possa afetar o gôsto da comida.

Outra maneira de confeccionar o *ki*, embora não passando de uma simples variante, é esta: tendo bastante brasa no fundo, arma-se o forno, colocando alternadamente uma camada de lenha e uma de pedras. O número das camadas depende da quantidade de comida a ser

assada. Queimada a fogueira, retiram-se os restos ou tocos de lenha, coordenam-se as pedras dentro da brasa e colocam-se as comidas. Estas são embrulhadas em fôlhas de bananeira ou sororoca ou, raras vêzes, em outras fôlhas largas, para que os alimentos não se queimem, não tomem gôsto de fumaça ou fiquem sujos de terra. Cada mulher coloca assim a comida preparada por ela, e que é, quase sempre, o sustento do dia para a família. Assim embrulhada, a carne se torna realmente macia e guarda todo o sabor.

Por fim, procede-se a cobertura dos alimentos. Sôbre os embrulhos estende-se uma camada de fôlhas de bananeira ou uma esteira velha e rôta ou mesmo qualquer palha que possa proteger as comidas da terra com a qual, em seguida, todo aquêlê aparato é coberto. A brasa e as pedras quentes guisam as comidas que ali ficam como que enterradas, assando durante duas ou três horas. Depende isso da espécie do alimento, se a carne é conhecida como dura ou não. Quando os embrulhos de comida são grossos, de forma que o lado menos afetado pela brasa possa cozer mais devagar, desmancha-se o *ki* e viram-se os pacotes. Neste caso, porém, o forno não é mais recoberto e continua-se a assar o alimento sôbre pedras quentes e brasas abertas (cf. Banner, 1961:4; Diniz, 1962:7; Dreyfus, 1963:34 seq.).

Êste é, esquemáticamente, o procedimento na preparação e o manejo do *ki* coberto. Todavia, para certas comidas, êle é usado aberto. É preparado da maneira descrita para obter brasas e pedras quentes, mas não se cobre com terra. Desta maneira são assados, p. ex., jabutis, milho em espigas, bananas em casca, etc. (est. 1 b).

Como já ficou dito, o trabalho no *ki* é feito exclusivamente pela mulher. Quando o homem quer assar, por conta própria, uma espiga de milho, umas batatas-doces ou seja o que fôr, faz isso sôbre o fogo aberto, seja em casa, no fogo ao lado da esteira, ou fora, ou ainda na "casa dos homens", onde os meninos e rapazes solteiros fazem as suas pequenas refeições extras.

6. ACAMPAMENTOS EM VIAGENS

Na época das andanças anuais, os Xikrín fazem, em grupos familiares, excursões de coleta e caça, ausentando-se da aldeia por tempo mais ou menos longo. Nestas viagens constroem tapiris nos pontos de permanência mais demorada. Dizem êles que são tapiris sólidos, bem feitos. Todavia, nunca tivemos ocasião de observá-los. Os que encon-

tramos em caminho eram bastante primitivos, consistindo de varas e galhos colocados entre moitas e arbustos, cobertos com folhas de sororoca. Nos lugares de demora mais prolongada, as mulheres fazem sempre o forno. Mesmo depois de anos pode ser reconhecido tal lugar pelas pedras do *ki*, amontoadas. Se a demora porém é curta, de uma noite só, normalmente não fazem tapiris e menos ainda forno. Dormem ao relento. Cortam algumas folhas de sororoca (bananeira brava) ou de babaçu, que servem de fôrro ou esteira. Não gostam de dormir diretamente no chão. Entre os lugares das várias famílias, sempre fazem um pequeno fogo para aquecer o corpo nas noites, que são bastante frias. Numa ligeira excursão nossa, feita com os Xikrín, foram as mulheres e os meninos que prepararam os lugares de dormida no chão, enquanto os homens cuidavam do fogo (cf. Banner, 1961:2 seq.; Dreyfus, 1963:25).

7. HABITAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Como simples informação queremos anexar ainda uma nota arqueológica, fornecida pelos Xikrín, a respeito de habitações antigas. Perguntando por cavernas ou lapas nas serras daquela região, possivelmente habitadas por seus ancestrais, os Xikrín informaram ignorar tais lugares. Mencionaram, todavia, um tipo de moradia arcaica dos antigos Kuben Kamrek-ti, ancestrais daqueles que, antes da invasão Kayapó no Itacaiúnas-Caiteté, habitavam aquelas terras. Estas habitações consistiam em um buraco cavado na terra, em lugares mais altos, não acessíveis ao ajuntamento de águas de enxurradas ou infiltrações. Dentro, a terra se apresenta bem queimada como no interior de um forno (que os nossos informantes viram em Marabá). Opinam eles que os primitivos enchiam o buraco com lenha, tocando depois fogo para secar e queimar a terra, fazendo-a ao mesmo tempo dura e resistente. Um destes buracões encontra-se não muito longe da foz do Caiteté, à margem direita do rio, a cerca de duas horas a pé, dentro da mata. Devido à falta de transporte (o rio estava muito cheio na ocasião e os Xikrín não usam canoas) e o nosso estado de saúde (malária) não podemos visitar o local.

II. EQUIPAMENTO MATERIAL

1. MATERIAIS DE FIXAÇÃO

Pretendemos juntar sob êste título vários objetos ou materiais, cuja função principal é segurar peças compostas, fazer emendas, seja por meio de matérias colantes ou amarrações. Nêste sentido agruparemos, aqui, tipos de cerol e de fios ou corda de envira e algodão.

a) CEROL

O cerol é a cola indígena, empregada em flechas, trançados, cascas e madeiras para prender fios, talas ou pequenas peças. Os Xikrín fabricam duas espécies de cerol, chamadas *muinya-róp* e *tóp*.

Muinya-róp é a "cêra" ou seja a resina de jatobá (jutaí, jutaíca), ao qual se junta um pouco de urucu, para dar uma côr avermelhada (cf. Banner, 1961:39). Não tivemos ocasião de observar o processo de fabricação. É conservado em envolturas de palha de babaçu ou ainda em recipientes de taquara. É preparado e utilizado pelos homens, especialmente como decorativo nas emplumações e nas empunhaduras de flechas.

Tóp é outra espécie de cerol, obtida da cêra de abelha silvestre. É de côr escura. Ignoramos se entram ainda outros ingredientes. Também é usado como material colante em flechas, etc., mas destaca-se como suporte para o adôrno *me-kutóp*. Igualmente fazem-se dêle as figuras de cêra. Fabricação e uso compete aos homens.

b) ENVIRA

Entre as enviras empregadas pelos Xikrín para amarrações, existem duas espécies diferentes que em aplicação e forma são também divergentes: imbaúba e ambé.

Imbaúba — Aproveita-se a entrecasca de imbaúba nova, por ser ainda mole e elástica. Depois de retirada a casca externa e a clorofila, tiras estreitas são torcidas sôbre a côxa, para fazer cordas. O emprêgo destas varia: para uso no arco, para amarrar pesos e objetos, e mesmo para servir de cordel-cinto masculino. Fabricação e uso compete aos homens. Cordas de envira chamam-se *djêdjê*.

Ambé — Outra espécie de “envira” obtém-se da casca de ambé (*boikó*), que é extraída em tiras de 0,5 cm de largura, mais ou menos. Às vêzes, os pequenos nós existentes são alisados com a faca. Guarda-se o *boikó* enrolado. O material é utilizado, especialmente, em amarrações de flechas e trançados de bordunas, pulseiras, etc., para contrastar, com sua tonalidade escura, com a côr mais clara das talas de taboca. Fabricação e emprêgo são tarefas dos homens.

c) ALGODÃO

O algodão colhido não recebe tratamento especial. É chamado *kadyot*. Depois de bem sêco ao sol, é guardado em bôlsas de palha. Quando necessário, fazem-se os fios com o fuso. O processo de fabricá-los é o comum entre os índios amazônicos e bastante conhecido por descrições, dispensando repetições. Fios de algodão são de aplicações múltiplas e usados tanto por mulheres quanto por homens. O trabalho de tecer fios, todavia, é da competência das mulheres.

2. ARMAS

Observamos entre os Xikrín, durante a nossa estada, as seguintes armas: arcos, flechas, bordunas e lanças. Todavia, afirmam êles que seus ancestrais desconheciam o arco e a flecha (8) e que sua arma principal era a borduna. Esta tradição, de certa maneira, é confirmada pelos Xipáya, vizinhos dos Kayapó que, segundo Nimuendaju (1923/4:838) denominavam os Kayapó de “tukama-ma-i”, isto é, os “sem arco” e de “pakiridai”, ou seja, de “gente borduna”. Os Juruna empregam designações semelhantes (9). Com tais denominações, portanto, os Xipáya e Juruna apontam para um traço outrora característico dos Kayapó, a saber, a ausência dêsses elementos culturais que àqueles eram familiares. Embora se tenha notado a presença do arco e flecha entre os Xikrín e outros Kayapó desde os primeiros contatos, parecem ser elementos culturais relativamente recentes entre êles, o que não exclui que sua aquisição remonte a épocas anteriores às das aproximações com os civilizados. Outrossim, deve datar de uma fase anterior à separação dos Xikrín do grupo principal, hoje constituído

(8) — Também Banner (1961:17) menciona uma tradição Gorotire de um tempo sem armas.

(9) — *pakiridai*: Nimuendaju explica o nome como composição de *pakiri* = borduna e *dai* = expressão coletiva para “gente, índios, povo”, etc. — Aliás como verificamos ultimamente em pesquisa de campo, os Juruna usam denominação quase igual para os Kayapó, a saber “Txukahamãe”, com o mesmo sentido de gente “sem arco”. Comparem-se os termos Xipáya e Juruna!

pelos Gorotiré, pois arco e flecha são essencialmente de tipos e formas iguais entre as várias facções Kayapó.

ARCOS

Os arcos Xikrin, para uso dos adultos, são bastante compridos e variam entre 195 cm e 210 cm (cf. Dreyfus, 1963 : 38). São feitos de paxiúba, fabricados e usados somente pelos homens e, segundo declaração dos próprios índios, para fins exclusivos de caça, pois nos assaltos de guerra usam a borduna (10). No recorte transversal, o arco mostra forma retangular, embora com beiras levemente arredondadas (11). Possui, em média, uma largura de 3 cm e uma grossura de 1,5 a 1,7 cm na empunhadura. As pontas, de 2 a 5 cm de comprimento, são entalhadas para melhor assentamento da corda.

A madeira é desbastada com o terçado e a faca. O alisamento se faz com um caramujo grande do mato, cuja concha se quebra no ápice. Este serve, pois, de plaina e pelo buraco feito saem os finos cavacos. A técnica de endireitar madeira por meio de aquecimento e óleo quente é conhecida e usada. Comumente não usam enfeites nos arcos, a não ser em determinadas festas, quando se dança com as armas na mão. Amarra-se, então, um pendente de miçangas ou um tufo de penas ao tampo. Esta ponta superior possui quase sempre uma amarração de fios de algodão pintados, terminando em pequenas franjas. Mais raramente se encontra, perto da empunhadura, semelhante amarração de fios, dividida, às vezes, em dois a quatro segmentos.

A corda do arco, feita de envira de imbaúba nova, é bastante comprida. Depois de colocada em fixação "temporal", a parte restante é levada da ponta inferior do arco até a empunhadura, onde é enrolada numa amarração de voltas paralelas. Como todas as cordas de envira, também esta é fabricada por meio de torcimento em cima da côxa, pelos homens. O armamento não se realiza com o joelho, mas com o pé. A ponta inferior do arco é encostada no chão e, vergando-se com o pé o arco, pisando no meio dele, arma-se a corda.

(10) — Ocasionalmente, os Xikrin se defenderam contra certas insinuações dos civilizados. Bepkwáre disse: "Quando *kubén* (os civilizados) diz que Xikrin matou alguém a flechadas, é mentira deles ou foi outro índio quem matou, porque Xikrin não mata (gente) com flecha; mata é com borduna". Acreditamos que, basicamente, essa asserção esteja certa, embora, sem dúvida permita exceções.

(11) — Arcos de secção semi-lunar anotados por Dreyfus (1963 : 38) para os Gorotiré, não foram observados entre os Xikrin. A forma aí mencionada é típica para o arco dos vizinhos Munduruku.

O arco infantil diverge, de certa maneira, do adulto. O dos meninos maiores possui um comprimento de 80 a 130 cm, enquanto os que servem de brinquedo aos garotinhos têm de 30 a 50 cm. Nestes arcos aparecem também secções transversais convexo-planas e até circulares e, embora raramente, fixação frontal da corda, a qual também é feita de envira (12).

TERMINOLOGIA :

arco	<i>djudjê</i>
tôpo do arco (ponta de cima)	<i>djudjê-krút</i>
pé do arco (ponta de baixo)	<i>djudjê-katé</i>
pontinha, extremidade do arco	<i>djudjê-kruenmabêt</i>
amarração de algodão (no tôpo)	<i>djudjê-krut-kam-üre</i>
amarração de algodão (na empunhadura)	<i>djudjê-katendjê</i>
corda (em geral)	<i>djêdjê</i>
corda do arco	<i>djudjê-djê</i>
nó da corda do arco	<i>djudjê-nyôrú</i>

FLECHAS

Da mesma forma como o arco, também a flecha é de fabricação e uso dos homens. Foram observados nove tipos que se distinguem, mòrmente, pela ponta, seja pelo material empregado, seja pela forma e finalidade. Há certa distinção entre flechas de caça e de pesca, mas há também tipos intermediários para ambas as finalidades. Tôdas, porém, possuem emplumação, inclusive as de pesca. O comprimento total varia entre 130 e 170 cm. O tipo mais curto é o chamado *poteké*, com haste de madeira paxiúba que, por causa de seu pêso, não passa de 115 cm, sendo 90 cm o limite inferior. Para facilitar êste pequeno estudo da flecha Xikrín, damos, em seguida, as principais indicações sôbre os elementos que a compõem (13).

Em anexo vai uma tabela analítica cujos principais dados foram tirados da coleção Xikrín, do Museu Goeldi, por nós adquirida em 1963.

PONTAS — A flecha recebe o nome pelo tipo da sua ponta. Devem considerar-se três fatôres para o seu melhor conhecimento: material, forma e uso, dependendo, todavia, êste último fator dos dois anteriores.

(12) — Para a condensação das notas sôbre arco e flecha, consultamos também, com proveito, o fichário etnográfico do Museu Goeldi, organizado pelo Prof. M. Simões e sua equipe.

(13) — Sôbre a confecção das flechas Gorotíre, cf. Dreyfus, 1963 : 38.

Em termos gerais vale citar aí o seguinte: o material usado para pontas é constituído por madeira, taquara, osso e, ultimamente, ferro. As formas se restringem, basicamente, a duas, sendo uma lanceolada (incluindo a do tipo lança propriamente dito) e outra apontada, afiada (variando entre os tipos espeque e em bisel). Dependendo da forma e da consistência do material, as pontas são empregadas para flechas de caça ou de pesca ou, em muitos casos, para ambos os fins. Não observamos pintura nas pontas. Conforme o tipo, a ponta é ligada diretamente à haste ou a uma vareta, peça intermediária entre haste e ponta. As fendas ou vãos para colocar ou encastrar pontas são feitas com um instrumento chamado pelos Xikrín “*kukê-djuá*”, isto é, “dente de cutia”.

Podemos distinguir os seguintes tipos de flechas e pontas:

a) *kruanó* — É ponta de madeira paxiúba, tipo espeque, afiada ou em bisel, e embutida diretamente na haste. Suas medidas variam entre 30 e 60 cm de comprimento e 1 a 1,5 cm de largura. A flecha deste tipo é usada na caça de animais pequenos, aves e passáros, e também na pescaria.

b) *büri* — Também esta flecha possui ponta de paxiúba, porém de forma lanceolada, medindo entre 33 e 54 cm de comprimento, com 2 a 4 cm de largura. A flecha não possui vareta e a ponta está encastrada diretamente na haste. Tem emprêgo principal na caça de animais de porte maior.

c) *pó* — É flecha com ponta de taquara, lanceolada, ligada a uma vareta embutida na haste. A ponta tem comprimento de 40 a 50 cm e largura de 2 a 4 cm. Encontram-se duas variantes, que se distinguem pelas proporções relativas entre haste e vareta, ou sumba. Um tipo possui a vareta curta, de 3 a 5 cm somente, com haste comprida, variando entre 95 e 110 cm; o outro mostra uma haste curta, de 22 a 30 cm, enquanto a vareta chega a ter 70 a 80 cm. Também esta se usa na caça a animais grandes.

Tôdas as pontas de taquara possuem um estôjo protetor, constituído por folhas de babaçu dobradas e amarradas com fios finos de envira. Somente na ocasião do uso as folhas protetoras são retiradas. Como razão da existência desses estojos, os Xikrín alegaram que as pontas devem ser conservadas secas e enxutas, pois molhando a taquara, a ponta não prestaria mais para matar caça. Trata-se, provavelmente, de uma crêndice venatória dos índios. Outrossim, não existindo taquara na região do Caiteté, os Xikrín têm que baixar até a serra da

Redenção, no rio Itacaiúnas, para obtê-la, a uma distância de 2 a 3 dias de viagem, a pé.

d) *potekê* — É semelhante ao tipo anterior na ponta de taquara lanceolada e nas dimensões. Todavia, não existe vareta. A ponta é ligada, diretamente, à haste que, neste tipo, é de paxiúba. Devido a seu pêso, esta flecha é mais curta que as dos outros tipos, medindo no total entre 95 e 115 cm. É utilizada na caça a animais de porte maior. Também esta ponta, por ser de taquara, possui estôjo protetor.

e) *mrii-i* — Tipo de flecha que se destaca por sua ponta de osso. Existem duas variantes: osso lateralmente amarrado à vareta ou superposto a ela. A denominação é a mesma em ambos os casos.

1) Ponta de ossos lateralmente amarrada, formando pequena farpa. — A flecha possui uma sumba de madeira, unilateralmente aplainada na sua extremidade (em bisel), lugar onde o osso é colocado. A ponta mesmo é cortada de costela de anta ou veado, de forma levemente lanceolada, com cêrca de 7 a 10 cm de comprimento. É segura por uma amarração de fios de algodão e cerol, feita à base de resina de jatobá. Na extremidade inferior, a ponta (o osso) por sua posição, sobressai um pouco, formando farpa. O fio de amarração muitas vêzes se estende ao longo da sumba para baixo, por uns 10 cm ou mais, onde é novamente amarrado. Talvez sirva tal amarração como medida de segurança para não perder a ponta, caso a flecha quebre pelo impacto com o animal caçado.

2) Ponta de osso superposta. — Trata-se nestes casos sempre de ossos ôcos, especialmente de coxa de macaco-prego. A ponta é superposta à sumba de madeira bem afiada, a qual se empurra para dentro do osso. Para segurar, usa-se cerol. As medidas da ponta são as mesmas, como as acima referidas.

Ambas as variedades relatadas são empregadas na caça de aves, animais pequenos e, às vêzes, na pesca.

f) *miêtyetperü* — Talvez esta flecha constitua somente uma subforma da anterior, de ponta de osso, com a diferença de que esta é substituída por um ferrão de arraia, amarrado lateralmente como no tipo supra. Quanto nos consta, esta flecha é usada, exclusivamente, na pescaria.

g) *Ponta de ferro* — É um tipo de flecha ainda não muito difundido e, sem dúvida, recente entre os índios Xikrín. As pontas são adquiridas por intercâmbio com os castanheiros do rio Itacaiúnas. São bicos de ferro farpeados, como podem ser comprados em lojas de ferragens.

1.	Nome		<i>kruanó</i>	<i>bürí</i>	<i>pó</i>
2.	Uso		caça : animais peq.; aves maiores; pesca	caça grande	caça grande
3.	Tamanho total		130 — 170 cm	135 — 160 cm	133 — 158 cm
4.	Haste	material	taquari	taquari	taquari
5.		medidas	88 — 123 cm	100 — 111 cm	a) 22 — 30 cm b) 95 — 110 cm
6.	Vareta (sumba)	material	—	—	madeira
7.		medidas	—	—	a) 70 — 80 cm b) 3 — 5 cm
8.	Ponta	material	paxiúba	paxiúba	taquara
9.		forma	afiado ou em bisel	lanceolada	lanceolada
10.		medidas	30 — 57 cm	2 — 4 cm, larg. 33 — 54 cm, compr.	2 — 4 cm, larg. 40 — 48 cm, compr.
11.	Amarrações	haste-vareta	—	—	envira
12.		ponta-vareta	—	—	algodão/cerol (raro : envira)
13.		haste-ponta	envira/cerol	envira/cerol	—
14.	Emplumação principal		arqueada	arqueada	arqueada
15.	Emplumação complementar	distal	sim	sim	sim
16.		baçal (proximal)	às vezes	não	(raras vezes)
17.	Amarração da emplumação	maneira e material	fios de algodão nas 2 extremidades	fios de algodão nas 2 extremidades	fios de algodão nas 2 extremidades
18.		na extremidade distal	fio preto	fio preto	fio preto
19.		na extremidade basal	fio branco	fio branco	fio branco
20.	Entalhe		na haste	na haste	na haste
21.	Decoração	simples resina (avermelhada)	—	—	na emplumação
22.		enrolamento de fios com resina	na empunhadura	na empunhadura	na empunhadura
23.	Notas :		—	—	possui protetor de pontas

LISTA XIXRÍN

ELA ANALÍTICA

<i>poteké</i>	<i>mrü-í</i>	<i>miétyetperü</i>	de ferro	<i>akêno</i>	<i>ikóp</i>
caça grande	caça : aves e animais peq.	pesca	pesca	caça : aves e animais pequenos	caça : aves e animais pequenos
90 — 115 cm	pesca 148 — 163 cm	147 — 150 cm	156 — 165 cm	142 — 166 cm	144 cm
paxiúba (com segmento inf. de taquari)	taquari	taquari	taquari	taquari	taquari
—	95 — 110 cm	104 cm	100 — 110 cm	95 — 117 cm	99 cm
—	madeira	madeira	madeira	—	—
—	30 — 50 cm	37 cm	41 — 52 cm	—	—
taquara	osso	ferrão de araiá	ferro	madeira	madeira
lanceolada	farpeada ou em bisel	(farpeada por natureza)	farpeada	em espeque; em bisel	farpeada
39 x 2,5 cm	7 — 10 cm	—	4 — 9 cm	42 — 60 cm	—
—	envira	envira	envira	—	—
—	algodão/cerol	algodão/cerol	algodão/cerol	—	—
envira/cerol	—	—	—	envira	envira
arqueada	arqueada	arqueada	arqueada	arqueada	arqueada
sim	sim	sim	sim	sim	sim
não	às vezes	não	sim	às vezes	não
fios de algodão nas 2 extremidades	fios de algodão nas 2 extremidades	fios de algodão nas 2 extremidades	fios de algodão nas 2 extremidades	fios de algodão nas 2 extremidades	fios de algodão nas 2 extremidades
fio preto (raro : branco)	fio preto				
fio branco	fio branco	fio branco	fio branco	fio branco (raro : preto)	fio branco
no segmento de taquari	na haste				
na emplumação; na empunhadura	na emplumação	—	na emplumação	na emplumação	—
—	—	na empunhadura	—	—	na emplumação
possui protetor de pontas; amarração entre haste e segmento feita com envira	—	—	—	—	—

Tal tipo de flecha parece servir somente para a pesca. Ignoramos se os Xikrín criaram designação própria para este tipo.

h) *akêno* — É flecha com ponta de madeira, alisada, em espeque ou, às vezes, em bisel, cujo comprimento varia entre 40 e 60 cm. Não possui sumba, pois a própria ponta consiste na vareta apontada, encastada diretamente na haste. É flecha de caça, usada para animais pequenos e aves.

i) *ikóp* — Assemelha-se bastante ao tipo anterior. A ponta de madeira, também em espeque ou em bisel, possui todavia uma farpa, que se obtém pelo aproveitamento de uma pequena forquilha da própria madeira usada para a ponta. Medidas e uso são os mesmos do tipo anterior.

Enquanto as pontas divergem em material, forma e tamanho, nota-se nos restantes elementos que compõem a flecha Xikrín, uma vasta homogeneidade e concordância de estrutura e execução.

Haste — A porção maior da flecha é constituída pela haste. Aproveita-se para este fim uma espécie de taboca, chamada taquari. O emprego das sagitárias é desconhecido; possivelmente não existam na região. Única exceção faz o tipo de flecha denominada *póteké* que, em lugar de taquari, possui haste de madeira de paxiúba, bem alisada, como já referimos. Todavia, no último terço da haste, existe sempre um segmento de taboca taquari, servindo de empunhadura e de apoio para a emplumação.

VARETA OU SUMBA — Nos tipos de flecha em que existe uma sumba, esta é sempre feita de madeira. Nos tipos *kruanó*, *büiri*, *akêno* e *ikóp*, ponta e vareta coincidem, sendo uma só peça. Na flecha *póteké*, a ponta é ligada diretamente à haste de paxiúba, cuja extremidade distal faz o papel de sumba.

AMARRAÇÕES ENTRE PONTA, SUMBA E HASTE — Observa-se uma grande homogeneidade no tipo e no material das amarrações usadas entre os três elementos mencionados.

a) Entre haste e vareta, as amarrações são feitas, exclusivamente, de tiras de envira de ambé.

b) Entre vareta e ponta, na grande maioria dos casos, são empregados fios de algodão reforçados por uma camada de látex resinoso; raríssimas vezes usa-se envira de ambé.

c) Entre haste e ponta, portanto nos casos onde não existe sumba ou vareta, a amarração é feita com envira e resina de jatobá.

EMPLUMACÃO — Tôdas as flechas possuem emplumação, inclusive as empregadas na pesca. Usam-se quase exclusivamente, para êste fim, penas de arara, de urubu e de mutum, do chamado “mutum-castanheiro” (*kaenorotí*). Outras, como as de gaviões, etc., são utilizadas em escala menor. Todavia, é costume empregar na emplumação, penas diferentes nos dois lados da flecha, geralmente de arara num lado e de urubu ou mutum no outro. É raro encontrarem-se penas da mesma espécie de ave em ambos os lados da emplumação; isto somente, quando motivado pela falta de material apropriado. A maneira de amarrar a emplumação é sempre, e sem exceção, a arqueada. As duas penas são prêsas somente em suas extremidades por amarrações com fios de algodão. Para a emplumação obter sua forma típica, as bordas são queimadas, passando-se uma brasa, ao longo. Não se usa faca para êste fim.

EMPLUMACÃO COMPLEMENTAR OU DECORATIVA — Consiste em algumas peninhas de côres vivas, imprensadas nas amarrações das extremidades da emplumação principal. Ignoramos a sua verdadeira finalidade. Talvez seja mesmo só decorativa.

Esta emplumação complementar pode existir em dois lugares :

a) no lado distal da emplumação grande — Aparece neste lugar em todos os tipos de flechas observadas. Chama-se *motprü*. A sua colocação se faz em sentido transversal ao do entalhe.

b) no lado proximal ou basal da emplumação maior — Nos tipos de flecha *büri*, *poteké*, *miêtyetperü* e *ikóp* nunca foi observada emplumação complementar, nesta parte. Nos restantes, a sua existência é irregular, ora havendo, ora não. Interessante a êste respeito é uma referência Xikrín dizendo que, originariamente, a colocação dessa emplumação complementar basal não era costume deles e sim, dos seus vizinhos tupi, os *Kuben Kamrekti* ou seja “Índios Vermelhos”. No uso atual nota-se pois, uma ligeira influência tupi, embora os contatos entre os dois grupos, segundo alegação daqueles, tenha sido quase sempre hostil. Todavia, quando usadas, estas peninhas são colocadas em sentido vertical em relação ao entalhe da haste, cobrindo, às vêzes, os lados externos da fenda do entalhe.

AMARRAÇÃO DA EEMPLUMACÃO — Em todos os casos observados, sem exceção alguma, esta amarração consiste em fios de algodão que prendem somente as duas extremidades das penas. Nota-se, entretanto, o seguinte :

a) Na amarração da extremidade distal emprega-se quase sempre (são raríssimas as exceções) um fio escuro ou até prêto.

b) Na amarração da extremidade basal aplica-se sempre um fio claro ou branco que, naturalmente, com o tempo escurece um tanto pelo uso. Ela se estende, normalmente, até o fim da haste, formando empunhadura por enrolamento de fio.

DECORAÇÃO — Ligeiros elementos decorativos encontram-se na aplicação de *muinyaróp*, isto é, de resina de jatobá, avermelhada. A aplicação foi observada nas seguintes formas :

a) O trecho de haste, ocupado pela emplumação, é besuntado com a resina vermelha, ou inteiramente ou em forma de espiral, a qual se obtém, colocando-se na ocasião do trabalho (ou da pintura) uma tala de casca de ambé em espiral, depois retirada. Decoração desta forma foi observada em flechas dos tipos *pó*, *poteké*, *mrü-i*, *akêno* e nas de bico de ferro.

b) Encontram-se, embora menos vêzes, naquele mesmo trecho indicado, segmentos de fios enrolados na haste (mas sem prenderem as penas da emplumação), cobertos com a mencionada resina de jatobá. Este tipo de decoração foi notado, especialmente, em flechas do tipo *pó*.

c) O enrolamento de fios de algodão, na empunhadura da flecha, acha-se coberto desta resina de jatobá, vermelha. Assim acontece em quase tôdas as flechas dos tipos *kruanó*, *pó*, *büri*, *ikóp* e *miêtyetperü*.

ENTALHE — O entalhe de assentamento existe em tôdas as flechas. É cortado na própria haste de taquari, também no tipo *poteké*, onde o segmento de taboca serve de empunhadura.

FLECHAS DE CRIANÇAS

Segue uma nota complementar sôbre as flechas infantis, que servem de brinquedo ou também para os primeiros ensaios dos pequenos atiradores. O tamanho destas flechas varia, naturalmente, conforme a idade da criança. Mas, básicamente, são feitas nos mesmos moldes, materiais, etc., como as acima referidas, usadas pelos homens. Para as crianças menores, todavia, servem talas de pínulas de babaçu. Deixa-se na extremidade proximal desta flechinha um pedaço de pínula, em imitação à emplumação da flecha. As vêzes a ponta é afiada a faca. O nome destas flechas-talas é *kwakê-kakiére*.

TERMINOLOGIA :

flecha (têrmo geral)	<i>kruá</i>
ponta	<i>wá</i>
haste	<i>pó, póre</i>
entalhe	<i>iprá</i>
vareta, sumba	<i>pô-ü</i>
emplumação, empenação	<i>imrô</i>
emplumação complementar distal	<i>motprü</i>
emplumação complementar basal	<i>irári</i>
ambé, envira de ambé	<i>boikó</i>
fleça, tipo	<i>kruanó</i>
" "	<i>bürí</i>
" "	<i>mrü-i</i>
" "	<i>miêtyetperü</i>
" "	<i>akêno</i>
" "	<i>ikóp (kruá ikóp)</i>
" "	<i>pó</i>
" "	<i>poteké</i>
" "	<i>kwakê-kakiére</i>

Bordunas

A arma tradicional e predileta do índio Xikrín é a borduna. Já nos referimos à tradição tribal de que, originariamente, os Xikrín (e Kayapó em geral) não possuíam arco e flecha e que a borduna era a sua arma principal. De fato, o Kayapó é perito, ágil e mesmo terrível no seu manejo. Ele dá o golpe com um movimento relativamente curto, sem levantar a borduna muito além da cabeça, pegando-a no cabo e pelo têrço superior. Entretanto, quando golpeia, faz isso com tal fôrça e veemência que se ouve nitidamente o sibilo do ar (14). Tôdas as bordunas dos Xikrín são feitas e utilizadas pelos homens: na caça. "para matar os bichos depois de flechados" (cf. Dreyfus, 1963:29), nos ataques de guerra e para fins cerimoniais (est. 5 b).

Nas peças que encontramos, podem distinguir-se três tipos: bordunas tipo cacête, bordunas de secção circular e bordunas espatuladas.

(14) — Banner (1961:22) cita uma maneira diferente do manejo da borduna entre os Kayapó do Xingu.

1 — Bordunas tipo cacête : *kô* — São, na verdade, cacêtes de madeira dura ou mesmo de âmago de pau, alisados e, geralmente, de igual grossura em todo o seu comprimento. Todavia, a extremidade inferior é, às vêzes, um pouco mais grossa ou até ligeiramente recurvada, formando pequeno ângulo, comparável, de certa maneira, a um taco de golfe. A secção transversal é mais ou menos circular. Os tamanhos variavam entre 100 e 120 cm. O uso preferencial é para a caça. De certa maneira, esta borduna liga-se ao tipo seguinte por sua forma, nome e base circular.

2 — Bordunas de base circular — Como já o nome dá a conhecer, o traço comum em tôdas as variantes dêste tipo de borduna é a base ou secção circular no seu corte transversal. Poderia ser definida como borduna cilíndrica-convexa, de secção circular com estrias ou sem elas. É êste o tipo que criou mais fama entre a população do Baixo-Amazonas sob o nome de "borduna Kayapó". É bastante comprida, embora seu tamanho dependa um tanto da altura da pessoa que a usa. Para a confecção, o material usado é o âmago e a madeira de *pin tük* ou seja, o "pau prêto", cujo nome popular desconhecemos.

Também o Xikrín faz uma certa classificação entre as variantes existentes, que se revela pela denominação *kô* e *kô kangô*. *Kô* são tôdas as bordunas de base circular, lisas em tôda a sua extensão, sejam elas grandes ou pequenas; *kô kangô* são as bordunas de base circular que mostram certos tipos de decoração nas faces externas.

Kô — Podem fazer-se algumas distinções segundo o tamanho. Há bordunas curtas que o índio leva à mata em breves excursões, quando não se afasta muito da aldeia. O tamanho varia entre 50 e 75 cm de comprimento. São lisas, sem sulcos decorativos, embora de cabo e ponta bem destacados, da mesma maneira como acontece nas que são compridas. Freqüentemente, estas bordunas pequenas são aproveitadas para servirem de mão-de-pilão e nesta aplicação excepcional, não guerreira ou venatória, são usadas pelas mulheres.

Há ainda as bordunas compridas, do mesmo feitio que a anterior, cujo comprimento varia entre 130 e 160 cm, e são usadas exclusivamente pelos homens (cf. Banner, 1961:21).

Kô kangô — Dentro dêste tipo, com a mesma denominação, destacam-se as bordunas com arestas em tôda a volta, porém em sentido vertical; e outras, onde os sulcos só cobrem a metade inferior da arma, enquanto a superior fica alisada. A esta última variante de *kô kangô* pertence também a borduna que possui trançados, pois aquela parte

lisa serve justamente para colocar um trançado decorativo, feito de talas claras (de taboca taquari) e escuras (de casca de ambé), seguras por cerol, que age como cola. Muitas vezes não se faz o trançado e fica assim a parte lisa a descoberto. A transição entre o trançado e a madeira, em ambas as extremidades, se faz por um enrolamento de envira de ambé. Os sulcos decorativos são gravados com o instrumento chamado *kukê-djuá*, isto é, “dente de cutia” (cf. Banner, 1961:22; Dreyfus, 1963:38).

Dentro destas variedades de *kô* e *kô kangô*, todavia, a estrutura de borduna é sempre a mesma. Ressaltam três elementos principais: o cabo, a argola ou o cinto de separação e o corpo da borduna.

a) O cabo — Possui em média 3 a 5 cm de comprimento. É levemente cônico, medindo em sua base 2,5 a 3 cm e na sua face superior 3 a 3,5 cm de largura. Do centro do tôpo sai uma pequena ponta em forma de espigão, elemento observado em tôdas as bordunas de base circular, sem exceção. As faces externas do cabo podem ser lisas ou decoradas por sulcos verticais paralelos, independentemente do feitio, decoração, etc., do corpo da borduna. Todavia é raro ver cabo liso numa borduna de estrias.

b) A argola ou o cinto de separação — Trata-se de um cinto, tipo argola, bastante saliente, que marca a separação entre o cabo e o corpo da borduna. Praticamente pode ajudar a segurar a arma. A argola é um elemento constante. Sua largura varia entre 1,5 e 3 cm. As mais das vezes, possui um recorte mediano horizontal completo. Nunca foi encontrada decoração de sulcos na argola. Mas o recorte horizontal, freqüentemente, é lugar de uma amarração de fios de algodão, que findam em franjas do mesmo material ou quando se trata de fins cerimoniais, em pendentes de penas de côres vivas.

c) O corpo da borduna — É bastante comprido e possui entre 125 e 155 cm de comprimento. Como já referimos, é inteiramente liso ou totalmente estriado ou, ainda, coberto de trançados na metade superior e de sulcos na inferior. Em tôda a extensão, o corpo da borduna vai ligeiramente engrossando até a extremidade inferior, que possui um diâmetro de 4,5 a 5 cm. Também aí, em semelhança ao cabo, sai do centro da face circular inferior um pequeno espigão bem apontado. Os sulcos, todavia, não se estendem sôbre esta face.

3 — BORDUNAS ESPATULADAS : *kóp* — Encontramos poucas armas dêste tipo na aldeia e parece que os Xikrín não as apreciam muito. As observadas, todavia, não mostravam, de forma alguma, a perfeição

dos tipos equivalentes entre os grupos do Xingu. Pelo contrário, diferiam até nos detalhes (cf. Dreyfus, 1963:38).

O material empregado para a sua confecção é, preferencialmente, paxiúba, e só em casos de emergência "pau preto", ou outros paus de âmago convenientes. A borduna espatulada Xikrín parece cair um pouco fora do estilo Kayapó, sendo talvez tipo mais arcaico, pois destaca-se pela ausência de um cabo propriamente dito. A extremidade superior, formada pelo alongamento da haste ou do corpo da borduna, em forma de ponta um tanto rombuda, serve de cabo. Uma só vez vimos alguns entalhes laterais que, talvez, possam marcar uma diferenciação entre corpo e cabo de borduna.

Para o lado da extremidade inferior, a borduna alarga-se em forma de espátula. Não possui ponta afilada, mas finda num recorte semi-lunar, côncavo. A largura máxima observada foi de 12 cm. Na maioria dos casos, a secção transversal da parte espatulada mostrava forma cavada, levemente convexa (ou côncava, respectivamente, dependendo do lado de vista) e, raras vezes somente, uma secção elíptica. Neste último caso nota-se freqüentemente, uma espécie de quina ou ripa que, principiando na extremidade inferior, se perde depois na fôlha da borduna. As medidas observadas davam uma média de 110 cm para o comprimento total, 12 cm para a largura máxima na espátula e 1,5 a 2 cm para a espessura da secção transversal. Trançados e outras decorações não foram encontradas neste tipo.

LANÇAS

Para o Xikrín, a lança é, arma ao mesmo tempo de defesa e de ataque. É fabricada e usada, exclusivamente, pelos homens, especialmente para a caça ao porco-do-mato. O nome indígena é *nôi* ou *nôi-djuá*. Feita de madeira paxiúba alisada, passa, normalmente, de 2 m de comprimento. É apontada em ambas as extremidades. Todavia, a superior é muito mais afinada para poder furar ou espetar o animal. A inferior é um tanto mais grossa, para o fim específico de fincar a lança no chão. Muitas vezes, um lado da ponta inferior possui uma pequena "quina", como nas fôlhas de certas bordunas espatuladas. Na parte central, a lança mostra corte transversal retangular com bordas levemente arredondadas, medindo 3 cm de largura e 1,5 cm de espessura em média, assemelhando-se, neste particular, ao tipo dos arcos Xikrín. Decorações não foram observadas.

3. TRANÇADOS

TERMINOLOGIA BÁSICA

A cestaria Xikrín que podemos observar, restringe-se a três tipos de trançados e mais um tipo costurado que, menos adequadamente, pode ser incluído entre aquêles. Convém estabelecer, de antemão, êstes tipos e fixar-lhes a terminologia (em parte provisória, para o uso *ad hoc*), para evitar repetições na parte descritiva. Assim podemos distinguir :

a) **TRANÇADO XADREZADO** — Êste pode ser vertical ou diagonal, dependendo do rumo em que correm as pínulas ou talas, formando pequenos quadrados (à semelhança de um taboleiro de xadrez) ou pequenos losangos. Tais trançados, entre os Xikrín, sempre são feitos de pínulas mais ou menos largas, não mais aderentes à nervura da fôlha e sem tala. São sistemas mais empregados na confecção da esteira de casal (*kupíp*) e de certas cestinhas abertas (*péyaya-ê*).

b) **TRANÇADO DIAGONAL OU CRUZADO, DE FÔLHAS COM NERVURA** — O essencial neste trançado é que se aproveita, de qualquer maneira, parte da nervura da fôlha e as pínulas aderentes com suas talas. Podemos distinguir, aqui, dois sub-tipos :

— feito de pedaço de fôlha com nervura inteira. Neste caso, as pínulas são quebradas para baixo, formando duas camadas que, depois, são trançadas entre si;

— feito de pedaço de fôlha com nervura desbastada. Nesta variante parte-se a nervura (com as pínulas aderentes) pelo meio, longitudinalmente, desbastando as metades das nervuras até ficarem duas tiras finas de 0,5 cm, mais ou menos. Obtém-se assim dois pedaços de fôlha que, colocados um em cima do outro, podem ser trançados.

Em ambas as variantes sairá sempre um trançado diagonal, onde cada pínula pode, alternadamente, saltar uma ou duas (raras vêzes três) do rumo contrário.

Na descrição usaremos para a designação abreviada, os termos : trançado diagonal, com fôlha de nervura inteira (ou desbastada, respectivamente) no salto alternado de uma (duas ou mais) talas/pínulas. Êste tipo de trançado diagonal é empregado em côfos (*kanaipuk*), bôlas (*lára*), nas partes principais de máscaras (*bô*, *kukói*) e na esteira dos solteiros (*roti-ô*).

c) **TRANÇADO DIAGONAL OU CRUZADO, DE PÍNULAS ESTREITAS** — Trata-se, basicamente, de um sistema como o já mencionado “xadrezado diagonal”, pois é feito com pínulas sem talas e sem nervuras. Todavia, difere na largura das pínulas que são bastante estreitadas (até 0,3 cm), parecendo-se, muitas vezes, com as próprias talas, quando feitas de palha mais grossa (de miriti ou tucum), como ainda pelo salto alternado de duas ou três pínulas de rumo contrário. Designaremos o trançado com o termo supra indicado, de “diagonal, de pínulas estreitadas”. Nêle são confeccionados tipitis (*kri-ô*), tipoias (*ã-i*), determinados cintos (*me-prêdjó*), o paneiro das mulheres (*ko*) e várias bôlsas (*mokó, kângre, kângetú*).

d) **SISTEMA DE PÍNULAS COSTURADAS** — Visto que êste “costurado” aparece num só tipo de peças, na cesta-caixa chamada *waraba-ê*, a maneira de confecção será mencionada posteriormente.

e) **BEIRAS** — Quanto às beiras das cestas, aparecem dois tipos: o de talas cortadas e o feito por dobramento das pínulas.

No primeiro caso, as pínulas são imprensadas entre duas argolas de talas mais fortes, as quais são amarradas entre si. O excedente das pínulas é cortado rente às argolas. Assim p. ex. na cesta *ko*.

No segundo caso, as pínulas são simplesmente dobradas e aproveitadas para a continuação do trançado (abanos, etc.); as pontas são enfiadas e escondidas entre as malhas do trançado já existente (*pêyaya-ê*, etc.).

f) **TRANÇADO EM PRÊTO E BRANCO** — Incluiremos ainda nestas notas algumas palavras sôbre os trançados em prêto e branco. Seja dito que nunca observamos, entre os Xikrín, uma só peça de uso, cestinha ou o que seja, feito num trançado dêstes. O tipo em prêto e branco aparece sempre e exclusivamente como elemento decorativo em objetos que podem ser considerados cerimoniais em sentido mais amplo, e que muito bem poderiam ser usados sem êles, em outras circunstâncias. Assim, p. ex., em bordunas, em braceletes e em braçadeiras do tipo *pin-ko-kam-üire*. As talas claras são de casca de taboca, pois, ao que parece, não existe arumã naquela região. Para as talas escuras emprega-se casca de ambé. O trançado é sempre feito com as talas em ângulo reto, saltando uma, duas ou três do rumo contrário. Os desenhos em uso são poucos e quase sempre variantes de um desenho básico.

Tendo assim destacado a maior parte dos tipos de trançados mais comuns, será mais fácil definir, em seguida, os vários objetos que a esta categoria pertencem.

CÔFOS

Um côfo, tipo de cesta, chamado *kanaiplik*, é empregado para carregar pesos, como sejam: produtos da roça, castanha, etc. Embora feito pelos homens, pessoas de ambos os sexos se utilizam dêles. O material aplicado é a fôlha de babaçu. Todavia, a confecção dêstes côfos segue um sistema de trançado diferente, porque se começa com a bôca e termina-se, fechando-o, pelo fundo.

O trançado é diagonal, com fôlhas de nervura desbastada, num salto alternado de duas pínulas. Depois de preparada uma certa parte do trançado, estendido no chão, dobra-se o que restou da nervura principal, amarrando as pontas com envira. Obtém-se desta maneira, a bôca da cesta, que é mais ou menos oval. Continua-se, depois, com o trançamento no sistema aludido até chegar ao ponto de as bordas finais se tocarem. Fecha-se, então, o fundo, passando as pínulas para o lado de dentro da cesta, onde são trançadas entre si e com as outras vizinhas num sistema de trança um pouco saliente. Os tamanhos do côfo variam. Um de tamanho médio tem mais ou menos, 50 x 25 cm de diâmetro na bôca e 40 cm de altura. Para as amarrações e como meio de carregá-los usam tiras de envira, amarrada nos dois lados estreitos. O côfo-paneiro é carregado com a envira passada pelo peito na altura dos ombros. Pinturas ou outros enfeites não foram encontrados.

Excepcionalmente são feitos também côfos compridos para guardar algodão ou material semelhante. O maior que encontramos tinha 105 cm de comprimento e 40 cm de altura.

PANEIROS

Ko é o paneiro das mulheres que o usam para carregar produtos da roça, lenha, etc. Embora feito pelos homens, é de uso exclusivo delas. É fabricado de pínulas fortes, estreitadas, de babaçu (est. 2 b).

Na confecção começa-se com o centro do fundo num sistema retangular para constituir os primeiros cantos, cuja continuação forma, nas paredes, carreiras ou colunas largas, verticais, destacadas, pois cada pínula salta quatro outras de rumo contrário, alternadamente. As últimas carreiras de cima correm em posição horizontal.

A amarração da beira obedece ao sistema das pínulas cortadas, impressadas entre duas argolas. Por fim, a beira tôda fica coberta com tiras largas de casca de ambé. Tudo junto é amarrado seguramente, em distâncias de 2 a 2 cm.

Para que o paneiro não se estrague pelo pêso e fique realmente seguro, passa-se pelo lado externo da costa uma faixa de envira, de cêrca de 5 cm de largura. Envolvendo a borda na frente, passa pelo fundo e sobe até à outra pelo lado de trás, envolvendo-a também. Ela é amarrada com fios de algodão abaixo das argolas da beira.

De maneira semelhante coloca-se, pelos lados, outra tira de envira larga, porém mais comprida, servindo ao mesmo tempo de alça ou laço de carregar. Na altura das argolas da beira é passada pelo trançado, dando-se um nó com a envira. Além disso, ela mostra amarração com fios de algodão na altura das carreiras horizontais. Recebe ainda duas amarrações, também com fios de algodão, pelo meio e perto do fundo, passados ao redor do paneiro, mas alternadamente pelo lado de fora e de dentro. Por fim prende-se com corda de envira, no fundo, no lugar do cruzamento das duas faixas de envira.

As vêzes, os pais fabricam paneiros pequeninos para as suas filhinhas, que se sentem importantes, podendo ajudar as mães.

Quando novos, os paneiros quase sempre mostram desenhos geométricos, retilineares, nos sistemas também observados em outras cestas. No paneiro, o desenho preferido são três riscos compridos, paralelos, de alto a baixo, ligados nas suas pontas superiores entre si por um traço horizontal, semelhante a um tridente invertido, de pontas para baixo. Os desenhos são feitos com tintas de urucu e colocados entre os vãos deixados pelas enviras largas.

As medidas obtidas deram, em média, 32 a 35 cm de altura, 25 cm de diâmetro de bôca e 10 x 15 cm de fundo.

CESTINHAS ABERTAS

Trata-se de pequenas cestas, cuja altura varia entre 10 e 15 cm e só excepcionalmente alcançam mais de 20 cm (est. 3, a e b). A bôca é, geralmente, circular, com 6 a 9 cm de diâmetro. A forma é cilíndrica, com o fundo quadrado ou retangular, medindo entre 6 e 10 cm. Seu nome é *pêyaya-ê*. É feita de pínulas de fôlha de babaçu num sistema de trançado xadrezado diagonal, em salto alternado. A beira se faz por dobramento das pínulas, cujas extremidades são enfiadas e enco-

bertas pelas próprias malhas. Às vêzes, repuxa-se a beira para estreitá-la mais. Em outras, faz-se uma beira num tipo de trança, assentada na borda externa da bôca (est. 3 a). Quase sempre, porém, possuem alças de envira fina ou de fios de algodão, pelas quais são carregadas ou penduradas. Ocasionalmente encontram-se também pinturas retilineares nestas cestinhas, aplicadas com tinta de urucu. Notamos que, com mais freqüência, surgem os três tipos seguintes :

— Desenhos retangulares, aplicados em tôdas as faces da cesta ou apenas duas, opostas.

— Desenhos retangulares tipo grade. Ao redor da abertura e da base passa uma linha de urucu, ambas ligadas entre si por quatro ou mais traços verticais. Tem-se a impressão que se trata de vários retângulos emendados uns com os outros. Neste sentido seria uma variante do tipo de desenho precedente.

— Desenhos retangulares interrompidos ou incompletos. Na metade inferior de cada face da cestinha existe um retângulo, todavia aberto ao fundo, faltando-lhe o traço de fechamento, resultando em um "U" invertido. Estes retângulos incompletos ficam separados entre si por um traço vertical, colocado mais ou menos nas quinas da cesta (est. 3 b).

São os homens que fabricam, pintam e usam estas cestinhas para guardar miudezas.

Existe ainda um subtipo de *pêyaya-ê*, porém pouco em uso. A diferença se encontra no trançado, que é o xadrezado propriamente dito, correndo as pínulas em rumos verticais e horizontais e não diagonais. Os dados restantes são os mesmos, já anteriormente fornecidos, sobre material, forma, tamanho e uso.

BÔLSA DE PALHA

Uma cestinha estreita, tipo bôlsa que serve para guardar miudezas, é denominada *lará* ou *rará*. É fabricada pelos homens e, as mais das vêzes, também utilizada por êles. Em sua estrutura assemelha-se bastante ao côfo *kanaipúk*, pois é de trançado diagonal, com fôlha de nervura desbastada, notando-se, todavia, duas diferenças :

a) No fundo — Aí, em lugar de passarem as pínulas para o lado de dentro para formar trança, elas são enfiadas por baixo das malhas já trançadas da parede, pelo lado externo, formando um trançado único, sem emenda aparente.

b) No sistema do trançado — Quase sempre, êste é diagonalmente xadrezado, isto é, no salto alternado de uma só pínula. Raras vêzes se usa do “salto a duas”, como, p. ex., no *kanaiipúk*.

O material de confecção é a fôlha de babaçu. A beira é formada pela nervura desbastada e dobrada. Desenhos e adôrnos não foram observados. Os tamanhos de tais cestinhas-bôlsas alcançam até 40 cm de comprimento na abertura, 20 a 25 cm de comprimento no fundo e 20 a 25 cm de altura.

BÔLSAS-CESTAS PARA SEMENTES

Trata-se de um trançado retangular, mais alto que largo, com medidas que variam entre 27 e 35 cm de altura e 23 e 25 cm de largura. Esta bôlsa é estreita e só possui abertura no centro do lado superior, com 6 a 10 cm. Sua finalidade quase exclusiva é servir de recipiente para sementes de urucu, algodão e outras semelhantes. São os homens que as confeccionam, mas as mulheres é que delas se utilizam. Material de confecção é pínula de tucum e miriti. O nome da bôlsa é *káingre* (cf. Banner, 1961:14).

O processo de fabricação é o seguinte. Trança-se uma tira da largura da bôlsa que, por fim, é dobrada pelo meio, constituindo as duas paredes. Os lados são fechados por amarração contínua de fios de algodão, formando nos cantos pequenas franjas. A beira da abertura central mostra, de um lado, um tipo de amarração por dobramento de pínulas; no outro lado, porém, existe uma beira de dois lábios ou bordas, encobrendo entre si os tocos das pínulas. Os trechos restantes, à direita e à esquerda da abertura central, são fechados com as pínulas sobresalentes, reunidas em forma de trança, cujas pontas são vergadas para baixo e presas ao lado com fios de algodão. Uma corda de envira, em forma de alça, entrelaçada com a palha das tranças, permite pendurar a bôlsa.

O trançado é feito com pínulas estreitadas, sem talas, num sistema diagonal, num salto alternado de duas, de rumo contrário.

Em algumas bôlsas destacam-se duas ou mais colunas verticais, mediante trançado de salto mais espaçado, p. ex., de três pínulas. Em outras ainda, as colunas verticais mostram um trançado irregular, cruzado. As carreiras entre o fim das colunas e a beira correm sempre em posição horizontal, saltando 4 ou 5 talas, alternadamente.

Quando novas, normalmente as bolsas são pintadas. Paralelamente às amarrações laterais, na frente e nas costas, fazem-se traços com tinta de urucu que podem ser linhas contínuas ou interrompidas ou, ainda, denteadas para o lado interno. No centro da frente ou das costas, a pintura é a já mencionada, gradeada, como no paneiro *ko* (est. 2 a).

BÔLSAS DE TAMPA FLEXÍVEL

Uma bolsa que os Xikrín usam a tiracolo é denominada *mokó* ou *mrii-kó*. É feita num trançado diagonal, de pínulas estreitas de miriti ou tucum. É confeccionada e usada exclusivamente pelos homens. Levam esta bolsa em suas viagens, caçadas ou excursões de coleta, para guardar objetos pequenos, como p. ex., cartuchos ou caramujos, breus etc., coletados. Os tamanhos variam de 14 a 23 cm de altura, 16 a 24 cm de comprimento e 5 a 8 cm de largura.

No processo de confecção são usadas duas peças. Primeiramente trança-se uma faixa da largura da bolsa, bastante comprida que, depois de dobrada, dê para fazer a frente, o fundo e as costas, continuando a ponta restante até formar a tampa. O comprimento da peça varia, por isso, entre 45 e 60 cm, dependendo do tamanho da bolsa. O sistema do trançado corresponde ao já descrito para a cesta *káingre*, também quanto às carreiras verticais que, da mesma forma, podem existir nesta bolsa. A beira interna da abertura mostra amarração do tipo envolvente. A externa (da tampa) é do tipo das bordas duplas, encobrindo os tocos das pínulas cortadas.

A segunda peça forma os lados. É estreita, com 5 a 8 cm de largura e também comprida, variando entre 44 e 70 cm. O sistema do trançado é o mesmo da peça larga, havendo ou não colunas destacadas. A junção das duas peças se faz por amarração com fios de algodão, terminando, às vèzes, em pequenas franjas nos cantos do fundo. Visto que a peça passa lateralmente, ao redor, a bolsa possui um fundo duplo pela superposição da peça frontal e lateral. Os lados, na extremidade superior, são um tanto repuxados, estreitando-os. Existe sempre uma corda de envira bastante longa que permite carregar a bolsa a tiracolo. Para guardá-la fechada nas andanças, passa-se uma corda ou simples envira ao redor. Desenhos ou pintura não foram observados.

CAIXAS DE PALHA

Waraba-ê é o nome de uma caixa de palha, feita de pínulas de babaçu com talas para guardar pequenos objetos e utensílios, pertencen-

tes à família, especialmente ao homem, pois a caixa é feita e utilizada por êle. A forma, geralmente, é retangular. A média de tamanhos é de 15 a 17 cm de altura, 23 a 40 cm de comprimento e 15 a 20 cm de largura. Fazem também, embora com menor freqüência, caixas de forma oval, com os mesmos tamanhos.

A estrutura e o sistema de confecção divergem inteiramente dos outros trançados Xikrín. Aliás, bem considerado, nem se trata de um trançado, mas sim de amarrações, em palha. Os próprios Xikrín mencionaram que, primitivamente, não possuíam tais caixinhas e sim, apanharam e trouxeram-nas das suas excursões guerreiras às aldeias dos vizinhos Kuben Kamrek-ti (tupi). Hoje, todavia, êles sabem fabricá-las.

A caixa consiste em duas peças: a caixa pròpriamente dita e a tampa. Esta, um pouco maior que aquela, cobre inteiramente a peça interna.

O processo de trabalho é o seguinte: sôbre uma tala de nervura de babaçu, flexível, e de comprimento que dê para tôda a circunferência da caixa, são engatadas pínulas compridas, dobradas ao meio, de igual tamanho, e costuradas com fios de algodão, uma junto à outra, formando assim a futura beira da caixa. Em distância adequada, que corresponde à altura da peça, encontra-se uma segunda tala em ambos os lados, imprensando assim as pínulas. Feito isto, dobram-se as talas tôdas em forma retangular, forma em que são fixadas. As pontas livres, em seguida, são dobradas para o centro. São colocadas umas sôbre as outras, de maneira igual, em duas camadas, formando assim o fundo ou o teto, respectivamente. Para segurar as pontas, passam-se, de comprido, pelo lado interno e externo duas outras talas paralelas, imprensando-as. Estas talas são primeiramente seguras com fio de algodão e ainda ligadas entre si por uma amarração em zigiguezague. Com isto, a caixa, práticamente está pronta.

Geralmente guarda-se a caixa pendurada. Para isso, a corda de envira, bastante comprida, passa pela amarração do fundo, no sentido de seu comprimento, e pela tala externa do lado no alto da tampa, ligando as duas peças e formando um laço grande e único. Destarte a tampa pode ser tirada da caixa sem que se desmanche ou tire a corda.

CESTINHAS-BÔLSAS

Um trançado em forma de bôlsa aberta, sem tampa, feito de pínulas estreitadas (de 0,5 cm aproximadamente) de tucum ou miriti,

chama-se *ká-nge-tú* (ou *kã-e-tú*). A bolsa serve para guardar objetos pequenos, breu, o cavador de “dente de cutia”, etc. É feita e utilizada pelos homens. Possuindo alça do mesmo material do trançado ou de fios de algodão, pode ser pendurada.

O trançado é feito em sistema diagonal, saltando alternadamente duas pínulas estreitadas, do rumo contrário. Para dar mais refôrço ao fundo, existe uma amarração dupla de fios de algodão, incluindo em cada laço ou nó o cruzamento de um par de talas. A beira é feita de uma maneira bastante engenhosa, formando bordas duplas, interna e externa. No espaço entre elas encontram-se os tocos cortados das talas-pínulas.

Os tamanhos médios são, aproximadamente, 30 cm de largura na boca, 20 cm de largura na base e 22 cm de altura. Decoração não foi observada.

TIPITIS

O tipiti usado entre os Xikrín é do tipo de torção. Chama-se *kri-ô* e é feito de pínulas de miriti ou tucum. É utilizado pelas mulheres para espremer massa de mandioca e de macaxeira, mas é confeccionado pelos homens. Os tamanhos variam de 50 a 70 cm de comprimento e de 13 a 25 cm de largura (cf. Dreyfus, 1963:35; Galvão, 1963:131).

O trançado é feito de pínulas estreitadas num sistema diagonal, saltando-se sempre duas outras do rumo contrário, alternadamente. As bordas são retas e se originam por dobramento das pínulas que, depois, são aproveitadas no seguimento do próprio trançado. Nas extremidades, as pínulas são bastante repuxadas para estreitar o tecido e formar um vão ou uma cavidade. O fechamento é prêso por uma série de nós que, ficando dentro da cavidade, são invisíveis por fora, compreendendo, cada um, de 4 a 6 pínulas. Juntam-se as pontas sobressalentes, amarrando-as com fio de algodão tinto de prêto e cortando-as, finalmente, deixando uma espécie de cabo de mais ou menos 8 a 10 cm de comprimento. Desenhos ou decorações não foram observadas. No uso, põe-se a massa ralada no meio do trançado que, em seguida, é torcido, espremendo assim o tucum (est. 4 a).

TIPÓIAS

As mulheres Xikrín carregam seus filhos pequenos em tipóias. Os homens as confeccionam de pínulas estreitadas de miriti ou tucum,

num trançado diagonal. São para uso exclusivo das mulheres. Seu nome é *ã-i* (cf. Banner, 1961:14; Dreyfus, 1963:37, 50, 75).

A tipóia Xikrín compõe-se, básicamente, de duas peças emendadas, de 8 a 10 cm de largura e cêrca de 70 cm de comprimento, cada uma. O trançado observado é o mesmo já descrito no processo da confecção de tipitis. Prontas as duas peças, ou tiras, elas são ligadas por um trançamento. As pontas sobressalentes são reunidas em forma de pequenos cabos de 6 a 7 cm de comprimento e amarradas fortemente com fios de algodão, formando pendentés. Os tamanhos, embora acima indicados como média, naturalmente dependem muito da estatura da pessoa que a usará (est. 4 b).

Existe ainda outro tipo mais simples de tipóia, não trançada e, provàvelmente, a primitiva. Consiste numa tira convenientemente larga de envira, com as pontas ligadas entre si por um nó de amarração. Não possui outros preparos.

CINTURÕES TRANÇADOS

Os homens confeccionam e usam um cinturão, trançado de pínulas estreitadas de miriti e tucum, para uso festivo e cerimonial. Chama-se *me-prê-djó*. Às vêzes existem pendentés na borda inferior, amarrados em distâncias de 5 em 5 cm, aproximadamente. Consistem em pequenos cordões, de 4 a 5 cm de comprimento, de contas nativas, pretas, nos quais são presas peninhas de côres vivas, especialmente de papagaios e araras.

O sistema de trançado é idêntico ao do tipiti, mesmo na amarração das extremidades, exceção feita aos nós internos das pínulas que aí não existem. O cinturão é, todavia, mais estreito que o trançado do tipiti, tendo aproximadamente 6 a 8 cm de largura. O comprimento depende, naturalmente, da circunferência do indivíduo. Medidas feitas em tais cinturões deram 75 a 80 cm de comprimento. Nas duas extremidades existem cordões para amarrá-lo ao corpo.

ESTEIRAS

Existem dois tipos de esteira. Distinguem-se pela forma e pelo uso. São chamados *kupíp* e *roti-ô*.

a) *Kupíp* é a esteira das mulheres, dos casais e das crianças menores. Encontra-se, portanto, mais nas casas, ao lado do fogo da família. Serve de cama para o casal e filhos pequenos, para os quais,

às vèzes, fabricam esteiras menores do mesmo tipo (cf. Banner, 1961:14). Ocasionalmente são levadas para fora, para a frente da casa, quando mulher e os filhos querem sentar-se ao ar livre ou quando querem aplicar suas pinturas corporais. O material de confecção consiste em pínulas de fôlhas de miriti, livres de talas e nervuras. Devido a êste fato, as tiras de pínulas são mais estreitas e o trançado torna-se macio e flexível. Usa-se um trançado xadrezado diagonal. As beiras quase sempre são retas e se originam pelo dobramento das pínulas. As dimensões de uma esteira para casal alcançam 60 x 100 cm; a de crianças desde 17 x 25 cm até 35 x 50 cm. Quando novas, são freqüentemente pintadas de urucu, com desenhos retilineares simples, num tipo gradeado. Passa-se ao redor da esteira, pelos quatro lados, um traço de urucu, numa largura de 1,5 a 2 cm, enquanto o campo interno é preenchido com 3, 5 ou 7 traços verticais, em distâncias mais ou menos iguais. A confecção das esteiras cabe aos homens casados, sendo que cada homem as fabrica para o uso próprio e da sua família. Em geral, não são emprestadas e outros casais não as usam. É também a esteira das mulheres solteiras. Neste caso, elas as recebem de presente dos irmãos ou dos pais. *Kupíp*, enquanto está aproveitável, sempre se leva quando o pessoal se muda ou a família vai em viagem.

b) *Roti-ô* é o nome da esteira dos homens solteiros e viúvos. É, por isso, mais encontrada na "casa dos homens" ou ainda ao ar livre, em lugares onde os solteiros dormem. Como o nome indica, é feita de fôlha de babaçu(= *roti-ô*) e pode ser confeccionada em ambos os tipos de trançado diagonal, de fôlhas com nervura inteira ou desbastada, sempre num sistema de salto alternado de duas pínulas. Alcançada a largura desejada, as pontas são dobradas e enfiadas no trançado já feito. Outras esteiras dêste mesmo tipo são emendadas no meio e possuem no lugar da emenda uma espécie de trança mais saliente. Os tamanhos observados são de 120 por 40 cm ou 120 por 80 cm, respectivamente, quando emendadas ou não. Normalmente só os rapazes ainda não casados as confeccionam e usam. Visto que talas e nervuras permanecem, o trançado é mais grosseiro e mais duro que o de *kupíp*.

Roti-ô, em caso de mudança ou viagem, não se leva. Abandona-se e faz-se outra no local da nova moradia.

ABANOS

Kue-kat-berê-djó é o nome do abano. Por ser denominação bastante comprida, os próprios Xikrín preferem chamá-lo pelo material de

confeção : *roti-ô* = fôlha de babaçu. Tem por finalidade única, conforme observamos, atizar a brasa e o fogo. São os homens que o fabricam, mas as mulheres que, geralmente, dêle se utilizam. Todavia, os rapazes do *ngobe*, na “casa dos homens”, quando entre si, e por não possuírem mulher, usam-no também.

A confeção do abano pode ser feita de dois modos. Com um ou com dois pedaços de fôlha de babaçu, aproveitando-se a nervura como cabo. Usa-se um pedaço de fôlha (especialmente da guia) de nervura mais fina. As pínulas são quebradas para baixo e, em seguida, trançadas entre si, diagonalmente.

Outro modo é o de dois pedaços de fôlha com nervura desbastada, no sistema já descrito para o preparo do côfo *kancipúk*. Sobrepostas da maneira que as pínulas se cruzem, são trançadas diagonalmente.

Também em relação ao tipo de trançado aparecem duas modalidades, pois os abanos podem ser feitos tanto no sistema de um xadrezado diagonal, saltando cada vez uma só pínula, como também no já descrito sistema do “salto de duas”.

Em todos os tipos, porém, as beiras são feitas por dobramento das pínulas, cujas pontas são enfiadas entre as malhas do trançado. As nervuras existentes servem de cabo.

Observamos entre os *Xikrín* três formas de abano que não se distinguem quanto ao material, trançado, ou uso.

a) O abano pentagonal — É o tipo comum e mais freqüente (est. 4 c). Aparece em tamanhos bem variáveis. Os menores tinham 10 cm de largura e 16 cm de altura; os maiores, porém, 35 cm de largura e 31 cm de altura.

b) O abano triangular — É mais raro que o pentagonal. As medidas obtidas foram de 28 cm de largura e 20 cm de altura, aproximadamente.

c) O abano retangular — O único exemplar obtido tinha 28 cm de comprimento e 15 cm de largura. A borda inferior não era reta, mas denteada pelo dobramento irregular das pínulas.

OUTROS TRANÇADOS

Uma série de trançados, por não serem diretamente de uso diário, p. ex. : máscaras, brinquedos de palha e certos suportes para cocares ou diademas, serão tratados no prosseguimento dêste trabalho.

4. OBJETOS DE USO DIÁRIO

Reunimos aqui os utensílios empregados nos afazeres cotidianos, excluindo os trançados e as armas que já foram focalizados.

PAU-DE-TIRAR-BATATA

Este instrumento é de uso muito freqüente na colheita Xikrín. É fabricado pelos homens, mas usado pelas mulheres. Os índios criaram-no com a finalidade principal de extrair tubérculos do solo, em primeira linha, batata-doce, macaxeira e, ultimamente, também mandioca. Só em casos de emergência é usado para plantar milho ou como defesa contra cobras e outros animais que por acaso possam aparecer. Como denominação nos foi dado o termo *yot kakúdjó kóp*, isto é, "borduna para tirar batata-doce". De fato, observamos duas variedades de *yot kakúdjó* que podemos designar como tipo lança e tipo borduna.

a) Tipo lança — Caberia aqui a descrição das lanças, feita anteriormente. Diferenças aparecem somente nas medidas, que são menores. O comprimento total varia entre 100 e 150 cm, possuindo, na secção transversal do centro, 2,5 cm de largura e 1,5 cm de espessura, em média.

b) Tipo borduna — Assemelha-se a uma borduna espatulada com ponta romboidal. Para evitar repetição indica-se que, também aqui, com exceção das medidas, é aplicável a descrição feita das bordunas espatuladas (*kóp*). Os paus de extrair batatas, todavia, são mais estreitos. O comprimento total varia entre 120 a 150 cm. A ponta inferior possui em sua base 6 cm de largura, 8 cm de comprimento e 1,5 a 2 cm de espessura, em média. Daí para cima estreita-se para formar ponta bem afinada com secção circular. A ponta superior é própria para furar o chão, enquanto a inferior, mais larga e mais plaina, se torna mais apta para revirar a terra à maneira de uma pá estreita.

PAU-DE-CAVAR

Distinto do pau-de-tirar-batatas é o pau-de-cavar ou, talvez, mais exatamente, o pau-de-plantar, pois tem como única função, atualmente, plantar milho. Todas as outras coisas plantam-se com a enxada. Dêle observamos, igualmente, duas variantes. Uma se assemelha muito

ao pau-de-tirar-bata tipo lança, mas é feita de madeira de açai. Chama-se, então, *rikaé* (*kakô*) = (madeira) açai. Outra consiste numa vara grossa, apontada numa das extremidades, de cêrca de 1 m de comprimento e 3 a 5 cm de grossura. Para a confecção serve qualquer madeira mais ou menos sólida. Parece não ter um nome específico. Sempre foi chamado, simplesmente, de *pín*, isto é: pau, madeira. É feito pelos homens, mas usado pelas mulheres (cf. Galvão, 1963:125, 133).

Quebra-côcos

É um engenho lítico que se originou pela aplicação de duas pedras, como já indica o nome: *ken kutã* (*kên*=pedra). Uma das duas pedras, a de baixo, é um pouco maior que a outra, mais ou menos plana e de forma quadrada ou retangular. A outra, com que se bate, é aproximadamente do tamanho de um punho. Trata-se de pedras naturais, sem beneficiamento humano. São as mulheres que procuram as pedras apropriadas e também que as utilizam. Servem para quebrar côcos de palmeiras, especialmente de babaçu e, às vêzes, para partir castanhas.

Ralos

Observamos dois tipos de ralos, ambos bastante primitivos:

a) Ralos de pedras — São chamados *ken kurút*. Rala-se nêles, especialmente, macaxeira e castanha. Serve para esta finalidade qualquer pedra áspera, mais ou menos plana, sem outros beneficiamentos observados. São as mulheres que procuram e utilizam tais ralos (cf. Dreyfus, 1963:35; Galvão 1963:125).

b) Ralos de toros finos de palmeira paxiúba — Recorta-se um pedaço do tronco (ou da raiz?) de mais ou menos 40 a 50 cm. Visto que a peça, em tôda a sua circunferência, está coberta de espinhos, quebram-se as pontas dêstes e aproveitam-se os tocos como dentes de ralo. Ignoramos se êste elemento é próprio dos Xikrín ou aceito entre êles por influência dos castanheiros do rio Itacaiúnas, onde encontramos o mesmo tipo de ralo em uso, para ralar castanha. Em todo o caso, é hoje em dia utilizado também pelos Xikrín (cf. Galvão, 1963:125, 129).

Machados de pedra

Existiam ainda alguns na aldeia, mas não eram mais usados na

vida diária. Vimo-los guardados nas casa e, segundo informação indígena, foram encontrados nas roças. Mencionaram também que, mesmo em tempos antigos, nunca fabricaram machados de pedra, os quais foram adquiridos pelo contato com outros grupos vizinhos. Não sabemos avaliar até que ponto esta informação é exata (15). Todavia, os Xikrín não queriam desfazer-se daqueles machadinhos de pedra. Parece que os usam, ainda, para fins cerimoniais.

Pilão e mão-de-pilão

Os pilões observados entre os Xikrín são todos do tipo vertical e relativamente pequenos (est. 5 a). Possuem, aproximadamente, 22 a 30 cm de altura e 13 a 14 cm de diâmetro. A profundidade da parte cavada alcança 16 a 22 cm. São feitos de tronco de piqui (piquiá) e servem para socar milho, macaxeira e frutas de palmeiras como babaçu, açaí, etc. Devido a seu tamanho, o pilão é facilmente transportável. É feito mediante um processo de ignição, queimando-se com brasas o âmago. Fabricação e utilização pertencem às mulheres. Todavia, os homens, às vêzes, cortam os pequenos toros. O nome é *kawá* ou *prin-pá*. Informaram-nos que só ultimamente os Xikrín começaram a fabricar pilões, elemento cultural outrora não existente entre eles. Parte dos pilões da aldeia ainda eram de origem tupi, dos seus vizinhos Kuben Kamrekti, trazidos como despojos de guerra. Trata-se, pois, de um elemento ainda nôvo entre eles, segundo as suas próprias informações.

A mão-de-pilão, com 70 a 80 cm, é de diâmetro uniforme com 4 a 5 cm, ou também engrossada na extremidade inferior, em semelhança a uma borduna de base circular. Ocasionalmente, serve mesmo uma pequena borduna desse tipo, para mão-de-pilão. Normalmente é feita de "pau prêto" (*pin-tük*); daí o seu nome, derivado do material: *pin-tük* ou ainda *kô-tük* (borduna de pau prêto). Em caso de emergência é fabricada também de outras madeiras, todavia sempre pesadas, duras e, se possível, de âmago. As mãos de pilão são fabricadas pelos homens, porém usadas pelas mulheres (cf. Dreyfus, 1963:36).

(15) — Também Banner (1961 : 10) confirma para os Kayapó do Xingu que "os machados de pedra são de origem extra-tribal...". Outrossim, o Rev. Pe. Jaime Candela, vivendo entre os Gorotire, garantiu-nos de já ter assistido à fabricação de líticos entre os Kayapó do Xingu. Resta a pergunta, se ali o conhecimento da fabricação de líticos é tradicional ou se foi adquirido depois da separação dos Xikrín do estoque Gorotire/Kayapó. (A respeito dessa separação, cf. Frikel, 1963 : 146).

Formão-cavador

Um instrumento ainda muito em uso é o *kukê-djuá*, isto é o “dente de cutia”. É um tipo de formão para se trabalhar em madeiras (est. 6 b). Com êle são cavados os sulcos nas bordunas e nas sumbas das flechas para embutir as pontas nas varetas, os desenhos em cuias, businas, etc. Compõe-se de um dente incisivo da cutia, encastado na extremidade de um cabo de madeira roliça. A amarração é feita com fios de algodão e cerol. As medidas aproximadas são de 14 a 25 cm de comprimento e 1 a 1,5 cm de diâmetro. O cabo possui, às vêzes, entalhes na extremidade proximal ou no meio, à maneira de enfeites decorativos. Em alguns cavadores encontra-se na extremidade do cabo um buraco, para passar um fio ou laço de corda para pendurar o objeto. O furo, com 0,5 a 0,8 cm, sempre está em posição diagonal ao dente. São os homens que fabricam e usam êste instrumento (cf. Dreyfus, 1963:38).

Amolador para “dente de cutia”

Este objeto é uma peça complementar da anterior. Consiste num pedaço de madeira duríssima (ao que parece de palmeira). É mais ou menos retangular ou também oval, e às vêzes, perfurado num dos cantos, para poder ser pendurado. A madeira é tão dura que se presta para afiar o gume do “dente de cutia”. Como nome do objeto foi-nos dado o termo: *mürere-i*, e ainda: *mriire-djuá-ingrò-djó*. É fabricado e usado pelos homens. Os tamanhos em uso são de 11 cm de comprimento e 4,5 cm de largura, aproximadamente.

Plaina de caramujo

É um instrumento bastante simples que serve, principalmente, para alisar arcos, hastes de madeira de certos tipos de flechas, lanças, etc., de paxiúba. Chama-se *núet*, nome derivado de um caramujo grande do mato, utilizado para os fins mencionados. Para funcionar, quebra-se o alto da concha do caramujo, produzindo um buraco. Assim confeccionado, é assentado com o buraco sôbre a madeira. As beiras, afiadas por natureza, tiram cavacos finos durante o processo de alisamento, agindo como uma plaina fina. É um elemento cultural bem primitivo, mas engenhoso, cumprindo perfeitamente a finalidade em mira. É feito e usado pelos homens. As medidas dependem natural-

mente, do próprio caramujo, mas em média possuem uns 10 a 12 cm de comprimento e 5 a 6 cm de altura (est. 6 c).

Perfuradores

O perfurador é um pequeno objeto de osso, recortado da costela de caititu, afinado e apontado numa das suas extremidades. Normalmente a parte proximal da costela, mais grossa, fica intacta, para servir de cabo. Tiram-se com êle espinhos e bichos-de-pé, mas é também aplicado na cestaria para perfurar palha, especialmente para as amarrações e costuras. Seu nome é *a-i*. É confeccionado pelos homens, mas utilizado por pessoas de ambos os sexos. As medidas de comprimento variam entre 8 e 12 cm.

Para perfurar beijos e lóbulos de orelhas, usa-se instrumento de osso do mesmo tipo, porém fino e delgado (cf. Dreyfus, 1963:48).

Pentes

O pente Xikrín traz o nome de *kuokeka-iire*. É feito de talas de inajá (*rikre-ü*), pelos homens, porém usado por ambos os sexos para alinhar o cabelo e para catar piolhos. As talas são impressadas entre duas travessinhas, colocadas mais ou menos à altura do primeiro quarto inferior e seguras mediante uma amarração de fios de algodão. O trançamento dêstes segue daí para cima, cobrindo quase tôda a parte restante do pente que, assim endurecida, serve de cabo. Os tamanhos vistos eram de, aproximadamente, 5 a 6 cm de largura e 7 a 8 cm de altura.

Recipiente para breu

Para conservar breu, utiliza-se um pedaço de tubo de taquara. O fundo do recipiente é constituído pelo próprio nó da taboca. A extremidade superior é aberta, mas protegida por uma tampa de fôlha de babaçu, amarrada por cima da abertura. O objeto é denominado pelo material: *poti* = taquara, ou pelo conteúdo: *rôp* = breu. É preparado pelos homens, pois "mulher não tira breu no mato; mulher não vai no mato". Também é usado, preferencialmente, pelos homens. Tamanhos observados: aproximadamente, 15 a 20 cm de comprimento e 3 cm de diâmetro.

Outras vêzes, a própria palha de babaçu serve de recipiente. Guarda-se o breu dentro das fôlhas amarradas que, com o tempo e o calor, aderem a êle, fazendo papel de recipiente.

Estôjo para guardar penas

Um tipo de recipiente para guardar penas compridas é feito de taquaraçu = *potí*. Daí sua denominação: *potíkpu*. É fabricado pelos homens, mas parece que também as mulheres guardam ali penas e cocares delas. São estojos tubulares. A taboca é aberta lateralmente, cortando-se na parede uma fenda comprida. Por ela, as penas são colocadas dentro do taquaraçu. O tubo é fechado em ambos os lados, possuindo ainda as paredes do nó. Cobre-se a abertura com uma tampa, feita de casca de seringueira, que envolve o tubo quase totalmente. A amarração é feita com corda de envira. Os tamanhos encontrados alcançam 60 a 65 cm de comprimento.

Cuias

Metades de cuias, cortadas pelos homens para uso caseiro, são utilizadas, preferencialmente, pelas mulheres, não se excluindo, todavia, os homens. O nome das cuias é *ngô-krái* ou *ngô-kón*. Servem para beber água ou para pôr comidas. Os tamanhos variam, dependendo das frutas. Quase sempre possuem um laço de corda de envira ou de algodão no lado do caule, para pendurá-las.

Baldes água tubulares

Para vasos de guardar água, os Xikrín aproveitam pedaços de taquaraçu, uma espécie de bambu nativo (cf. Banner, 1961:4). A planta chama-se *potí*, da qual o próprio recipiente recebeu o nome: *potí*. Pelo material que a natureza oferece, já é indicada a sua forma: são baldes tubulares. Na confecção aproveita-se um pedaço em que ambas as extremidades ainda possuam as paredes internas dos entre-nós. Na face da extremidade superior, a parede do nó é furada no centro. O orifício serve para encher o balde, para esvaziá-lo, como boquilha para beber e, às vèzes, introduzindo-se o dedo, para carregar. A fabricação destes baldes tubulares é trabalho dos homens. Sua aplicação é dividida, dependendo do uso da água. Sòmente as mulheres vão buscar água nestes baldes, mas os homens os usam também para beber, para lavar as mãos, etc. Bebendo neles, têm que levantar o tubo inteiro. Desenhos nas paredes não foram observados. Medidas encontradas: 65 a 67 cm de comprimento e 6 a 7 cm de largura; o buraco tem 2 a 2,5 cm de diâmetro.

Baldes de cucúrbitas

Existem duas variante de “baldes de cuia” ou de jamaru, divergindo pelo uso, embora sejam do mesmo tipo de confecção. Aparecem em vários tamanhos, pequenos e grandes e são todos preparados da mesma maneira. No alto da cuia, no lugar do caule, encontra-se uma abertura para encher ou esvaziar o balde. Lateralmente, em pontos opostos, há outros dois buraquinhos pelos quais passa uma corda de envira em forma de alça para carregar ou pendurar o balde, segura por nós, na parte interna.

Cucúrbitas são preparadas tanto pelos homens como pelas mulheres, conforme o uso a que são destinadas. O processo de limpeza das frutas é o seguinte: com um pauzinho esmigalha-se a polpa por dentro da fruta. Enche-se com água, sacode-se bem e derrama-se o conteúdo, expelindo assim, aos poucos, o miolo. Repete-se o processo quantas vèzes fôr necessário. Por fim, enchem o balde com água e deixam-no assim por certo tempo. Apodrece a polpa restante e fica a casca interna limpa.

As duas variantes, identificadas pelo uso, são:

- a) Baldes para água — Neste sentido chamam-se *ngô-kón* ou *ngô-krái*, igualmente como a cuia de beber. São preparados e utilizados, principalmente pelas mulheres, pois nas mãos delas está a tarefa do abastecimento de água na casa. Os homens, todavia, bebem água nêles. Em geral não possuem tampa. Embora tais baldes dágua não sejam raros, os tubulares são mais freqüentes (cf. Banner, 1961:29).
- b) Baldes para penas — Nesta aplicação, o balde serve de depósito para penas e penugens. Chama-se, então, *ngô-kón-âyêdjá*, e é fabricado e utilizado pelos homens. Possui tampa, freqüentemente do mesmo material ou ainda feita de um trançado de corda de envira ou de uma pequena cesta de palha tipo *pêyaya-ê*. A tampa, neste caso, é enfiada na corda da alça. Não havendo material apropriado à mão, fecha-se a abertura também, provisoriamente, com fôlhas, envira ou um pedaço de pano velho. Fazendo-se do balde um depósito de penas a serem guardadas por longo tempo, usa-se um simples caco de cuia, colado com cerol sôbre a abertura ou bôca.

Paus de fazer fogo

Trata-se de um conjunto de duas varetas de madeira urucu (*pitóre*) de tamanhos variáveis, que não faltam em casa alguma. As

que adquirimos tinham um comprimento de 60 cm na vertical e 45 cm na horizontal. A vertical tem a extremidade inferior ligeiramente arredondada, com a qual é assentada nos buracos já existentes, anteriormente queimados, ou previamente feitos na peça horizontal.

O processo de fazer fogo com êstes paus é bastante conhecido na etnologia, não havendo necessidade de repetir a descrição (cf. Dreyfus, 1963:37). O nome destas peças é *ròrò*. São fabricadas e manejadas, exclusivamente, pelos homens (cf. Banner, 1961:4).

Brasas

De certa maneira, a própria brasa do fogo torna-se instrumento de trabalho. É utilizada para queimar e dar linha exata às barbas das penas grandes da emplumação, nas flechas, processo para o qual nunca se usa faca. É manejada, neste sentido, pelos homens, pois são só êles que fabricam flechas. O emprêgo de brasa neste processo de trabalho parece-nos reminiscência dos tempos antigos, quando ainda não se conheciam facas de ferro.

O emprêgo de brasa na confecção do pilão, por parte das mulheres já ficou destacado no lugar devido.

Cachimbos

A forma usada entre os Xikrín é o cachimbo tubular. Origina-se do aproveitamento de uma casca de fruta do mato, de uma árvore conhecida entre os civilizados da região como "cachimbeiro". O nome indígena é *warikokó*. A casca da fruta, bem dura, é alisada, especialmente por dentro. Às vêzes, os cachimbos são pintados de urucu, quando novos. A fumaça é sugada e aspirada pelo orifício da haste ou do caule que liga a fruta ao galho. São êles guardados em cestas (*warába-ê*) ou pendurados. Neste caso passa-se um fio ou uma corda pelo buraco de aspiração e a bôca do cachimbo. Além de servir para o consumo do fumo fazem-se também com êle defumações, cada pessoa em si mesmo, num tipo de autodefumação. Aquisição e confecção dos cachimbos é tarefa dos homens (cf. Banner, 1961:18). Todavia são as mulheres que mais se utilizam dêles. Observamos que sòmente homens de idade e pajés, em função, fumavam cachimbo. O tamanho médio destas frutas de cachimbeiro é de 7 a 8 cm de comprimento com 3,5 a 4 cm de largura no lado externo da abertura.

Escarificadores

Os Xikrín em casos de doenças e mal-estar, usam com freqüência escarificadores, para curas, como também para se livrarem do panema. Observamos quatro tipos de escarificadores.

a) Unha de gavião — Chama-se *òk-pat-kop* e é de uso cerimonial, em curas de panema, para ficar certo na flecha, na festa de *kokô* (do tamanduá-bandeira e macaco-prego) e, às vêzes, também para curar “*aíbã*”, os “doidos”. Unha de gavião é adquirida, preparada e usada exclusivamente pelos homens. Para não perdê-la, amarra-se um fio de algodão como alça na parte mais grossa da unha, no lado da articulação.

b) Dentes de peixe — São dentes de aruaná ou peixe-cachorro, embutidos num pedaço de cuia de forma mais ou menos triangular (est. 6 a). O escarificador dêste tipo chama-se *tep-djuá* ou seja “dente de peixe”. Pelo lado interno, os dentes estão seguros por uma camada grossa de cerol. Para melhor segurar os dentes, aplicã-se também pelo lado de fora um pouco dêste colante, embora em menor quantidade. Devido à forma da cuia, o instrumento, embora triangular, possui um aspecto levemente curvado. Tamanhos observados: mais ou menos, 7 cm na base, 10 cm de altura. É feito e usado pelos homens, especialmente pelo pajé.

c) Mandíbula de peixe — Não possuindo um escarificador preparado, de cuia, usa-se uma banda da mandíbula do peixe aruaná ou peixe-cachorro, em estado natural, isto é, sem outra preparação. Chama-se também *tep-djuá* ou “dente de peixe”. É adquirida e usada pelos homens (pescadores) como também aplicada só por êles (cf. Banner, 1961:19).

d) Lascas de quartzo — Lascas de quartzo leitoso, às vêzes de gumes bem cortantes, são encontradas com certa facilidade nas roças feitas no lugar de sítios de habitação arqueológica. Alí são procuradas pelas mulheres. Com o lado que serve de gume, cortam-se pequenos riscos de 2 a 3 cm de comprimento na pele, em séries ou colunas verticais. Este modo de escarificação é feito por mulheres e aplicado, preferencialmente, em mulheres e crianças. Ocasionalmente também homens são escarificados com lascas de quartzo.

Fusos

Algodão é plantado em pequena escala e aproveitado para fazer primeiramente fios, que são produzidos pelas mulheres mediante o fuso.

Este, entre os Xikrín, é relativamente comprido, grosso e pesado. O nome é *kadyót karadjá*, mas é também chamado, muitas vezes, pelo nome do material da rodela. Os dois elementos, dos quais o fuso se compõe, são: o eixo ou a haste, e a rodela.

O eixo é feito de paxiúba, donde deriva a sua denominação: *kruanó* = paxiúba. Possui, em média, 35 a 45 cm de comprimento e 0,5 a 0,8 cm de diâmetro. A extremidade superior mostra um entalhe circular ao redor da haste, de forma que as beiras da ponta sobressaem um pouco, à largura do eixo. Em alguns fusos, êste entalhe faltava. A ponta mesma é afinada. A extremidade inferior, porém, ou é achatada, cortada reta, ou levemente apontada. O fio de algodão é enrolado nesta haste.

A rodela é colocada perto da extremidade inferior. A função da rodela é clara: por um lado, por seu pêso, dá ao fuso uma rotação uniforme; por outro serve de suporte para o fio aprontado, enrolado em sua superfície. Entre os Xikrín, a rodela do fuso pode ser feita de três maneiras, diferindo em forma e material:

a) Tipo globular — Aplica-se um caroço bastante grande de tucum, pelo qual, depois de furado em seu eixo natural, se passa a haste. Chama-se, por isso, *roiti-krā* ou *roiti-djô*, isto é: caroço de tucum. Os caroços possuem um diâmetro médio de 4 cm.

b) Tipo plano-circular — Aproveitam-se, para êste fim, fragmentos de cerâmica, aos quais com a faca dão a forma circular. A haste passa pelo furo central. Visto que os Xikrín não fabricam nem usam louça, procuram os cacos nos sítios arqueológicos alí existentes, os quais, provávelmente, são de origem tupi (16). O nome dêste tipo de rodela é simplesmente *ken*, isto é: pedra, louça. Medidas observadas davam 5,5 a 6,5 cm de diâmetro com 1 a 1,5 cm de espessura. Raras vezes, rodela dêste tipo plano-circular são recortadas de madeira *pin-ko*, com os mesmos tamanhos, etc. Nunca, porém, observamos o aproveitamento de cascas de cucúrbitas (cuia, etc.) para a referida finalidade.

c) Tipo plano-quadrado — É uma peça cortada de madeira, mostrando forma quadrada. Chama-se também *pin-ko* (*pin*=madeira). É tipo de rodela não muito freqüente. Medidas obtidas: 4 x 4 cm nos lados e 0,5 cm de espessura.

(16) — Figueiredo (1965) foi o primeiro a tentar uma análise da cerâmica da região Caiteté-Itacaiúnas. Uma das mais interessantes conclusões parece-nos a constatação de tratar-se de cerâmica tupi, alargando assim a visão da antiga ocupação tupi. Pequenos grupos tupi ainda existentes nas bordas daquela área, parecem dar-lhe razão.

Ambas as partes do fuso, eixo e rodela, são fabricadas pelos homens, porém êle é usado exclusivamente pelas mulheres.

5. UTENSÍLIOS PARA PINTURA

Não é nossa intenção falar, aqui, dos processos de pintura facial ou corporal dos Xikrín (17), mas tão somente dos utensílios empregados e do preparo das tintas próprias, como observadas.

Tinta vermelha

Tinta vermelha é feita de urucu. As sementes vermelhas do urucu são conservadas nas cestinhas-bólsas de tucum, chamados *káingre*. Para o uso, tiram-se as sementes, põe-se um pouco d'água (às vêzes na própria mão) e mistura-se. A tinta está pronta para ser aplicada. Outros processos de preparo, por cocção ou por mistura com óleos e breus parecem ser desconhecidos (18). Tinta de urucu se apronta sempre na hora e gasta-se logo. É empregada na pintura corporal, facial e também em objetos, especialmente quando novos, p. ex. cachimbos, bordunas, pilões e certos trançados. Faz-se a pintura com o dedo ou a mão inteira. É feita pelas mulheres e usada por pessoas de ambos os sexos. O nome do urucu e da tinta é *pü*. (cf. Banner, 1961:6; Diniz, 1962:6; Dreyfus, 1963:40; Fuerst, 1964:123 seq.).

TINTA PRETA

Esta tinta origina-se de uma composição de jenipapo com carvão vegetal.

Jenipapo: a massa da fruta ainda não madura, é mastigada juntamente com as sementes e depois cuspidada num vasilhame (p. ex. ouriço de sapucaia) ou num pedaço de espata de palmeira. Joga-se fora a casca grossa da fruta.

Carvão vegetal: colhe-se um pedaço convenientemente grande da casca de "pau-marfim verdadeiro" (19). Depois de queimada a casca, junta-se o carvão daí oriundo com o jenipapo mastigado que é misturado com a mão, pondo-se ainda um pouco d'água. A mão fica assim desde já tinta de preto. A aplicação se faz com uma tala flexível que se tinge com a tinta da mão. (est. 7 a, b).

(17) — Para êste assunto indicamos o trabalho de Fuerst, 1964.

(18) — Todavia, o preparo de urucu com óleo de babaçu é mencionado por Dreyfus (1963:32) para os Kayapó do Xingu.

(19) — A amostra de casca de *bótrò* existente no Museu Goeldi, foi classificada pelo Dr. Paulo B. Cavalcante, como "pau-marfim verdadeiro" (*Agonandra brasiliensis* Miers).

Esta tinta composta é denominada tanto pelo jenipapo = *mrotí*, como pela casca de árvore da qual se fabrica o carvão = *botprò*. São as mulheres que procuram os ingredientes e a fabricam, mas é usada por pessoas de ambos os sexos (cf. Banner, 1961:6; Diniz, 1962:6; Dreyfus, 1963:75; Fuerst, 1964:120).

RECIPIENTES PARA TINTA PRETA

Consiste na casca de ouriço da castanha sapucaia, um pouco alisada, especialmente nas bordas e no fundo. É utilizada, quase exclusivamente, para preparar tinta preta, mistura de jenipapo e carvão. Obtivemos vários nomes para este recipiente: *kawá*, *pii-tek-á* e ainda *pii-tek-re-ti*. A procura e o uso desses ouriços cabe às mulheres. Seu tamanho depende, naturalmente, do tamanho da fruta, mas tem uma média de 14 cm de altura e 20 cm de diâmetro.

RISCADORES DE LINHAS

Trata-se de objetos de madeira, usados na pintura corporal das mulheres. Para a confecção, basicamente, pode servir qualquer espécie de madeira, embora se dê preferência ao chamado "pau-prêto" ou a tiras de taquara. Chama-se *pin-kakiére* (ou *pin-kakyére*). A forma é retangular, variando entre 5 e 9 cm de comprimento, com 6 cm de largura e 0,4 a 1,3 cm de espessura. Uma das bordas é sempre denteada, fazendo-se pequenos recortes na beira, espaçados de 0,3 a 0,5 cm, aproximadamente. Às vezes, ambas as bordas mostram estes recortes. Assim, este instrumento de pintura toma o aspecto de pente. Aparece ainda uma variante que, num dos lados, possui um cabo com cerca de 6 cm de comprimento.

Este objeto é usado para fazer ou acertar as linhas pretas, paralelas, na pintura corporal feminina. O processo de aplicação é o seguinte: depois de besuntada de prêto a respectiva parte do corpo, assenta-se um dos lados denteados sobre a tinta úmida, raspando-a em seguida, da pele, num deslize lento, mas contínuo. Fica, então, somente a tinta deixada pelo vão dos dentes em forma de linhas pretas (est. 7 b).

O riscador de linhas é feito pelos homens, mas usado pelas mulheres.

Linhas largas são feitas de outra maneira. Toma-se uma tala, cortada da nervura da fôlha de babaçu, flexível e bem alisada (cf.

Banner, 1961:6). Esta é besuntada de prêto e assim assentada sôbre a pele. Faz-se, dêste modo, sempre um traço prêto de 10 a 15 cm, que se vai emendando até o ponto final. A tala é empregada na pintura facial e corporal (est. 7 a). Aí, principalmente, em linhas das costas, da frente e da "gola", na altura das clavículas (cf. Fuerst, 1964:124).

TINTA DE AZULÃO

A base desta tinta consiste num pó que se obtém da casca do ôvo de inambu azul, denominado naquela região de "azulão". Os Xikrín chamam-no de *atorotí*. Daí o nome da tinta: *atorotí ingre-kó* = casca de ôvo de azulão. O ôvo desta ave é de côr azul e é, por isso, apreciado para a fabricação desta tinta. A casca é socada ou bem batida pelas mulheres dentro de um pedaço de pano, até virar pó, o qual se guarda. Com isso, a tinta já está pronta, básicamente. É aplicada sòmente para pintura facial. A parte do rosto a ser pintada de azul, primeiramente é coberta com uma leve camada de látex de *barúk*, ou seja mangabeira, servindo de adesivo para prender o pó. Este é aplicado com o dedo. A tinta é de uso cerimonial em certas festas e na pintura do rosto de defuntos. Segundo conseguimos averiguar, sòmente os homens aplicam esta tinta, mas as mulheres também podem ser pintadas com ela.

RECIPIENTES PARA TINTA DE "AZULÃO"

Pó de azulão é guardado em recipientes, constituídos por pequenas cuias inteiras, possuindo no alto uma abertura fechada com palha ou com um pedaço de pano, servindo de rôlha. Os tamanhos, geralmente, não passam de 6 a 8 cm de altura. A finalidade é guardar bem sêco o pó azul. Na superfície das cuias, freqüentemente, se encontram desenhos riscados com o *kukê-djuá* ou "dente de cutia". O recipiente é preparado pelos homens, mas usado por pessoas de ambos os sexos. Seu nome é *ngô-kon-ngri*.

PINCEL PARA LÁTEX

Para aplicar a tinta de azulão, é mister espalhar sôbre a parte a ser pintada uma leve camada de látex de *barúk* (=mangabeira), processo que se faz com um pincel fabricado de uma tala de sororoca ou

miriti (? = *rikti*). A tala fina, de cerca de 20 cm de comprimento, é recortada longitudinalmente em uma das suas extremidades, formando assim o tufo do pincel. Com êle se aplica o látex. São os homens que o confeccionam e utilizam. Seu nome é *atoroti kakó* ou também *rikti-krā*.

O látex também é empregado para segurar penas e penugens sobre a pele, para fins cerimoniais. O procedimento, na aplicação, é o mesmo supra (cf. Banner, 1961:6).

6. INSTRUMENTOS MUSICAIS

Estes restringem-se a instrumentos rítmicos para marcar o compasso de canto e de dança. Os instrumentos de sôpro são representados sômente por um tipo de buzina, visto que as flautinhas e apitos são de procedência alheia.

MARACÁS

Poder distinguir-se dois tipos de maracá: de dança e de criança.

a) Maracá de dança: — É chamado *ngô-kon* ou também *ngô-todjî*. É um instrumento rítmico, preparado e usado pelos homens.

O maracá Xikrín consiste de uma cuia preta bastante grande, possuindo até 20 cm de diâmetro. No alto da cuia existe uma ponta de paxiúba fina e comprida, embutida nesta, sobressaindo uns 10 a 20 cm. O cabo é de madeira roliça, possuindo 8 a 10 cm de comprimento e 2,5 a 3 cm de diâmetro, mais ou menos. É coberto por um enrolamento de fios de algodão, em voltas paralelas, que prende ao mesmo tempo uma corda mais grossa de algodão ou de envira, pela qual é pendurada quando não está em uso. No interior da cuia encontra-se uma série de pequenas sementes, às vêzes do tipo das continhas pretas, que chocalham. Para realçar a ressonância, possuem duas fileiras simples ou duplas de buraquinhos, quase sempre no mesmo lado, situada uma mais em cima e outra mais perto do cabo, ou ainda na parte de cima em lados opostos. Raras vêzes encontram-se desenhos riscados na superfície dêstes maracás grandes. Quando existem, estendem-se como faixa dupla ao redor da cuia, começando perto do cabo, passando pelo alto na base da ponta de paxiúba e descendo novamente até o cabo. Enfeites em forma de pendentés de penas de côres vivas foram observados. São amarrados nos buraquinhos de ressonância e na base da ponta de paxiúba.

Em substituição a êste maracá preto e grande, que é típico para os Xikrín, aproveitam-se, quando há necessidade, cabaças alongadas. A parte proximal, por natureza mais fina, serve de cabo. Nêles se encontram, também, desenhos riscados: linhas retas, paralelas e em ziguezague. Existe também amarração de fios de algodão que prendem a alça de corda de envira (cf. Banner, 1961:34; Dreyfus, 1963:129).

b) Maracás de crianças: — São denominados *ngô-tói*. O que foi dito sôbre o maracá grande, de cuia preta, pode ser aplicado também aqui. Todavia, divergem pelo tamanho que é menor, não passando de 6 a 7 cm de diâmetro. Ademais, nem sempre possuem ponta de paxiúba (para a criança não se furar) ou lhes faltam os buraquinhos de ressonância. Frequentemente são providos de desenhos, riscados na superfície. Servem para acalmar as crianças e para brincar. São os homens que os fabricam, mas todos os usam.

MARACÁS OU CHOCALHOS-DE-UNHAS

Existe ainda um instrumento rítmico, tipo de maracá ou chocalho, de uso todo cerimonial em festas e danças de *me-kutóp*. Consiste numa penca de unhas de caititu ou também de anta. Cortam-se as pontas das unhas e pelo orifício assim originado passa-se um fio de algodão, com um nó grosso, que fica pelo lado interno impedindo que escape. Os fios têm um comprimento de 20 a 25 cm. Juntam-se 15 a 20 unhas, formando um pequeno maço. Os fios de algodão, depois de postos juntos, são seguros com outra cordinha num enrolamento de voltas paralelas, formando assim um cabo. Sacudindo esta penca de unhas, dão um som de chocalho. A peça chama-se *mrii-nyü*. É fabricada e de uso exclusivo dos homens nas ditas festas (cf. Banner, 1961:31).

INSTRUMENTOS DE "PAUS-DE-BATER"

Um instrumento musical assaz primitivo consiste em dois pedaços cilíndricos de madeira (não identificada). Os que observamos variavam entre 32 e 37 cm de comprimento, com aproximadamente 5 cm de diâmetro. As peças são feitas de madeira branca, pesada e dura, bem descascada e alisada com a faca. Por fim são pintadas com desenhos em preto e vermelho. Sôbre o sentido dêstes desenhos nada nos consta. O dito instrumento chama-se *me-uwê*, sendo feito e usado somente pelos homens, para fins cerimoniais, na festa de *me-kutóp*. Os dois paus são batidos, com fôrça, um contra o outro, no ritmo da dança.

INSTRUMENTOS MUSICAIS DE NOVELO DE ALGODÃO

Consiste este instrumento em dois novelos de fios de algodão de tamanhos variáveis, muitas vezes enfeitados com um ou dois pendentos de continhas pretas e penas de côres. Seu nome é *kadyót krã* = novêlo de fios de algodão (20). Tais novelos são usados sempre aos pares e batidos com força um contra o outro, produzindo assim um certo som abafado. Os fios de algodão e os novelos são feitos pelas mulheres. Como instrumento musical, todavia, são usados somente pelos homens em determinadas festas.

BUZINAS

Instrumentos muito em destaque, no tempo da nossa visita, eram as buzinas, feitas de taboca muito grossa ou taquaraçu (= *poti*). Daí o seu nome: *poti-krã-üre* (cf. Banner, 1961:31). São fabricadas e usadas pelos homens, especialmente em festas, onde exercem função cerimonial. Tinham aproximadamente 25 cm de comprimento, 6 a 8 cm de diâmetro e o buraco de sôpro com cêrca de 2 a 2,5 cm de abertura.

As buzinas consistem em pedaços do mencionado taquaraçu. O lado distal é inteiramente aberto, enquanto no lado proximal conserva-se o nó, furado no centro. Emprega-se o toque bilabial, isto é, ambos os lábios são colocados em cima do orifício de sôpro. Na parte inferior, ao redor da abertura, encontram-se freqüentemente pequenos riscos do tipo das estrias de borduna, num comprimento de 1,5 a 2 cm. O desenho é explicado como *kukê-djuá* = dente de cutia, a saber, lugar dos dentes que a cutia deixou, roendo a casca. Aliás, o próprio desenho é feito com o instrumento de igual denominação.

FLAUTINHAS DE PALHA

Uma flauta, tipo trombeta e em forma de funil, é fabricada de fôlhas de babaçu enroladas em espiral. A última volta é amarrada ou colada com cêra, para não abrir. Chama-se: *me-õ-i*. Os tamanhos médios alcançam 20 a 25 cm, ao máximo. É de uso cerimonial nas festas de *Bekuói*. É feita e tocada pelos homens. Muitas vezes serve também de brinquedo aos meninos, faltando-lhe, então, o significado festivo.

(20) — Este instrumento musical não deve ser confundido com um tipo de bandoieira, de nome idêntico.

APITOS DE OSSO

Encontramos dois apitos longitudinais de osso, ambos, segundo informação indígena, de origem Kuben Kamrektí. Os próprios Xikrín parecem não confeccionar flautas ou apitos, seja de taboca, seja de osso; pelo menos nunca tivemos ocasião de observá-los (21). Os ossos empregados são de mutum e de asa de gavião, furados lateralmente e possuindo uma lingueta de cerol no interior. Parece que somente os homens fazem uso deles. Como nome deram: *okiára-í*, isto é, “osso de mutum”.

7. BRINQUEDOS

Anotaremos adiante o que conseguimos saber sobre brinquedos e jogos Xikrín. Em muitos casos, p. ex., na fabricação de brinquedos de palha ou material semelhante, parece que os homens se divertem mais em fazê-los, do que as próprias crianças às quais são destinados. As mais das vezes são os pais ou irmãos maiores que os fabricam.

Arcos e flechas — Já foram mencionados os arcos e flechas infantis, servindo de brinquedo ou exercício aos meninos (cf. também Banner, 1961:24).

Maracás de crianças. — Também sobre estes já foram dadas as notas necessárias.

Cuinhas de brinquedo — Para “brincar de balde” ou “de buscar água”, os pais dão cuias pequenas às suas filhas. Geralmente é cortada a parte superior, assemelhando-se a panelinhas. Muitas vezes são furadas em dois lugares opostos, perto da beira, para enfiar uma alcinha de fio de algodão. Também são amarradas em conjuntos de 5 ou mais, formando “pencas”. Quando de bôca estreita, podem servir ainda como recipientes de penugem, pós de tinta ou materiais semelhantes. Normalmente são simples brinquedos. São os homens (pais, irmãos) que as preparam para as meninas, as quais com elas se divertem. Seu nome é: *ngô-kon-krô*.

Bonecos de envira — Entre os brinquedos Xikrín destacam-se os bonecos de envira. O nome comumente dado é: *me-karón* = imagem (alma, espírito, visagem).

(21) — Nossa observação parece confirmada por Banner (1961:31) que se refere aos Kayapó do Xingu, dizendo: “Não existem entre eles instrumentos de música que lhes sejam nativos, salvo o maracá (*ngô kon*) e a buzina de taboca (*potí*).” Opinião semelhante manifesta Dreyfus (1963:129).

Na confecção, forma-se primeiro e grosseiramente, de palha, o centro da figura: o corpo com a cabeça, os braços, as pernas e a cauda (quando existe). Em seguida, as palhas são firmemente envoltas com tiras de envira até ficarem na grossura e forma do que vai representar. É interessante anotar que estes bonecos de animais possuem todos somente três dedos nas mãos e nos pés, fazendo lembrar certas representações em desenhos rupestres. São os homens ou rapazes que os fabricam para os filhos.

Observamos dois tipos de bonecos de envira: *kokói*, o macaco, (est. 8 c). Este é delgado e alcança comprimentos (totais) de 40 até 55 cm. O outro é *brí*, o sapo (cururu), com 17 x 7 cm de corpo. (est. 8 b).

Rabo de jabuti — Certo brinquedo de palha de babaçu chama-se *kaprón-teü* = rabo de jabuti. Também este — como todos os brinquedos de palha — é feito para os meninos, por homens e rapazes. Possui uma forma meio encaracolada, findando em ponta, à semelhança de um rabo de jabuti. Daí o nome. Na confecção, os dois lados das pínulas são desligados da tala central na sua maior extensão, ficando prêsas nela somente na extremidade mais larga. A ponta distal é recurvada e amarrada, formando um aro. As duas bandas da pínula são trançadas sobre a tala num sistema envolvente, fazendo as pínulas, em cada volta, meia inflexão. Puxando-se a ponta da tala, o rabo se movimenta. (est. 8 d).

Me-karón — É uma máscara em formato pequeno, servindo de brinquedo aos meninos. Consiste em cinco peças montáveis ou desmontáveis, ligadas entre si por amarrações de envira, assim divididas: o corpo, os dois braços, a cabeça e o ventre com as pernas. Todas as peças são trançadas no tipo dos dois pedaços de fôlha de babaçu de nervura desbastada, saltando uma só pínula do rumo contrário. Corpo e braços são de formas cilíndricas. A cabeça possui formato de cestinha, ficando o fundo como crânio do boneco. Os quadrís, no trançamento, começam como uma cesta: configura o ventre. Em certa altura, o trançado bifurca-se para formar tubos ou cilindros: as pernas. As beiras distais de todas essas peças se fazem por dobramento das pínulas, formando, às vezes, argolas salientes ao redor, em forma de trança.

As medidas observadas indicam altura total de 80 cm, largura do corpo de 20 a 25 cm e envergadura de 50 a 60 cm. *Me-karón* é confeccionado somente por homens ou rapazes e também destinado a meninos. (est. 14 a).

Este mesmo tipo de *me-karón* de palha é feito e trajado, em formato grande, como máscara, nas cerimônias para as almas ou espíritos. Uma nota respectiva é dada em seu lugar (ver: Indumentária).

Estôjo peniano — Um tipo de brinquedo de palha, feito pelos homens, rapazes e meninos, é o *me-müdjê* (=estôjo peniano), ou *ngri* (=testículos). Consiste em quatro *müdjê* trançados de uma só pínula, assemelhando-se a uma estrêla de quatro pontas. Estas são explicadas, uma como estôjo peniano pròpriamente dito, outra como o penis reprimido e as duas restantes como testículos. (est. 8 a).

Flautinhas de palha — Ocasionalmente, os meninos fazem e usam flautas de palha, tipo trombeta. São do feitio, material e tamanho já citados para os instrumentos musicais. Servem, muitas vêzes, de ensaio, para os meninos se acostumarem com o manejo das flautinhas.

Peteca — A peteca dos Xikrín é fabricada de fôlhas de milho e substitui a nossa bola. É feita e usada sòmente por homens e meninos. Também os adultos participam do jôgo. Mulheres, entretanto, não brincam de peteca. O nome é: *pê-krā* (ou *pêi-krā*).

Na confecção, prepara-se primeiro o centro ou o “âmago” da peteca, constituída por uma argola consistente de talas com enchimento de palha. As fôlhas sêcas da espiga de milho são amarradas uma em cima da outra, ao redor, cobrindo a argola. As pontas são atadas firmemente com cipó fino ou corda de tucum, e as extremidades cortadas por igual, numa altura de 10 a 15 cm. A peteca recebe assim a forma de um pequeno disco com cauda.

O jôgo consiste em bater a peteca, com a palma da mão, bêm alto e para longe, passando-a aos vizinhos que estão distribuídos em roda flexível, havendo distâncias entre êles. A peteca não deve cair no chão. O rapaz que a deixa cair, é vaiado.

Derrubar fila — Este jôgo das crianças ocorre do seguinte modo: 4 a 6 meninos colocam-se em fila, um atrás do outro, segurando com os braços o da frente, enlaçando-o pela cintura ou peito. O último da fila deve tentar derrubar o da frente e com êle, tôda a fila. Nem todos conseguem.

Brincar de mãe — Como tôdas as meninas, também as pequenas Xikrín gostam de brincar de mãe. Põe e carregam espigas de milho numa pequena tipóia de envira: são os seus filhos (cf. Banner, 1961:24).

Figuras da cêra — Homens, rapazes e meninos, em suas horas de lazer, freqüentemente fazem da cêra preta de abelha, figuras de animais ou

também de pessoas. São, às mais das vêzes, animais de caça, como anta e porco, mas também jabuti e onça. Trata-se de um simples passatempo sem outros significados (cf. Banner, 1961:24).

Remos — Embora os Xikrín, por tradição, não fabriquem canoas, hoje em dia as conhecem pela convivência com os castanheiros, e são bastante hábeis no seu uso. Os homens confeccionam, às vêzes, pequenos remos de meio metro, aproximadamente, para servirem de brinquedo aos seus filhos. Parecem-se com colheres de pau, espatuladas (cf. Banner, 1961:24).

8. INDUMENTÁRIA

A indumentária Xikrín é bastante vasta. Consiste, na grande maioria, de peças decorativas de uso festivo ou cerimonial. Incluímos, por isso, aqui, não somente peças de uso diário, mas também a plumária e as máscaras.

Antes de iniciar a parte descritiva, achamos conveniente indicar dois elementos que, em grande número de peças, sempre reaparecem. São os pendentes de continhas pretas e os tufos de penas, que são típicos, apresentando sempre a mesma forma.

Os pendentes se compõem de um ou mais cordões de continhas pretas, frutinhas ou sementes de uma planta da mata que parece não ser nativa na região dos rios Itacaiúnas e Caiteté, pois os Xikrín, segundo suas próprias informações, vão buscá-las com os seus vizinhos Kuben Kamrekti. O tamanho dos cordões é variável. Na extremidade livre encontra-se metade de uma casca ôca de *mrô-iniká*, da qual saem algumas peninhas de côres variadas. De fato, êstes pingentes são muito decorativos. São fabricados pelos homens, mas usados, preferencialmente, pelas mulheres. Como nome dos pingentes dão geralmente: *ã-ô*, isto é "contas". (cf. Banner, 1961:7).

Os tufos são constituídos quase sempre de pequenas penas multi-côres de arara ou papagaio, reunidas e amarradas pelos ráques. Em algumas peças são agregadas para formar rosetas. Frequentemente, do meio dêsses tufos, saem fios de algodão mais compridos, quais franjas. A confecção e o uso cabem aos homens.

Falando-se, no que se segue, em pingentes de contas pretas ou de penas, a observação se refere a êstes dois tipos descritos.

BRAÇADEIRAS

Braçadeiras são usadas por homens e mulheres. Existem vários tipos, feitos de cordões de contas pretas ou de cordas grossas de algodão,

torcidas ou trançadas em forma de fita ou faixa, num tipo de croché (cf. Dreyfus, 1963:37 e 42). A distinção entre braçadeiras de homens e mulheres consiste, todavia, nos pendentes. As das mulheres possuem pingentes de contas, enquanto as dos homens têm tufos ou pingentes de penas. O nome generalizado é: *pa-djê*.

a) *Braçadeira de contas* — Consistem elas em 2 ou 3 voltas de cordão de continhas pretas no tamanho individual do braço. As braçadeiras mais simples não possuem pendentes; são feitas e usadas somente por mulheres (cf. Dreyfus, 1963:42).

Uma variante deste tipo possui pingentes de contas pretas com peninhas de arara ou papagaio. No uso, os pendentes ficam para o lado externo do braço, nem para frente, nem para trás. Nome, confecção e portadores são os mesmos. (est. 9 a).

b) *Braçadeiras de algodão com pingentes* — Uma variante é constituída por braçadeiras com argola de fios de algodão e os pingentes costumeiros de contas pretas. A argola é feita de duas cordas grossas, cobertas com uma amarração de fio envolvente de voltas paralelas em forma de “8” de maneira que, entre os dois cordões envolvidos, existe sempre uma pequena depressão que os distingue. São as mulheres que as confeccionam e usam. Em alguns pendentes encontramos em lugar de *mrô-iniká* com peninhas, outro tipo de casquinhas de semente, porém sem penas (cf. Banner, 1961:7; Diniz, 1962:6).

c) *Braçadeira com tufos de penas* — Tipo semelhante ao anterior formam as braçadeiras dos homens. A argola para o braço também é feita de cordões de algodão, grossos, torcidos, seja de fios com amarração no tipo acima descrito em forma de “8”, seja como tecido sólido em faixa estreita, à maneira de croché. Todas estas braçadeiras possuem pendentes ou tufos de penas de papagaio ou arara, às vezes entremeados com franjas de fio de algodão. As argolas são feitas pela mulher, os tufos de penas pelo homem. O uso também compete ao homem.

d) *Braçadeiras cerimoniais* — Braçadeira de uso exclusivamente cerimonial é a que os Xikrín denominam de *pin-kô-kam-üre*. Existem aí duas variantes, ambas usadas e confeccionadas somente por homens.

Uma é feita de uma casca de árvore chamada *pin-kô*, sólida, mas ainda elástica. Dada a forma de argola, ela recebe uma envoltura vertical de tiras de casca de ambé, escura. Pelo lado externo são

incluídas talas claras, horizontais, de taboca. Origina-se assim um trançado em preto e branco. Tufos de penas, formando muitas vezes, rosetas, são amarrados com fios de algodão diretamente sobre a argola. As pontas destes fios pendem livremente, como franjas, interpostas com os tufos. No uso, estes ficam lateralmente para fora do corpo.

Outra variante deste tipo de braçadeira é a de nome *me-padinyó*. Trata-se do mesmo tipo de argola (*pin-ko-kam-üre*). Em lugar dos tufos, porém, existem franjas compridas de palha de miriti (*ngrua-ô*), desfiada. Colocando a peça, as franjas ficam para o lado de trás dos braços. Esta braçadeira é de uso inteiramente cerimonial, nas festas de *me-kutop* e de casamento. Só homens confeccionam e usam *me-padinyó*.

BRACELETES E PULSEIRAS

a) Braceletes cerimoniais — O tipo de bracelete mais festivo é o *me-í*. É trajado pelas crianças de ambos os sexos, pela primeira vez de uso cerimonial, na festa de sua nomeação e, mais tarde, como adorno festivo. São os pais das crianças que o confeccionam.

Consiste em uma argola de *pin-kó*, envolta por um trançado em preto e branco, do tipo descrito para as braçadeiras cerimoniais. A ele são ligados pingentes de cápsulas de sementes *orekó* ou *mrô-iniká*, do meio das quais saem compridos pendants de contas pretas com penas amarelas da cauda de japiim (*pêoti-yamü*), razão por que, às vezes, o bracelete todo é denominado de *pêoti-yamü* = cauda de japiim. (est. 9 b).

Para o uso simplesmente decorativo em festas, usam-se frequentemente as ditas argolas, porém sem pendants.

Em outros braceletes cerimoniais, as argolas são substituídas por algumas de algodão, no feitio das já mencionadas com envoltura em forma de "8". Alguns possuem pendants de contas pretas, outros não. Estes últimos destacam-se pelas compridas franjas de algodão. Ignoramos se nestas diferenças de confecção entra também diferenciação de grupos de nomes e de festas.

b) Braceletes de palha — São adornos simples, feitos de palha. Toma-se uma pínula da guia de babaçu, da qual se tira a tala. Esta é enrolada no pulso. A amarração é feita por uma múltipla envoltura com as próprias pontas da pínula em atravessado, parecendo-se com um fecho, assentado em sentido contrário ao do bracelete. É um enfeite

comum, confeccionado e usado por pessoas de ambos os sexos. O nome é: *kam-üre* ou ainda: *me-kam-üre-djó*. (est. 13 a).

Outro tipo de bracelete de palha é feito com duas pínulas estreitas, formando uma faixa central plana, enquanto as beiras formam voltas com alcinhas um pouco salientes. Braceletes dêste tipo têm dimensões de 8 cm de diâmetro e 2 cm de largura. Também são chamados: *me-kam-üre-djó*.

c) Pulseiras — As pulseiras usadas, na vida diária, por mulheres e por crianças de ambos os sexos, são de confecção simples. Consistem de continhas pretas enfiadas num fio de algodão, sem outros enfeites. Às vêzes, se coloca de distância em distância, no meio das contas pretas, uma vermelha, amarela ou azul clara, de vidro, para avivar um pouco o aspecto. Os tamanhos dependem da grossura do pulso. O nome é *inódjêdja*. São confeccionadas pelas mulheres.

Outro tipo de pulseira, ao que parece, pouco usado, é feito das cascas muito duras de *orekó* e *mrô-iniká*. Estas são preparadas pelos homens, porém usadas pelas mulheres. Trata-se das mesmas cascas utilizadas na confecção de pendentos, colocadas entre o cordão de contas e as penas de côr.

JOELHEIRAS E TORNOZELEIRAS

Não observamos entre os Xikrín peças que pròpriamente possam ser designadas como joelheiras ou tornozeleiras. Todavia, usam em lugar delas, amarrações feitas de compridos fios vermelhos de algodão, enroladas abaixo do joelho ou acima do tornozelo, mais ou menos largas. O uso, pelo que vimos, é festivo e cerimonial, nas festas de nomes ou em cadáveres, etc. Na vida diária não observamos tais ligas. São usadas por pessoas de ambos os sexos (cf. Banner, 1961:7; Diniz, 1962:6; Dreyfus, 1963:42).

BANDOLEIRAS

Existe um certo número de tipos e variantes de bandoleiras em uso entre os Xikrín, com nomes próprios. Mas possuem também um nome comum: *arapê* ou *me-arapê*. O uso sempre é a tiracolo.

a) Bandoleiras de fios de algodão — São feitas de fios vermelhos ou pretos de algodão e, às vêzes, também chamados pelo material de confecção: *kadyót* = (fios de) algodão. Consiste numa série de voltas soltas do fio, amarradas num só lugar. Embora muito semelhante aos

cordões-cintos de algodão, distinguem-se deles pela largura da amarração em voltas contínuas paralelas numa extensão de 5 cm mais ou menos, enquanto a dos cintos é curtinha. A bandoleira de algodão é confeccionada pelas mulheres, mas usada por pessoas de ambos os sexos, preferencialmente nas festas, embora não exclusivamente (cf. Banner, 1961:8; Dreyfus, 1963:75).

b) Bandoleiras de contas pretas — Um tipo de bandoleira de estrutura análoga, é feito de várias voltas de continhas pretas, enfiadas em um só fio comprido. Às vezes, inclui-se, espaçadas de 10 a 15 cm, contas mais grossas, de vidro de côr azul, amarela, rósea ou também branca, para avivar a vista. Tais bandoleiras chegam a ter 100 cm de circunferência. São preparadas e usadas por homens e mulheres. Ocasionalmente chamam-na de: *ã-ô* (= contas).

c) Bandoleiras com pendentes — Uma variante da precedente é *ã-ô yabúdyá*. É a mesma bandoleira de continhas pretas, nas quais são amarrados pendentes de penas de cauda de arara ou de topetes de mutum-castanheiro. No uso, as penas ficam um pouco atrás do ombro, na altura da pá. Também é adorno festivo, feito pelos homens, mas trajado igualmente pelas mulheres.

Outra variante que se agrega a este tipo, consiste em uma ou duas voltas de continhas pretas com pendentes amarrados numa das extremidades sobre tala. Coincide com o tipo a ser descrito com cinto de mulher. O próprio cinto, embora feito de algodão, muitas vezes é usado pelas mulheres como bandoleira.

d) Bandoleira de cuia — Este enfeite é constituído por um simples fio de algodão ou também por um cordão de contas pretas, cujas pontas são prêsas numa cuia, cortada pelo meio, longitudinalmente e pintada de vermelho no lado interno. Na beira inferior existe uma série de orifícios, nos quais são atados pendentes de contas e penas. A peça chama-se: *õkradjabú*. É de uso festivo e trazido ao corpo com o lado aberto da cuia para fora. Os homens a confeccionam, mas também as mulheres a usam.

e) Bandoleiras de novelos de algodão — Os Xikrín falaram ainda de um tipo de bandoleira, semelhante ao anterior. Em lugar da cuia, porém, é usado um novêlo de fios de algodão, enfeitado em dois pontos opostos com simples peninhas ou pendentes de contas. Tem o nome de *kadyot-krã*, isto é, novêlo de (fios de) algodão. É confeccionada pelas mulheres, mas usada pelos homens.

CINTOS

a) Cordões-cintos — Todos os Xikrín possuem um cordão-cinto, embora não o usem constantemente. Existem dois tipos semelhantes, todavia divergindo em material e uso.

1) Os homens usam um cordel de envira em várias voltas ao redor da cintura. A corda, feita por êles, às vêzes é tinta de urucu ou de prêto. Faltam outros enfeites. O nó que une as várias voltas é envolvente, mas de curta extensão. Os tamanhos são individuais. O nome da peça é *kradjê*.

2) As mulheres, da mesma forma, fabricam e usam cordões de igual tipo, com a diferença de que são feitos de algodão. Nome, aplicação, etc., são os mesmos já relatados. Todavia, seu uso entre as mulheres não é tão constante e, o mais das vêzes, elas andam sem o cordel-cinto.

b) Cinto com pependentes de contas — As peças consistem, básicamente, num cordel-cinto, sempre feito de algodão, que pode ser tecido de várias maneiras: num tipo de faixa estreita, ou de cordão grosso, ou ainda sendo constituído por simples ajuntamento de voltas de fio (do tipo a). A êste cordel é ligada uma série de pependentes de continhas pretas com penas multicores de papagaio ou arara. Todavia, êstes pependentes não são presos diretamente ao cordel, e sim por intermédio de uma tala de 10 a 12 cm de comprimento, cuja amarração inclui por um lado um trecho do próprio cordel e por outro lado os pependentes. Às vêzes prendem-se ainda, aos lados dêstes, franjas de algodão, do mesmo comprimento. O nome da peça é: *me-prêdjó*. São os homens que a produzem e as mulheres que a usam. Durante o emprêgo, os pependentes ficam nas costas, cobrindo parte das nádegas. (est. 10 b). A peça, ocasionalmente, também é usada como bandoleira, a tiracolo.

c) Cintos com franjas de algodão — Outro tipo de cinto, embora de aspecto semelhante, é feito inteiramente de algodão. Seu nome é o mesmo: *me-prêdjó* ou *kradjê*. O feitio do cordel-cinto varia e pode ser tecido nas modalidades acima mencionadas (sob b). Possui também um dispositivo transversal, não de tala, mas originado pela amarração conjunta do cordel com as franjas. Estas, constituídas por fios de algodão de, aproximadamente, 60 a 70 cm de comprimento, são amarradas pelo meio, numa extensão de cêrca de 15 cm, diretamente no cordel-cinto, mediante envoltório de fio em voltas paralelas. Formam assim uma travessinha dura, da qual pendem, como franjas, as extremidades

dos fios num comprimento de 20 a 25 cm de cada lado. Ainda no meio desta travessinha são incluídos outros fios, formando um par de franjas centrais. Em suas extremidades encontram-se nós, para o algodão não se desfazer. Não observamos estas peças diretamente em uso, mas ensinaram-nos que são confeccionadas e usadas somente pelos homens e meninos, em ocasiões festivas. (est. 10 a).

Uma única vez encontramos um tipo intermediário, consistindo numa peça de franjas de algodão, às quais haviam sido anexados pendentés de contas pretas e peninhas (como no tipo b).

d) Cinto largo de algodão — Sobre fios-bases, ligados a duas talas em posição vertical, é passado um número de fios de algodão horizontais. Estes são unidos entre si, em três ou quatro lugares, por amarrações verticais, espaçadas de 8 a 10 cm. No fio horizontal inferior encontram-se, freqüentemente, pequenos pendentés de contas pretas e penas vermelhas de arara. Para a amarração no corpo servem quatro cordas, atadas nas quatro pontas das talas, ou apenas duas, atadas no meio delas. As medidas aproximadas de uma destas peças são 30 cm de comprimento por 10 cm de largura. O nome é *me-prêdjó*. Somente as mulheres usam tais cintas largas em ocasiões festivas.

e) Cintos de cascas de castanha — Numa corda de envira são amarradas a espaços mais ou menos regulares de aproximadamente 5 cm, pendentés feitos de cordinhas curtas do mesmo material, em cujas pontas se encontram 2 a 3 cascas de castanhas, ôcas, que chocalham ao pular e dançar. O cinto é amarrado às costas, em forma de nó. Os tamanhos são individuais, entre 70 e 110 cm. A peça é cerimonial, confeccionada e usada somente por homens, em determinadas festas. O nome é o comum: *me-prêdjó*.

f) Cinturões de couro de onça — Para o uso festivo e cerimonial, os homens fazem e usam como distintivo de prestígio, largas cintas de couro de onça-preta. Conforme explicação Xikrín, somente homem que já matou gente ou, pelos menos, onça, possui esta prerrogativa. O cinto consiste numa tira de couro do dito animal, tendo 60 a 75 cm de comprimento e 15 a 20 cm de largura. Nas pontas, perto da beira, existem cordões para a amarração. Pelo que vimos, esta é feita às costas. Alguns possuem na beira inferior pendentés de continhas pretas e penas multicôres. O nome do cinto é: *me-prêdjó* = cinto de gente (homem) ou ainda: *rop-tük* = (pele, couro de) onça-preta.

g) Cintos, trançados de fibras — Este tipo de cintos já foi descrito em outro lugar entre os trançados. Falta indicar que é de uso cerimonial, feito e usado somente pelos homens. O nome é o comum: *me-prêdjó*.

ESTÔJOS PENIANOS

Os Xikrín não usam vestimenta. As mulheres andam inteiramente nuas, sem qualquer tipo de cobertura nas partes sexuais. O homem adulto, porém, desde que é considerado púbere (*men-okré, men-müdjênüre*), traz o estôjo peniano, chamado *müdjê*. Este também não pode ser, propriamente, designado peça de vestuário, mas serve para conservar a a glânde coberta e para rechaçar o orgasmo masculino, quando por acaso se manifestar (22).

O *müdjê* é feito de uma pínula de babaçu sem tala, dobrada em forma de um pequeno funil com um orifício na ponta, por onde está impressado o prepúcio. O tamanho é individual, mas não passa de 5 cm, no máximo. É supérfluo dizer que o *müdjê* é confeccionado só pelo homem para uso próprio, individual (cf. Banner, 1961:7). Observamos uma única exceção num homem já idoso que sempre andava sem este estôjo protetor. Informaram-nos que, em conseqüência de uma doença, contraída outrora pelo contato com os civilizados, tinha o pênis deformado e que desde então o *müdjê* não segurava. Todavia, o velho sempre usava um cinto de envira, sob o qual, freqüentemente, enfiava o membro.

ADÔRNOS DE SEXO

É uma peça confeccionada e usada exclusivamente pelos homens, consistindo em alguns pingentes de contas pretas, em cujas extremidades inferiores se acham tufo de algodão com peninhas coloridas de anambés ou outros pássaros. Estes pendentos são amarrados ao cordel dos quadris de maneira que cubram, em parte, o pênis ou mais ainda, o escrôto. O nome da peça é: *ngre-ô* ou *ngre-roi* (*ngre*=ovo, testículo).

Este adorno é de uso festivo, embora pouco empregado, pois não é, propriamente, um elemento Xikrín. Trata-se de uma influência cultural dos Kuben Kamrektí, seus vizinhos, onde tais peças estão em uso. O seu emprego ainda não se difundiu muito entre os Xikrín.

(22) — É vergonhoso e contra o pudor Xikrín, o homem descobrir a glânde. Nos trabalhos de cachoeira, às vezes, perdem o *müdjê*. Arrancam, então um cipó fino ou material semelhante e amarram o prepúcio até encontrar novamente palha de babaçu. Uma vez, aconteceu a um rapaz, perder a palhinha em plena aldeia. Foi bastante vaiado e ele teve que eclipsar, por algumas horas, da vista dos outros que o estavam ridicularizando. (cf. Dreyfus, 1963 : 63-64).

TEMBETÁS

Todos os tembetás são de confecção e uso exclusivo dos homens, porque só eles têm o lábio inferior perfurado. Observamos sete variantes de tembetás entre os Xikrín.

a) Discos de madeira, simples — Trata-se de um pequeno disco ou batoque labial. Explicaram os índios que qualquer madeira leve pode servir para a sua fabricação, mas emprega-se, com mais frequência, a do urucuzeiro. Os diâmetros variam, conforme a dilatação do furo labial, não passando os maiores de 4 cm. Em geral são de pouca espessura, não excedendo 1,5 cm. Quando novos, quase sempre são pintados de urucu. Seu nome é : *akó-kakó*. Os homens usam êste disco constantemente, porque, tirando-o, vê-se a gengiva com as raízes dos dentes e, por outro lado, não conseguem reter a saliva, que pinga pelo orifício. Os próprios Xikrín acham isto feio (cf. Banner, 1961:6; Dreyfus, 1963:42).

b) Discos de madeira com pendentes de contas — Trata-se do mesmo tipo de tembetá descrito. O centro do disco, porém, é furado e no buraquinho enfia-se um pendente de contas pretas com peninhas de côr. O lado externo de tembetá, muitas vêzes, é pintado de urucu. Nesta combinação com pendente, o tembetá chama-se *kam-üre* (*kamére*).

c) Pendentes de contas sem disco de madeira — É um pendente da forma já descrita, de continhas pretas e tufo de penas de côres, enfiado no lábio. É usado, às mais das vêzes, por meninos que ainda não possuem um orifício labial tão dilatado. Nesta aplicação, o enfeite labial ou tembetá de contas e peninhas chama-se : *akó-yabú* (cf. Diniz, 1962:6).

d) Tembetá de vareta — Outra modalidade, também chamada *kam-üre* (ou *kamére*), consiste numa vareta bastante comprida que pode alcançar até 40 cm de comprimento. É fina, feita de paxiúba (ou também de bacaba), às vêzes engrossada na ponta distal, em forma de êmbolo. A parte proximal é afinada com a faca e introduzida no lábio. Serve somente para pessoas que possuem um furo labial pequeno. O terço proximal da vareta possui uma envoltura de fio de algodão, branco ou vermelho. Junto à ponta proximal, encostado ao beijo, existe um pendente do tipo comum, de continhas pretas e penas, quase sempre vermelhas. Para realçar a côr vermelha, amarram, às vêzes, um topete inteiro de mutum. O pendente é relativamente comprido e pode alcançar 30 a 35 cm.

e) Disco de madeira com vareta — Uma variante do tipo precedente com o mesmo nome, consiste em introduzir a vareta com o pendente

no centro de um disco de madeira, *akó-kakó*. Serve, então, para pessoas com o furo labial maior.

f) Tembetá de pedra — Este possui uma designação diferente: *kriüturã*. É feito de quartzo leitoso. Hoje em dia já são raros, mas observamos ainda alguns. Devido ao pêso, não podem ser usados por muito tempo ou constantemente; estenderiam por demais o lábio inferior (cf. Banner, 1961:8). São colocados somente por ocasião de festas, cerimônias ou encontros importantes, por questões de prestígio. Este tembetá consiste num cilindro de aproximadamente 10 cm de comprimento e 2 cm de diâmetro. Na parte superior possui uma espécie de travessa em forma de “T” com as pontas sobressaindo numa largura total de 3,5 cm. Elas dão à peça apóio no lado interior do lábio, para não cair. Afirmam os Xikrín que eles mesmos nunca fabricavam tais tembetás de pedra, mas que foram adquiridos de outros grupos indígenas, dos Akokakóre, especialmente.

g) Tembetá de “velho” — Chama-se este tipo simplesmente *akó-kakó* por ser feito de madeira. Todavia, a forma parece imitação de tembetá de pedra ou tipo semelhante, porque entre os Xikrín somente o de pedra possui pontas laterais para segurá-lo ao lábio. Os outros, de madeira, são circulares, sem essas saliências (23). O presente tipo, medindo cêrca de 5 a 6 cm, mostra várias secções: possui as pontas salientes de segurança (com 3 cm de comprimento no total) e, abaixo delas, o botão circular (de cêrca de 2,3 cm de diâmetro), ao qual se liga o cilindro de madeira (com 1,3 cm de diâmetro, aproximadamente) que finda, na extremidade distal, num pequeno disco (com 2 cm de diâmetro). Este tipo de tembetá é usado, preferencialmente, por homens velhos, cujo beíço não aguenta mais o pêso de um tembetá de pedra. Daí também o nome: *me-benguet akó-kakó*, isto é “tembetá de velho”.

DILATADORES DE LÓBULOS DE ORELHAS

Trata-se de um tipo de batoque auricular em forma de “charuto”, cuja função é dilatar, aos poucos e pelo constante uso, os lóbulos das orelhas das crianças. São fabricados de madeira de urucu ou outra madeira leve, confeccionados pelos homens e aplicados às crianças de ambos os sexos. O nome é: *bòrí-djuá* (cf. Banner, 1961:14; Diniz, 1962:6; Dreyfus, 1963:42, 48).

(23) — Diferem nisso dos tembetás circulares dos Kayapó do Xingu que, o mais das vezes, são maiores, possuindo, por isso, as ditas saliências laterais de segurança.

Para dilatar os buracos dos lóbulos, depois de furados, começa-se a introduzir nêles talas finas que, mais tarde, são substituídas por outras mais grossas. Afinal aplicam-se os *bòrí-djuá* pròpriamente ditos, primeiro mais finos, trocando-os, aos poucos, por outros mais grossos até os furos dos lóbulos alcançarem o tamanho desejado pelos pais. Frequentemente, os dilatadores são pintados de urucu. A forma é oblonga, levemente cônica. Na aplicação, enfia-se primeiro a ponta mais fina, empurrando aos poucos e sempre mais o cone de madeira até chegar no fim, quando é substituído por outro mais grosso. Embora usados quase diàriamente, naquela idade, são, de certa maneira de uso cerimonial, pois fazem parte integrante do “estôjo de criança recém-nascida”, que o pai tem que preparar, oficialmente. São feitos em séries de 5 a 6 pares de grossuras diferentes. Os tamanhos vão até 8 cm de comprimento, com 3 cm de diâmetro.

Em adultos, os Xikrín não usam mais batoques auriculares, nem do tipo descrito, nem de outro qualquer. Colocam, porém, outros enfeites festivos nos lóbulos das orelhas.

BRINCOS DE ITÃ

Como referimos, nunca observamos que os Xikrín adultos usassem batoques nas orelhas. Todavia, para uso cerimonial em suas festas, colocam um tipo de brincos, chamados *ikré-kakó* ou, por serem feitos de discos de itã: *ngob-nièti*. Êstes enfeites auriculares são confeccionados da seguinte maneira: a extremidade de um pedaço de taboca é cortada e aberta em forma de raios. Ao mesmo tempo, enfia-se pelo tubo da taboca uma corda de algodão. Esta, juntamente com as talinhas, é colada sôbre o lado fôsko de um disco de itã, mediante camada grossa de cerol. A segunda ponta da corda, de tamanho adequado, serve para a amarração. No centro, os discos são furados. Pelo buraquinho enfia-se uma pena de arara não muito comprida, de 6 a 8 cm.

No uso, êstes brincos são colocados sempre aos pares. Passam-se os pedaços de taboca pelos orifícios dos lóbulos, ficando os discos de madrepérola com as penas pelo lado da frente, enquanto as pontas soltas das cordas são amarradas atrás da cabeça, embaixo do cabelo da região occipital. Os discos de itã possuem de 6 a 8,5 cm de diâmetro; os tubinhos de taboca, 5 a 10 cm, aproximadamente. Os brincos de madrepérola são usados por homens e mulheres. Na confecção, preferencialmente, as mulheres produzem os discos, esfregando-os sôbre pedra

para dar-lhes forma. Os homens fabricam os brincos, compondo os vários elementos. (cf. Banner, 1961:33; Dreyfus, 1963:42, 75).

COLARES

a) Colar de itã — É este um tipo de colar composto de cordões de continhas pretas e pequenas placas de madrepérola, montadas sobre vários cordéis-base, reunidos. Estes cordéis, em número de 40 a 50, são feitos de algodão, tintos de preto e têm mais ou menos um metro de comprimento. A eles, na confecção da peça, juntam-se ainda um ou dois cordões grossos de envira, do mesmo tamanho. Na parte central, numa extensão de aproximadamente 50 cm, os cordéis-base, juntamente com os de envira acham-se cobertos por uma amarração de fios mais finos de algodão em voltas paralelas, incluindo nelas as chapinhas de itã triangulares ou também retangulares (ou romboidais ou octogonais) no tamanho de 0,8 a 1,2cm. Elas são furadas numa das beiras, no lugar onde passa o fio, e amarradas uma ao lado da outra, cobrindo-se pela metade. Num destes colares contamos 140 daquelas plaquinhas de itã. Outrossim, acham-se incluídos em ambos os lados do trecho final da amarração envolvente, os cordões de continhas pretas, mais curtas que a peça de itã, de modo que conservam o colar sempre em forma arqueada, enchendo ao mesmo tempo, pelo volume de contas, os vãos do colar. Enquanto as pontas dos cordéis-base pendem livremente para os dois lados, formando franjas de cerca de 25 cm de comprimento, as da corda de envira são aproveitadas para amarração atrás do pescoço, na nuca. Às vezes, amarram-se ainda, ao lado das franjas, pingentes decorativos, feitos de peninhas de côres vivas.

O nome deste colar é: *ngob* = itã. A peça é confeccionada pelos homens, embora sejam, na maioria dos casos, as mulheres que preparam as pecinhas de itã. Pessoas de ambos os sexos trajam este colar que é de uso cerimonial (festa de nomeação, etc.). (est. 11 a).

b) Colares de sementes — Os Xikrín usam ainda colares, constituídos por várias voltas de sementes de uma frutinha, parecendo-se com continhas redondas. Estes colares quase sempre são empregados como complemento do *ngob*. Raras vezes usam somente o de sementes, sem a argola de placas de itã. Possuem uma circunferência de 50 a 60 cm. O uso sempre é festivo e cerimonial.

Aparecem duas variedades de colares. Uma de contas ou sementes claras, cor de marfim, chamadas *ikôna*; colares deste tipo são con-

feccionados e usados, exclusivamente, pelos homens. A outra, feita de sementes ou contas pretas (*ã-ô*), pode ser usada por pessoas de ambos os sexos (cf. Banner, 1961:7). Ocasionalmente, as mulheres usam também colares de cápsulas de *orekó* ou *mrô-íniká*.

PENDENTES PEITORAIS DE PENAS

Esta peça festiva, confeccionada pelos homens, mas usada por pessoas de ambos os sexos, consiste de algumas penas amarelas de japiim ou vermelhas de arara, ou ainda pretas de mutum-castanheiro, amarradas entre si sôbre um fio-guia. Para crianças, tomam-se também penas menores de papagaios. O seu número varia de 4 a 10. Os ráques das penas, na sua ponta proximal, são dobrados sôbre o fio-guia e ali amarrados, prendendo-se tanto as pontas dos ráques como também as penas vizinhas. Origina-se assim um pendente que se assemelha a um leque não muito largo. Para dar à peça mais firmeza e manter as penas um pouco afastadas entre si, amarram-se, às vêzes, talas estreitas do mesmo comprimento por baixo das próprias penas. As pontas sobressalentes do fio-guia são utilizadas para a amarração. O nó se faz na nuca, embaixo do cabelo da região occipital. O enfeite é usado, portanto, na frente, no pescoço, pendurado sôbre o peito. O nome é: *me-õkrêdyí*.

ADÔRNOS CERVICAIS

Trata-se de um enfeite cerimonial, usado em certas festas. Compõe-se de uma pena de cauda de arara e de um dispositivo especial para segurá-la.

A pena de arara pode ser simples, sem outras decorações: o mais das vêzes, porém, existem pequenos pendentes na ponta distal, de penas amarelas de japiim ou vermelhas de arara, atadas levemente na nervura da pena principal. Agitam-se pelo movimento da pessoa ou ao soprar do vento.

O dispositivo para segurar esta pena consiste num pedaço de pau roliço, de 3 a 5 cm de comprimento e 2 cm de diâmetro, aproximadamente, sôbre o qual, em ângulo reto, está amarrado um pedaço de tubo de taboca (taquari), com 5 a 8 cm de comprimento. Esta taboca mostra um enrolamento duplo de fios brancos de algodão com voltas paralelas embaixo e de fios cruzados em cima. Ao redor da abertura distal são prêsas, dentro da amarração, pequenas penas vermelhas deco-

rativas. É nesta abertura que se coloca a pena grande acima mencionada.

A peça é amarrada ao pescoço com o nó na frente, na garganta. O dispositivo fica na nuca, enquanto a pena fica um pouco distante do corpo. Na aplicação supra, a pena é chamada *mod-yamü* (= cauda de arara); o dispositivo, *õkrêdyipú*; o conjunto = *me-õkrêdyi-yamü*. É confeccionada pelos homens, usada por ambos os sexos, especialmente nas festas do grupo nominal *tokok*. Os tamanhos variam, dependendo da pena de arara empregada.

PENDENTES DORSAIS DE PENAS

É outro adorno festivo, confeccionado pelos homens, mas usado por mulheres também. Chama-se *adyék*. Consiste em um ou dois fios de algodão compridos, com pendentes ou tufos de penas em suas extremidades. A peça é amarrada entre o cabelo da região occipital ou no rolete (*kê-kriü*) dos diademas de penas ou ainda colocada ao redor do pescoço, de modo que os pendentes de penas fiquem sempre pelo lado de trás, chegando, às vezes, até a altura dos joelhos. Para os pendentes ou tufos utilizam de preferência penas brancas de garça ou de jaburu (*kam-ri*) ou as amarelas de japiim (*pêotí, pêyotí*).

ADORNOS OCCIPITAIS DE PALHA

Um enfeite do cabelo, fabricado e usado somente por homens, é *krã-dji*. Consiste em uma quantidade de pínulas estreitas de babaçu ou miriti, atadas em feixe com amarração, no meio, em dois lugares pouco distantes, mediante cordinhas de envira. Parte das pínulas é juntada e dobrada para baixo, formando uma espécie de cauda de 40 a 50 cm de comprimento, enquanto as restantes são encurtadas, formando uma travessinha de 20 a 25 cm. A peça é trazida no occipício e segura debaixo do cabelo de maneira que as pontas das talinhas horizontais sobressaem à direita e à esquerda e a "cauda" pende sobre o dorso.

O DIADEMA *me-kutóp*

Uma das peças principais em determinadas festas de grupos de nome, é o chamado *me-kutóp*.

A peça consiste numa série ímpar de tubinhos de taboca (variando o seu número entre 9 e 15), amarrados entre si em tôda a sua extensão

que é de 5 a 7 cm. O trançado de fio é feito de tal maneira que cada volta prende dois tubos. Na volta seguinte passa, então, entre os dois enlaçados e, progressivamente, inclui sempre o próximo. Para dar estabilidade e dureza a êste conjunto, amarram-se na parte inferior, em cada lado, uma travessa do mesmo material no tamanho correspondente. Nas extremidades das travessinhas, as pontas restantes dos fios formam franjas.

Pronta esta parte central da peça, colocam-se os enfeites de penas. São introduzidas nos orifícios superiores dos tubos de taboca. Para esta decoração utilizam, preferencialmente, penas amarelas de japiim, vermelhos de arara ou ainda pretas de mutum-castanheiro. A ordem das côres varia, ficando, às vêzes, as penas amarelas nos lados, e as vermelhas sobressaindo no meio; ou ainda penas vermelhas e pretas nos lados e amarelas no centro.

No tubo central, pelo lado de baixo, enfia-se uma vareta de paxiúba de, mais ou menos, 20 cm de comprimento, fixada na cêra do capacete, pois a peça, quando em função, é usada da seguinte maneira: o portador do enfeite recebe sôbre a cabeça bem raspada um amontoado de cêra, uma espécie de capacete, findando em ponta no alto. Nela fica espetada, profundamente, com a vareta de paxiuba o *me-kutóp*, a fim de não cair com os movimentos da dança (cf. Banner, 1961:7; Dreyfus, 1963:75). O comprimento total da peça alcança até 60 cm. É preparada e usada exclusivamente pelos homens de certos grupos de nome.

A TESTEIRA *Kruapú*

Peça cerimonial de importância análoga (ao *me-kutóp*), usada também em certas festas de grupos de nome, é o *kruapú*.

A peça consiste numa série de tubos da mencionada taboca (taquari) de, aproximadamente, 20 cm de comprimento, todos cobertos de fio branco ou prêto em voltas paralelas, ligadas entre si e amarradas sôbre uma corda-guia grossa. O fio de amarração passa pelo tubo, envolve o cordão-guia e, voltando por dentro do mesmo tubo, passa na abertura distal para o tubo próximo, onde o processo de amarração se repete. Assim, todos os tubos da peça são amarrados com um só cordão. A ordem da colocação dos tubos parece padrozinada, de maneira que, de cada lado, um tubo com fio prêto forma a beira e mais três outros, também prêtos, o centro. Os campos grandes são formados pelos brancos. Nos orifícios do lado distal ou superior dos tubos existem penas colocadas numa largura de cêra de 4 cm, formando faixa

de igual largura. São colocadas de maneira que cada tubo branco recebe penas pretas de mutum-castanheiro, e os tubos prêtos recebem penas amarelas de papagaio. A peça é amarrada ao redor da fronte, ficando os tubos em pé. É prêsa atrás da cabeça com as pontas sobresalentes do cordão-guia. O total da peça possui uma extensão de 40 por 24 cm, mais ou menos. Sômente os homens de determinados grupos de nome confeccionam e usam estas testeiras nas festas e cerimônias que lhes competem. (est. 11 b).

COCARES GRANDES, DE PENAS DE ARARA

O adôrno talvez mais portentoso dos Xikrín é o diadema radial, formando roda grande. É denominado de *ùkrênipê*, *okó* (*ok-kó*), *kamiâère* ou, embora raras vêzes, *krôkrôkti*. Consiste numa série de compridas penas vermelhas e azuis de arara, montada sôbre um cordel-base. As pontas dos ráques das penas são dobradas, engatadas no cordel-base e, mediante uma amarração com fio de algodão branco ou prêto, prêsas uma ao lado da outra. As extremidades do cordel-base servem para a amarração da peça na cabeça. As penas ficam sempre coordenadas num aspecto decorativo, harmonioso, empregadas ora em todo o seu tamanho, ora deixando-se sobressair algumas mais compridas (nos lados e no centro), enquanto se reduz o tamanho das outras intermediárias, ou ainda, atando-se pequenos pendentos de penas de outras côres nas pontas. Para o cocar não se abrir demais, perdendo assim a sua forma, passa-se em meia altura um fio-guia com nós envolventes nos ráques, de maneira que as penas ficam sempre igualmente espaçadas.

Usam-se também cocares grandes de duas faixas de plumas e que são os *Krôkrôkti* prôpriamente ditos. Para tornar densos os cocares, coloca-se, então, na frente das penas grandes e altas, uma segunda faixa, igualmente de penas de arara, da qual corta-se as pontas em meia altura. Origina-se assim um certo tipo de cocar de diadema duplo, sôbreposto (est. 12 b). Este cocar grande é usado juntamente com o *kê-krü*, rodela ou rolete, perfazendo as duas peças um conjunto. (est. 12 a). É confeccionado pelos homens, mas usado também pelas mulheres. Neste caso, porém, é amarrado atrás da cabeça, pois mulher não usa rolete.

Convém anotar, aqui, que os Xikrín desconhecem os compridos *krôkrôkti* dos Kayapó do Xingu, cujas extremidades pendem sôbre as costas até a altura dos quadris (cf. Banner, 1961:7), ou montados sôbre armação em forma de ferradura.

COCARES MENORES DE OUTRAS PENAS

A confecção destes diademas menores obedece inteiramente ao sistema acima descrito. Todavia, são sempre usados sem roletes e em forma de faixa. Enquanto nos grandes cocares se empregam, exclusivamente, penas de arara, para este tipo usam-se também penas de outras aves: brancas de jaburu e pato, amarelas de japiim, verdes de papagaio, pretas de pato e de mutum-castanheiro, etc. Também a coordenação decorativa é sempre a mesma supra. Em alguns cocares observam-se faixas duplas de penas, de maneira que uma fileira de penas menores (p. ex., de papagaio) fica na frente de outras mais compridas (p. ex., de japiim), enquanto no centro e nos lados se encontram penas compridas de arara. O nome comumente dado a estes cocares é *okó* (*ok-kó*) ou ainda *módrere*. Também eles são feitos pelos homens, mas utilizados por pessoas de ambos os sexos (cf. Banner, 1961:7).

ROLETES PARA COCARES

Para a fixação dos grandes cocares (*krôkrôktî*) usa-se um rolete. Seu nome é *kê-krü* (*keikrü*). Somente homem o fabrica e usa; mulher amarra o cocar diretamente na nuca.

Este rolete possui forma de disco e consiste num trançado de fios de algodão duro e sólido. Não observamos o processo de fabricação. Todavia, trata-se de um trançado de fios em sistema envolvente progressivo. Na periferia existe uma envoltura múltipla de palha ou tala, de 1 cm de largura, que circunda o trançado ao qual está amarrado em quatro pontos opostos. No centro do disco encontra-se um orifício de 1 cm de diâmetro. É o lugar da amarração na cabeça. No uso, o homem passa uma mecha de cabelo para segurar a peça mediante um nó da própria mecha. O cocar é colocado entre o crânio e o rolete, dando este às penas o apoio necessário para não caírem para trás. (est. 12 a).

O tamanho dos roletes é 17 cm de diâmetro e 1 cm de espessura, aproximadamente.

ARMAÇÕES DE TEQUER DIADEMAS

Diademas e faixas de penas são confeccionados sobre uma armação muito simples, comparável a um tear dos mais primitivos. Consiste em dois paus finos ou mesmo duas flechas fincadas no chão, entre as

quais se ata o cordel-base. Sobre êle são amarradas as penas do cocar ou diadema mediante cordel amarelo com nós verdadeiros ou falsos, ou ainda por meio de um atilho intermediário. Tôdas as três modalidades de fixação estão em uso (24).

AROS OU COROAS, EMPLUMADOS

Um aro, tipo de armação para diadema ou para coroa radial, é feito de três talas paralelas, duas delas formando as beiras da argola, e uma a divisão central. Os dois espaços assim originados são preenchidos com pínulas estreitas de babaçu, miriti ou tucum. A amarração do conjunto se faz com corda de envira ou de algodão num sistema envolvente das duas talas, externa e interna. As pínulas, separadas pela tala do meio, passam alternadamente por cima e por baixo da corda de amarração. Por fim, as extremidades das talas e pínulas são reunidas e amarradas em forma de aro. O trançado fica bastante sólido. Nêle, às vêzes, sômente 4 a 6 penas compridas de arara são fixadas em posição levemente inclinada para a frente. Outras vêzes formam mesmo uma coroa ao redor da cabeça. Os tamanhos, em média, são 2,5 a 3 cm de largura e 23 a 26 cm de diâmetro. A peça é feita e usada pelos homens. Seu nome, no conjunto, é: *kamiáire*, *módrere* (*mónrere*) ou ainda *kráimoró*.

AROS DE PENAS

Para as festas, entre os adornos mais comuns estão os aros de penas. Consistem numa tala (de miriti ou outra) dobrada em aro, sobre a qual são amarradas pequenas penas, principalmente vermelhas ou verdes de papagaios e araras, mediante uma amarração em voltas paralelas contínuas. Às vêzes, na frente sobressaem algumas mais compridas. Êste adôrno chama-se também *kráimoro* ou *kamiáire*. Só os homens o confeccionam e trajam.

AROS DE PALHA

Aros de palha são usados com muita freqüência em danças improvisadas, por ocasião de qualquer acontecimento digno de ser festejado. Consistem numa pínula amarela de guia de babaçu, inteira e aberta

(24) — Sobre terminologia e processos de amarração, mais explicitos, cf. Ribeiro, 1957 : 64 seg.

Dobrando-a, forma-se o aro, cujas pontas são seguras por dois pedacinhos de tala, atravessados à maneira de alfinetes. Tanto homens como mulheres fabricam e usam tais aros. Seu nome é: *me-kreamkrúk* (est. 13 a).

PENUGEM

Um adorno de cabelo freqüente é a penugem branca de gavião, garça, etc. É colocada em flocos mais ou menos densos sobre o cabelo da cabeça, formando, em certas aplicações, verdadeiras toucas brancas. O uso é festivo e cerimonial, para ambos os sexos (cf. Dreyfus, 1963:75).

Bô — MÁSCARA DE PALHA

Bô, pròpriamente dito, é a “palha”, subentendendo-se: “palha de babaçu”. Máscara ou festa de bô é, portanto, a máscara ou festa da palha de babaçu (25). É de notar que o babaçu é um dos elementos básicos da cultura Xikrín, tanto sob o ponto de vista da cultura material, como sob o da subsistência tribal. O espírito representado por bô parece ser *Bep-Goróro* ou *Bep-Goróroti*. Pelo menos, seu nome volta continuamente nas danças e cantigas de bô. Festa, dança e máscara de bô enquadram-se no conjunto cerimonial do *aruanã* dos Karajá e Tapirapé e cremos que, essencialmente, seja idêntico com êle.

A máscara de bô se compõe de duas partes distintas: a cabeça (*krã*) e a saieta (*mutô*).

Bô-krã, a parte superior da máscara, é feita de um trançado diagonal de pínulas, de dois pedaços de fôlha de babaçu, de nervuras desbastadas, igual a uma cesta em forma de funil. O diâmetro da abertura é de 35 cm, mais ou menos. A altura total é de 110 a 115 cm. Todavia, esta “cesta” não possui fundo, porém tendo alcançado uma altura de 60 a 70 cm, aproximadamente, o trançado com as restantes pínulas sobressalentes é amarrado para formar duas pontas semelhantes à chifres. Na frente da máscara ata-se uma grade de talas de miriti em amarração envolvente progressiva, com cordão de envira. A grade representa o rosto e possui 20 a 25 cm de largura, com 45 a 55 cm de altura no meio, entre os “chifres”, os quais daí ainda sobressaem por mais 40 cm, mais ou menos. É atada com as pōntas da corda de envira das amarrações, no lado de trás da “cabeça” (*krã*). As palhas e as

(25) — Banner (1961:20) descreve a máscara bô como sendo feita de envira (cf. também Diniz, 1962:9).

talas das pontas-chifre são envoltas, conjuntamente, com tiras de envira. Nas extremidades, no alto, são fixadas, em pé, compridas penas de arara. Outrossim, a grade, em tôda a sua extensão frontal, é também coberta de peninhas vermelhas e azuis. São coladas em filas, alternando as côres, enquanto nas beiras se encontra um emolduramento ao redor do rosto, com penugem branca (de jaburu, etc.). Embora a grade em sua totalidade represente o rosto da máscara, olhos, nariz e bôca não são destacados ou indicados como nas equivalentes entre os Karajá e os Tapirapé.

Atrás da cabeça da máscara ata-se a cauda, consistindo em meia dúzia de penas de arara (quase sempre azuis), impressadas entre duas talas bem amarradas com envira de castanheira.

Uma "cortina" de franjas compridas de palha de miriti, amarradas sôbre o "krã" porém abaixo do "rosto", completa esta parte da máscara. As franjas encobrem o dançarino até os quadrís. Alí, o vestuário é completado por saiotos, presos à cintura. Como adôrno, bô ainda leva um colar de itã, colocado entre o "rosto" e as franjas do "krã". Os saiotos (*mutô*) são também feitos de palha. As pínulas são amarradas, uma por uma, sôbre o cordel-base.

Outro sistema de amarração é feito em forma de trança de três cadilhos. Êstes saiotos variam muito em tamanho. A altura é de 70 a 90 cm; mas, quanto à extensão, divergem demais. Alguns índios gostam de usar vários saiotos. São feitos, então, em tiras de 80 a 100 cm de comprimento. Outros preferem uma tira só, porém extensa e comprida, para dar com ela várias voltas ao redor do corpo. Êsses saiotos possuem comprimentos de 3 m ou mais.

O uso destas máscaras é sômente cerimonial. São confeccionadas e trajadas exclusivamente por homens. (est. 13 b).

Kokói — MÁSCARA DE MACACO-PREGO

As máscaras de macaco-prego, *kokói* (ou *kukôô*), é complemento de outra, *pât*, o tamanduá bandeira. As duas máscaras sempre vão juntas na festa de *kokô*. Para ambos, o material básico é babaçu e envira de castanheira.

A máscara de *kokói* consiste num trançado diagonal com fôlha de nervura desbastada, num salto de duas pínulas.

Na confecção, a primeira forma é retangular como uma pequena esteira, de 60 por 20 cm, mais ou menos. A beira é formada pelo

dobramento das pínulas. Em seguida, amarra-se no lado interno da máscara uma vara, a que se dá um forma oval, juntando as suas pontas. Num lado, a vara fica atada às nervuras desbastadas e no outro à própria fôlha. Dobra-se a ponta inferior, livre, do trançado sôbre a junção das pontas da vara, que se amarra nesta posição, formando assim uma pequena bôlsa em forma de funil. Ao redor da beira da palha, mas sempre para o lado de trás, amarram-se com nós simples, tiras de envira de castanheira (*pin-ü yôrô*), com 70 a 80 cm de comprimento, num sistema de franjas. A parte trançada, frontal, sem enfeites ou decorações, é o rosto de *kokói*. (est. 14 c).

Para segurar a máscara na cabeça do dançarino, existe no lado interno, superior, uma alça de envira de castanheira, amarrada nas duas beiras. A bolsinha mencionada, por sua vez, possui também a sua função. Durante a festa, os dançarinos-macacos vão de casa em casa, roubando ou recebendo presentes em forma de batatas-doces, bananas, etc. Guardam as frutas na bolsinha da máscara para comê-las ocasionalmente. A altura total de uma dessas máscaras *kokói*, com franjas, alcança em média 100 a 120 cm. São confeccionadas e exclusivamente trajadas por homens e rapazes.

Pât — MÁSCARA DE TAMANDUÁ-AÇU

Como já referimos, esta máscara sempre é acompanhada pela de *kokói*, do macaco-prego. As duas aparecem juntas na festa dos *kokô*.

A parte principal da máscara é feita em forma de uma cesta afunilada de talas de babaçu sem pínulas ou ainda de talas, nos quais se deixou uma estreita faixa de palha. Quando é feita sômente de talas, toma um aspecto de gradeado, ao passo que, com palha ainda aderente, se torna mais fechada. Os tamanhos observados variam entre 40 e 70 cm de comprimento (ou altura), possuindo duas a quatro amarrações paralelas, espaçadas de, aproximadamente, 10 cm, do tipo envolvente progressivo. Para indicar as listras do desenho no pêlo do animal, fazem-se duas amarrações diagonais ou cruzadas com fio prêto ou envira escura. No alto, as talas são reunidas e amarradas firmemente numa extensão de 40 a 60 cm com envira, indicando o comprido focinho do tamanduá, findando numa corda de envira torcida em espiral, também com 30 a 60 cm de comprimento, representando a "língua" do tamanduá. Às vêzes, a extremidade livre desta corda é enfeitada com algumas peninhas vermelhas. Lateralmente, para a direita e à esquer-

da, ficam os braços, amarrados ao corpo. São trançados em forma cilíndrica, num tecimento de pínulas de dois pedaços de fôlha de babaçu com nervura desbastada, saltando alternadamente uma só pínula do rumo contrário. No lado de trás, nas costas da máscara, coloca-se a crina, consistindo em palhas curtas, amarradas sôbre o cordel-base de envira, numa extensão de, mais ou menos, 30 cm. Na beira da cesta, no rumo da crina, é atada uma cauda de aproximadamente 30 a 40 cm, feita de tiras finas de envira, amarradas sôbre uma tala flexível que, por fim, é levantada em forma arqueada e, mediante fio de envira, é segura nessa posição. Concluindo, ata-se ao redor da beira da cesta uma espécie de saiote de tiras de envira de castanheira (*pin-ü yôrô*), no tipo de amarração das já descritas na máscara *bô*. Às vêzes, as franjas são amarradas também isoladamente, uma por uma, lado a lado.

Nas peças, foram observadas as seguintes medidas: 25 a 30 cm na largura do corpo; 70 cm na largura total, com os braços estendidos; 210 cm, mais ou menos, na altura total, com franjas e a "língua" estendida.

A máscara *pât* é de uso cerimonial, fabricada e usada sòmente pelos homens e rapazes. Também meninos participam da festa e trajam a máscara. (est. 14 b).

Me-karón — MÁSCARA DE "ESPÍRITO" OU "VISAGEM"

Trata-se de máscaras inteiramente trançadas de palha de babaçu. São grandes, da altura de um homem. Para fins cerimoniais, nas festas das "almas" ou dos "espíritos", são trajadas pelos rapazes. Seu feitio é igual ao dos bonecos do mesmo tipo e nome, os *me-karón* de brinquedo. (est. 14 a).

BASES DE SUBSISTÊNCIA E ALIMENTAÇÃO

1. CICLOS ECONÔMICOS E SEMINOMADISMO

A subsistência e o ciclo econômico, são, na vida Xikrín, dois problemas ou fatores inseparáveis e, em parte, coincidem. Apresentamos aqui as notas sobre estes dois aspectos como formando uma unidade; pois já que quase tudo na cultura material Xikrín de uma ou de outra maneira se liga direta ou indiretamente à economia e subsistência do grupo, com boa razão poderemos incluir o assunto no contexto deste trabalho.

Os Xikrín são ainda seminômades. Na sua vida divisam-se dois ciclos econômicos em que o nomadismo se baseia. Outrossim, ambos, seminomadismo e ciclos econômicos resultam dos fatores de subsistência. Assim, durante o ano, a sua vida divide-se: em uma época mais sedentária na aldeia; e em outra, de vida inconstante, de correrias e andanças pelas matas. Todavia, a aldeia é o centro, donde saem para fazer as suas excursões de coleta e caça, inclusive seus "raids" de guerra, e para onde confluem novamente, passada esta fase. A época de nomadismo é a de frutas da mata, de facilidade de caça e pesca (cf. Dreyfus, 1963:33). A época sedentária é a da roça madura (26). O tipo de seminomadismo Xikrín difere um pouco do de outros grupos observados, p.ex. dos Karib das Guianas. O Karib muda a aldeia, a roça e o grupo todo dentro de espaços curtos, às vezes de 2 a 3 anos para outros locais, onde faz novas roças e novas aldeias, embora aconteça isso dentro de um determinado território considerado seu. Há, portanto, freqüente transferência de roça, aldeia e pessoal. O Xikrín, pelo contrário, uma vez estabelecida a aldeia, normalmente habita-a durante muitos anos, pois ela representa um ponto mais ou menos fixo, enquanto somente o pessoal vive num constante vai e vem, conforme o ritmo dos ciclos econômicos de produção da mata e da roça (27). Os próprios Xikrín tentaram explicar-nos seu tipo de seminomadismo. Devido à

(26) — Falando do cultivo do milho entre os Jê, incluindo os Kayapó, Galvão (1963:132) diz: "...as roças de milho eram abertas e plantadas, dispersando-se o grupo em pequenas bandas para atividade de coleta, caça e pesca, as quais voltavam-se a se concentrar pela época da colheita".

(27) — Na distinção feita, talvez se possa classificar os Xikrín como semi-sedentários e os Karib das Guianas, como seminômades.

expressão concreta plástica, transcrevemos aqui, uma das frases principais: “Em casa (isto é, na aldeia, época mais sedentária) come batata, depois come inhame, depois macaxeira. Depois *me-benokré* (os Xikrín) vai para a mata (época de nomadismo), come palmito, come côco de babaçu, come mel, come carne. Depois volta para casa e come de nôvo batata, come inhame etc...”.

Mesmo dividindo a vida Xikrín nestes dois ciclos de atividades, elas não constituem exclusividades. Seria um êrro pensar que, na época sedentária, os índios não saíssem para pequenas excursões de caça e coleta, embora a roça seja a base principal de sustento nessa época. Vão, entretanto, não para tão longe, nem tão demoradamente. Outrossim, no verão, época da coleta e caça e também de seu nomadismo, os Xikrín se afastam durante semanas da aldeia. Vão em grupos familiares mais ou menos numerosos, num raio de 3 a 5 dias de viagem, em média. Todavia, a aldeia nunca está totalmente abandonada ou desprovida de gente. Ficam, principalmente, os doentes e velhos que não aguentam mais essas excursões demoradas e que, então, vigiam aldeia, casas e roças. Os contatos entre estas duas turmas básicas (os remanescentes na aldeia e os andarilhos da mata) nunca se perdem. De vez em quando, o *benadjúre* ou líder dos grupos da mata, manda os mais moços (*men-noronüre*) ou também as mulheres, à aldeia, para buscar suprimentos complementares de batatas, bananas ou o que por lá houver. O grupo remanescente na aldeia, por sua vez, é abastecido com parte dos resultados da caça e coleta, como mel, fruta, etc. Assim existe sempre uma constante conexão entre os vários grupos e sabe-se notícias de uns e de outros. Nunca se perde, por completo, o contato.

Do que foi dito resulta ainda, que, em relação aos Xikrín, a idéia de uma rigorosa divisão de épocas, uma de puro nomadismo e outra de constante sedentarismo, num sentido de divisão exclusiva, não seria de todo correta. Mesmo durante a época de corridas de mata, há um incessante vai e vem de grupos e pessoas na aldeia. Ademais, os próprios ciclos econômicos, de plantio e de coleta, pela própria natureza, não são divididos rigorosamente. Coincidem e se intrometem parcialmente. A época de coleta de frutão, p.ex. é, também, época do milho verde.

Neste esquema, traçado aqui em linhas gerais, enquadram-se as várias atividades econômicas e de subsistência. Estenderemos ainda as nossas considerações sobre assuntos estreitamente relacionados a elas, como são preparação de comidas, refeições, etc.

Galvão, estabelecendo as áreas culturais dos índios brasileiros, destaca a região dos Kayapó como constituindo o núcleo ocidental da área Tocantins-Xingu, citando, em seguida, as características deste tipo de cultura (Galvão, 1962:29 seg). Os Xikrín, de fato participam e se enquadram aqui, não só geográfica, mas também culturalmente e, em particular, quanto às fontes de sua subsistência. Como se pode notar, estas bases se assemelham às da maioria dos grupos primitivo das florestas tropicais da Amazônia: agricultura rudimentar, caça, pesca e coleta, embora com uma série de traços específicos, próprios ao seu ambiente ecológico-cultural. Em breves termos trataremos, pois, de cada assunto, isoladamente.

2. AGRICULTURA

Elemento de subsistência que está ganhando sempre mais vulto e valor entre os Xikrín, é a roça, por ora ainda pouco desenvolvida. Os índios já compreenderam, sabem e sentem que pela invasão de suas terras por castanheiros e caçadores de peles, o ambiente de suas excursões de coleta e caça, aos poucos, está se restringindo, lenta, mas constantemente. Ficam reprimidos ao lado esquerdo do rio Itacaiúnas, na área do Caiteté. Outrossim, são limitados ao oeste pelos Kayapó-Gorotíre, pelos quais, por motivos de antigas hostilidades, não morrem de amôres; e ao norte, por grupos tupí (Asuriní, etc.), com os quais sempre viviam em lutas. E assim, embora ainda haja mata e território suficiente para eles, automaticamente procuram contrabalançar, em sua economia tribal, as falhas e a restrição de coleta daí oriundas, por um certo incremento na agricultura. Isto não só quantitativamente, fazendo mais ou maiores roças, e sobretudo qualitativamente, aceitando e introduzindo plantas de cultivo, novas para eles, como são, p.ex., a mandioca, o arroz, a cana-de-açúcar, etc.

Apresentamos, em seguida, as observações feitas sobre este aspecto da situação econômica tribal, tais quais se ofereceram naquela ocasião.

A roça Xikrín é assunto de grupo e consiste em um só e grande roçado para toda a aldeia. Isto não quer dizer que eles tivessem sempre uma só roça, mas que ela é comum, e todas as famílias dela participam. O mais das vezes existe uma segunda, porém nunca observamos mais de duas.

Falando da roça Xikrín, cremos ter de estabelecer este conceito em duplo sentido: como "roça propriamente dita", onde se cultivam,

principalmente, milho e macaxeira; e como “batatal”, roça, onde não se planta outra coisa senão batata-doce. Este segundo tipo de “roça-batatal” é oriundo do primeiro. A plantação, depois de ter servido para macaxeira e milho, é transformada em batatal. Com a anexação anual de mais um lote de terra, gasta no plantio dos dítos produtos (milho e macaxeira), êstes batatais podem tornar-se, realmente, extensos, como tivemos ocasião de verificar na aldeia antiga.

Todavia, o tamanho das roças novas, anuais, não é muito grande. Estimamos a área cultivada na fóz do Caiteté em quatro hectares. Isto, de fato, é pouco para um grupo de 140 a 150 pessoas e não seria suficiente para seu sustento, se esta roça fôsse a fonte única de subsistência. Mas tem que se levar em consideração que a coleta, juntamente com a caça, para os Xikrín, ainda é predominante e que a agricultura é, antes de tudo, um necessário e importante complemento da coleta e não vice-versa. Ademais, depois de acabada a roça propriamente dita (de milho e macaxeira), o batatal que aumenta de ano em ano, fornece o suplemento suficiente para o sustento do grupo. Em certas épocas, a alimentação agrícola pode tornar-se monótona, um tanto unilateral, mas o batatal dá sempre o suficiente para que ninguém morra de fome.

Na fixação da roça, o primeiro passo é a escolha do local. Deve ser um lugar onde a água da chuva possa escoar-se logo, para não fazer apodrecer as raízes das plantas. Quem escolhe o lugar para plantação, freqüentemente indicado pelos homens *noronüre*, é o *benadjüre*, o chefe. Mesmo assim deve aceitar sugestões pró ou contra, especialmente durante os discursos da noite, em praça pública. Mas quem tem a última palavra e dá a decisão, é êle. Determina, também, a extensão e tamanho da roça que são, aliás, fatôres muitas vêzes ditados pelos acidentes do terreno, como a própria extensão da terra prêta, baixas úmidas, igarapés, etc..

Conforme expressão dos próprios Xikrín, êles conhecem, se a terra é boa para a plantação ou não, “olhando”. Pelas respostas recebidas parece que não usam exames, seja pelo tato, seja pelo gôsto. Entretanto, terra preta sempre é considerada boa; terra muito arenosa, ruim. Quer nos parecer que os Xikrín, realmente, não possuem grande tradição experimental neste assunto, pois tôdas as suas roças encontradas, estavam situadas em sítios arqueológicos. Com outras palavras: aproveitam para as suas roças terras das quais sabem que, em tempos anteriores, já tinham servido para os mesmos fins.

Chegando a vez de fazer a roça, limpam a derrubam a mata. A época da derruba é pelos fins da estação de chuvas, mas antes do começo do verão forte. Deixam a mata secar por "duas luas" (dois meses) de queimá-la. Havendo necessidade, fazem logo em seguida a coivara para plantar em primeiro lugar o milho. Em janeiro para fevereiro já começam sua colheita. Das outras plantas de cultivo, cuidam mais tarde. Fazem uma ou duas capinas, conforme a necessidade.

A derrubada da mata é feita pelos homens, (cf. Diniz, 1962:11 seg.; Dreyfus, 1963:27), especialmente pelos rapazes *men-nuronire* num esforço comum de ajuda mútua, numa espécie de mutirão. Sob o ponto de vista social, os homens pertencem às várias famílias extensas, as quais, por intermédio deles contribuem para a confecção da roça. As famílias, portanto, têm direito nela, razão por que é subdividida em lotes que, por sua vez, são distribuídos entre os diversos grupos familiares. São entregues aos homens, pais de família, que assim se tornam os donos de seu lote (28). Esta distribuição é feita pelo chefe, o *benadjure*. Se houver discordâncias ou dificuldades, podem reclamar à noite, durante os discursos de costume. Se a reclamação fôr julgada sem razão, têm que se contentar com a determinação feita. Também os solteiros (a "casa dos homens" como entidade?), por terem ajudado no serviço coletivo, às vezes, recebem um pedacinho de terra. Geralmente são as irmãs e mães que lhes plantam ali um pouco de milho. Mais tarde, os rapazes mesmo plantam bananeiras, em lugar dele. Nos lotes distribuídos, os trabalhos do plantio fazem-se em grupos de

(28) — Não ficou bastante esclarecido, se esta divisão em lotes se faz à base de famílias extensas, matrilineares ou à base de famílias individuais, nucleares. A primeira suposição contradizem, de certa maneira, as informações que designam o homem como dono da roça, pois, dentro da estrutura Kayapó-Xikrín quase não é possível que a mulher e família dela participem dos bens (aqui a roça) do homem, representante da família extensa matrilinear dele. O homem, por sua vez, vivendo com a família da mulher (matrilocalidade), muito bem pode trabalhar para a família nuclear, constituída por ele (mais mulher e filhos) trabalhando com isso também para a família extensa da mulher, como apêndice desta. Quem, neste caso, poderá ser considerado dono da roça? As notas supra, do texto, que damos como as observamos e recebemos, sugerem distribuição de lotes de roçados às famílias nucleares. Todavia, isto contradiz um tanto à estrutura do grupo tribal, onde só valem as famílias extensas matrilineares, a não ser que o valor destas se restrinja unicamente ao ambiente social, atingindo só periféricamente os elementos da cultura material. Fica aqui, indicado o problema para futuros pesquisadores. Aliás, advertimos que, até possuir informações mais exatas, usamos a expressão "matrilinear", em relação aos Kayapó-Xikrín, com certa restrição; pois, pessoalmente, pensamos que se trata de possível descendência bilateral, embora com forte predominância das linhagens maternas (cf. Frikei, 1963 : 150).

família e dentro dêstes, cada sexo trabalha dentro das suas aptidões, segundo a divisão de trabalho vigente. Mais tarde, a colheita também se faz em grupos de família ou de sexo (preferencialmente mulheres) quando colhem milho, procuram batatas, etc., cada um dentro de seu lote. Grupos mistos só quando compostos da família estritamente dita, nuclear. Visto que há, dentro do conceito da roça em comum, um princípio de individualização de propriedade, é considerado furto invadir o lote dos outros. Ocasionalmente, ouvimos queixas. O mais das vêzes, porém, tratava-se de meninos que, como todos os bons moleques, sempre famintos andavam atrás do milho. Todavia, dá-se aos vizinhos quando precisam e mais ainda, sendo êles aparentados. Por experiência própria sabemos que, de fato, os Xikrín, quanto à comida, não são avarentos.

A agricultura Xikrín se baseia, principalmente, no cultivo de duas plantas: a batata-doce e o milho (cf. Galvão, 1963:123). As outras eram, até pouco tempo, de importância secundária para a economia tribal. Todavia, hoje em dia, pelos fatores inicialmente mencionados, estão ganhando mais importância na vida do grupo (banana, macaxeira, mandioca, etc.). O milho é plantado com o pau-de-cavar, feito normalmente de madeira do açazeiro. Usa-se a enxada para o cultivo das plantas restantes. O número destas é muito restrito. Além da batata-doce e do milho já referidos, planta ainda banana, mamão, inhame, macaxeira, tabaco, algodão e urucu. Recentíssimo é o plantio do arroz, cana-de-açúcar, feijão e mandioca que, juntamente com o tabaco e o mamão, são cultivados somente em pequena escala.

A respeito da mandioca é mister dizer que, segundo suas próprias informações, os Xikrín, conheceram-na, primeiro, no tempo de sua estada no Sororòzinho e rio Vermelho (isto seria um pouco antes dos contatos com o Pôsto Las Casas, do SPI, no rio Pau D'Arco (29); todavia, não se acostumaram a ela. Só últimamente começaram a plantar mandioca, cuja massa misturam com a da macaxeira. Os subprodutos da mandioca, tucupi e tapioca, não são utilizados, não se fabricando ainda beiju nem farinha. Na roça da aldeia velha não observamos a presença da man-

(29) — Os nossos informantes, sem dúvida, queriam indicar somente os começos do cultivo da mandioca entre êles; pois já haviam "conhecido" e visto as plantas anteriormente nas roças de seus inimigos tupi e nas dos brasileiros do rio Itacaiúnas.

dioca. Na aldeia da fóz do Caiteté, todavia, existia um pequeno lote plantado. A macaxeira, em todo caso, é mais antiga entre êle (30).

A pimenta detestam e não cultivam.

Conforme a fertilidade da terra, replanta-se a roça por mais uma ou duas vêzes, porém o mais tardar, de dois em dois anos, faz-se um aumento, derrubando novas matas.

Os trabalhos de roça ocupam pessoas de ambos os sexos. A mulher planta milho, batata, mandioca, algodão e urucu. O homem, preferencialmente, bananas e tabaco. Ambos, porém, podem plantar mamão, inhame e macaxeira. Com ligeiras divergências, são também os mesmos grupos de sexo que colhem os produtos da roça. A banana, porém, é colhida por todos. Por outro lado, o homem ajuda a mulher a arrancar mandioca e macaxeira, quando as raízes estão muito seguras no chão. Todavia, o preparo dêstes produtos é função da mulher. (cf. Diniz, 1962:11 seg.).

A respeito das plantas de cultivo, adquiridas mais recentemente, aceitou-se as maneiras de plantar e colhêr vistas entre os civilizados. Acontece assim com o arroz, cana e feijão.

(30) — Dreyfus (1963 : 35) expressa opinião diferente a respeito da antiguidade do cultivo da mandioca entre os Kayapó do Xingu. Também Galvão (1963 : 131), apoiando Nimuendajú, opina para os Jê da área Tocantins-Xingu em favor de um empréstimo da mandioca, mais antigo, "anterior aos primeiros contatos com o povoador europeu". Quanto aos Xikrín, pelo que observamos, a mandioca, até hoje, ainda não entrou no rol das suas plantas de cultivo, a não ser de uma maneira intermitente e em pequenas quantidades. Às nossas observações podemos acrescentar ainda uma informação pessoal de René Fuerst, constatando também que os Xikrín, depois da sua volta aos centros do Caiteté (1964) até a data atual (1966), não plantaram mais mandioca, e sim somente macaxeira. Todavia, não queremos, com isso, desdizer observações e conclusões feitas por pesquisadores anteriores, pois é possível que os mesmos tenham confundido a mandioca com a macaxeira, dada a semelhança extraordinária que existe entre as duas plantas.

No caso presente, a respeito da mandioca, talvez se possa dizer que, *de per se*, não esteja errada a conclusão do empréstimo cultural da mandioca pelos Jê, mesmo em tempos anteriores ao contato com o civilizado. Mas não está justificada a aplicação generalizada desta conclusão. Deu-se, talvez, nesta área, com a mandioca, o que aconteceu p. ex. na área Tiriyó (cf. Frikel, 1961 : 11 seg.), a saber, que um nôvo elemento cultural, penetrando em determinada área, não se difunde por igual, sendo aceito por alguns grupos e rejeitado por outros. Parece-nos êste o caso da mandioca e dos Xikrín. Enquanto grande parte das tribos Jê, e mesmo grupos Kayapó aceitaram a mandioca, os Xikrín, por muito tempo, a rejeitaram, sendo que, até hoje a maniva exerce, entre êles, somente um papel secundário. Aliás, constatamos ultimamente (1966) um fato semelhante entre os Suyá. Embora sob forte pressão aculturativa de outros grupos xinguanos vizinhos, onde o cultivo da mandioca exerce papel bastante incisivo, os Suyá a plantam em escala muito menor, dando preferência à macaxeira ou seja "mandica mansa".

A lista que segue talvez ajude a obter uma visão melhor do assunto, a saber, a divisão de trabalho na roça (31).

	H.	M.
— escolher o lugar da roça	+	—
— experimentar a terra	+	—
— determinar tamanho, rumo, extensão	+	—
— broca	+	—
— derruba da mata	+	—
— queima	+	—
— coivara	+	—
— 1. ^a capina	+	+
— 2. ^a capina	+	+
— <i>plântio</i> : batata-doce	—	+
milho	—	+
banana	+	—
mamão	+	+
inhame	+	+
mandioca	—	+
macaxeira	+	+
tabaco	+	—
algodão	—	+
urucu	—	+
pimenta	—	—
— <i>colheita</i> : batata-doce	—	+
milho	(+)	+
banana	+	+
mamão	+	+
inhame	(+)	+
mandioca	(+)	+
macaxeira	(+)	+
tabaco	+	—
algodão	—	+
urucu	—	+

(31) — Para os Kayapó do Xingu, Dreyfus (1963 : 27) assinala conceitos muito mais vastos a respeito da divisão de trabalho na roça, dizendo que a derruba das árvores poderia ser feita, ocasionalmente, pelas mulheres e que os homens exerceriam também um papel mais importante no plantio.

3. CAÇA E PESCA

A pesca, pelo menos na época que visitamos os Xikrín, estava num plano secundário e não se destacava muito. É feita com arco e flecha, especialmente no tempo do verão. Em lugares mais fundos e na época das chuvas, o uso do anzol predomina. Os Xikrín já começaram a usar linha plástica ou de nylon. No verão, em poços dos rios e igarapés, pesca-se com timbó (cf. Banner, 1961:31). Para a abertura oficial deste tipo de pescaria fazem uma festa própria. Os homens, todos bem enfeitados, batem, então, o timbó na água. Covos ou outras armadilhas para peixes não foram observadas.

A região, ao que parece, é bastante rica em caça. Nos dias em que estivemos nas aldeias, nunca faltou carne. E em último caso, comiam jabuti que, talvez, pertença mais aos elementos de coleta do que de caça.

A caça é efetuada com arco e flecha e, sempre que é possível, também com a borduna (32). Sobre estes apetrechos, como elementos culturais, já se falou o suficiente. Últimamente, também a espingarda já é utilizada. (cf. Dreyfus, 1963:29).

Arco e flecha servem para matar quase todos os animais. A borduna e o cacete são mais empregados para porcos, quando estão acuados em buracos. Mas não exclusivamente. Tamanduá-bandeira, por exemplo, caçam correndo atrás dele e abatendo-o com a borduna. Armadilhas de um tipo propriamente indígena, não observamos. Porém, recentemente, foi introduzido um tipo de alçapão para pegar onças. Segundo informação Xikrín, foram ensinados pelos civilizados que deles vão comprar peles de onças. Venenos de flecha não conhecem. Arremedam muito bem as vozes dos animais para atraí-los. Conhecem e seguem, com uma segurança quase incrível, as pegadas dos animais. Descobrem até rastos de jabuti, onde nós forasteiros não enxergamos nada. Em cada buraco, onde presumem achar jabuti ou tatu, metem um pau e mexem, para verificar, se existe ou não.

Creemos que valia a pena estudar mais de perto os usos e costumes de caça e coleta dos Xikrín (e dos Kayapó em geral). São uma gente ainda indômita que na caça não vê somente uma necessidade para subsistir, mas que contém ainda algo de esportivo. Muitas vezes, os Xikrín não se contentam em esperar, simplesmente, a caça para abatê-la.

(32) — Para os Kayapó - Gorotíre, Diniz (1962 : 13) anota : "Na caça, arco e flecha ou borduna, estão em desuso".

3. CAÇA E PESCA

A pesca, pelo menos na época que visitamos os Xikrín, estava num plano secundário e não se destacava muito. É feita com arco e flecha, especialmente no tempo do verão. Em lugares mais fundos e na época das chuvas, o uso do anzol predomina. Os Xikrín já começaram a usar linha plástica ou de nylon. No verão, em poços dos rios e igarapés, pesca-se com timbó (cf. Banner, 1961:31). Para a abertura oficial deste tipo de pescaria fazem uma festa própria. Os homens, todos bem enfeitados, batem, então, o timbó na água. Covos ou outras armadilhas para peixes não foram observadas.

A região, ao que parece, é bastante rica em caça. Nos dias em que estivemos nas aldeias, nunca faltou carne. E em último caso, comiam jabuti que, talvez, pertença mais aos elementos de coleta do que de caça.

A caça é efetuada com arco e flecha e, sempre que é possível, também com a borduna (32). Sobre estes apetrechos, como elementos culturais, já se falou o suficiente. Ultimamente, também a espingarda já é utilizada. (cf. Dreyfus, 1963:29).

Arco e flecha servem para matar quase todos os animais. A borduna e o cacete são mais empregados para porcos, quando estão acuados em buracos. Mas não exclusivamente. Tamanduá-bandeira, por exemplo, caçam correndo atrás dêle e abatendo-o com a borduna. Armadilhas de um tipo propriamente indígena, não observamos. Porém, recentemente, foi introduzido um tipo de alçapão para pegar onças. Segundo informação Xikrín, foram ensinados pelos civilizados que dêles vão comprar peles de onças. Venenos de flecha não conhecem. Arremedam muito bem as vozes dos animais para atraí-los. Conhecem e seguem, com uma segurança quase incrível, as pegadas dos animais. Descubrem até rastos de jabuti, onde nós forasteiros não enxergamos nada. Em cada buraco, onde presumem achar jabuti ou tatu, metem um pau e mexem, para verificar, se existe ou não.

Creemos que valia a pena estudar mais de perto os usos e costumes de caça e coleta dos Xikrín (e dos Kayapó em geral). São uma gente ainda indômita que na caça não vê somente uma necessidade para subsistir, mas que contém ainda algo de esportivo. Muitas vezes, os Xikrín não se contentam em esperar, simplesmente, a caça para abatê-la.

(32) — Para os Kayapó - Gorotire, Diniz (1962 : 13) anota : "Na caça, arco e flecha ou borduna, estão em desuso".

Correm atrás dela, pela mata e pelos pântanos, até alcançá-la. Bem sucedido, o caçador entra cantando na aldeia, com a caça às costas, para assim mostrar a sua própria satisfação como também avisar os outros do sucesso obtido. Às vezes, fica cantando alto até a chegada na boca da estrada da aldeia, para todos o ouvirem. Entrando, porém, cala-se — uma espécie de falsa modéstia, pois, no fundo trata-se de uma questão de prestígio.

Quando alguém encontra rastos novos de animais maiores, de porco ou de anta, há caçadas coletivas, em estilo mais ou menos grande. Quem manda caçar, é o *benadjüre-rái*, o “chefe grande” da aldeia. À noite, no discurso em praça pública, o chefe fala extensivamente sobre o assunto. Dependendo das circunstâncias, às vezes já de madrugada, saem os caçadores. Os rapazes vão, então, em grupos, espalhando-se depois na mata, em determinada área, até alcançar os animais. Outras vezes, porém, vão por iniciativa própria, individualmente (cf. Dreyfus, 1963:28). Caça grande, como veado, tatuáçu, porco ou anta, automaticamente é entregue ao *benadjüre*. Este retalha e distribui a carne entre as várias famílias nucleares. Observamos que as famílias não aparentadas sempre recebiam pedaços menores. Animais pequenos ficam à disposição do caçador para a própria família, porém ele costuma dividi-los com os parentes que estão morando em sua casa, e manda sempre ao *benadjüre-rái* um pedaço. Assim acontece com tatus, cutias, etc. (cf. Dreyfus, 1963:30).

Os produtos da pescaria são divididos de maneira semelhante. Dos resultados da tinguijada, a aldeia toda participa. Outrossim, peixes de anzol ficam quase sempre na mão do pescador e de sua família ou para a rapaziada do *ngobe*, quando é ela que pega os peixes. Para doentes manda-se pescar, especialmente, peixes pequenos. São os meninos e rapazolas que têm esta tarefa.

4. COLETA

A coleta constitui para o sistema econômico-subsistencial dos Xikrín o traço mais marcante e, em nossa opinião, muito mais que a própria caça, pesca e mesmo agricultura (33). Para estes índios, a coleta não é somente

(33) — Dreyfus (1963 : 31) dá à coleta, em comparação com a agricultura Kayapó, um lugar secundário. Diniz (1962 : 14), embora se estendendo sobre caça, pesca, e extrativismo, menciona somente numa única linha a coleta entre os Gorotíre. Isto faz supor que, para os Kayapó do Xingu, a coleta já não tem mais a importância de então. Seria interessante verificar, até que ponto os Gorotíre e grupos afins do Xingu já modificaram a sua antiga base de subsistência.

um elemento complementar de subsistência e sim, realmente, uma das suas fontes e bases. Sem ela, a caça, pesca e roça, na medida como estão sendo utilizados, de forma alguma seriam suficientes para alimentar o grupo. Como já anotamos, dependendo da época das frutas, os Xikrín se afastam bastante de sua aldeia e por muito tempo. Cremos que só se poderia obter uma visão mais minuciosa sôbre êstes aspéctos, técnicas e normas de coleta, convivendo com êles, pelo menos por um ano, abrangendo assim tôdas as fases de mata e de aldeia, de coleta e de roça.

Aqui temos que restringir-nos a umas poucas observações. Quanto às frutas aproveitadas por êles, são tantas, que seria difícil enumerar tôdas. Ademais, a coleta delas depende da época, que não é de todo uniforme. Muito apreciadas são as frutas de palmeiras, em primeiro lugar o côco de babaçu, mas também açáí, bacaba e miriti. Um dos produtos mais cobiçados por homens e mulheres é o palmito de babaçu. É comido cru ou assado no *ki*. Outras frutas de estimação são o piqui (piquiá), (cf. Dreyfus, 1963:32), o taperebá, o frutão (conhecido no Baixo-Amazonas como pariri), mangaba e jatobá (jutáí).

A castanha é, talvez, hoje em dia, o produto principal de coleta (cf. Banner, 1961:28). Come-se crua, mas também dela fazem o leite. Guardam-na em depósitos na aldeia para o uso caseiro. Em sua economia tribal, entretanto, está tomando um lugar mais destacado. Colhem a castanha em quantidades e armazenam-na em paióis na beira dos rios Itacaiúnas e Caiteté, para vender o excedente aos castanheiros e comerciantes, cobrindo com o lucro as despesas com a aquisição de ferramentas e munição. Como já alegamos em outro lugar (Frikel, 1963:156), êstes abusam grandemente da ignorância dos índios, explorando-os desavergonhadamente. Para o uso doméstico, tanto homens como mulheres vão à mata procurar castanha. Para fins comerciais, sômente os homens, especialmente os rapazes do *ngobe*. (cf. Diniz, 1962 : 14; Dreyfus, 1963:32).

Entre as atividades de coleta enquadra-se também a procura de jabuti e outros animais pequenos, como certos crustáceos (camarões, etc.), que vão procurar entre as pedras do rio e dos igarapés. As mulheres participam da procura de todos êstes animais. Especialmente para buscar jabutís, elas, às vêzes, vão em grupos, maiores ou menores, dependendo das ocasiões e circunstâncias. Quando os homens estão ocupados ou doentes, elas se arranjam sòzinhas e não são menos eficientes que os rapazes. Certa ocasião, um grupinho de poucas

mulheres voltou dentro de três horas com 27 jabutis. É certo que, assim como o jabuti é um dos objetivos principais da coleta, é também uma das fontes principais de sustento. Anotamos durante um mês o número dos jabutis apanhados, que deu uma média diária de seis, chegamos à conclusão de que este grupo de 160 Xikrín captura anualmente, dentro de uma área pequena de poucas horas de diâmetro ao redor da aldeia, entre 2 000 e 2 200 jabutis, em cifras redondas, isto sem incluir outros alimentos complementares.

Quando os rapazes, *men-noronire*, vão procurar jabuti ou outras frutas, em comum, eles entregam o coletado à família a que pertencem, à mãe ou à irmã, na casa onde dormem ou recebem comida. Estas lhes dão de comer depois de preparada.

Como norma geral, pode-se dizer que a coleta é efetuada por pessoas de ambos os sexos. A aquisição de produtos, onde se deve subir em árvores (mel de abelha, frutas de palmeiras, etc.), é feita preferencialmente pelos homens, porque poucas são as mulheres que sobem e, neste caso, somente as jovens.

5. TRANSPORTE DE PRODUTOS

O índio encontrou um meio de transporte próprio para as várias espécies de produtos de roça ou de mata.

Produtos de roça como milho, batata-doce, macaxeira, às vezes bananas, são levados em cestas. As mulheres usam para isso a cesta do tipo *ko*, mas raras vezes o *kanai-puk*, enquanto os homens se utilizam somente deste último. Quando se trata de pouco volume, bôlsas de palha do tipo *lará* são também empregadas. Igualmente são carregadas, deste modo, castanha e frutas da mata, dependendo da quantidade delas o tipo de cesta ou bôlsa empregada. A maneira de carregar estas cestas já foi indicada anteriormente.

Jabutis são amarrados em pencas, com envira ou cipó (est. 15 *b*). Às vezes são amarrados sobre duas varas paralelas, trazidas às costas (cf. Banner 1961:34). Também tatus e outros animais menores são carregados de maneira semelhante (est. 15 *a*). Peixes se juntam em cambadas, passando-se-lhes uma envira pela guelra. Caça miúda (araras, cutias) amarram pelo pescoço, em penca, trazendo-a na mão. Caça grande (porco, veado) leva-se, amarrando-se com envira os pés e a cabeça juntos (para não sacudir ou bater na caminhada). É carregada às costas por meio de uma faixa de envira que passa pelo peito, na

altura dos ombros. Anta é retalhada, sendo os pedaços conduzidos nas costas, seguros por envira.

Dependendo da divisão dos trabalhos, os produtos da roça, coleta, caça ou pesca são carregados por homens ou mulheres. Visto que os Xikrín não possuem canoas, freqüentemente têm que atravessar rios e igarapés a nado. Observamos que os melhores nadadores eram as mulhere (cf. Banner, 1961:29) até com cargas relativamente pesadas nas mãos. Mesmo fazendo esforços pesados, todos levam isto num espírito de brincadeira, rindo-se quando a gente se admira.

6. ALIMENTAÇÃO

Em seguida, apresentaremos em forma resumida, uma lista dos principais alimentos dos Xikrín: animais que comem e não comem, produtos de roça e coleta, assim como também a maneira como eles preparam as suas comidas.

Embora estas anotações se baseiem em observações próprias, são incompletas, podendo ser ampliadas, pois durante a nossa permanência entre eles observamos exclusivamente a parte sedentária de sua vida. Todavia, o que podemos oferecer, sempre dá uma certa visão sôbre o assunto.

Deixaremos de lado, aqui, certas dietas temporárias ou proibições permanentes de determinados grupos ou indivíduos. Banner, por exemplo, cita que entre os Kayapó do Xingu, os *Bep* não podem comer arara (cf. Banner, 1961:33). Esta generalização, porém, não pode ser aplicada aos Xikrín, pois uma série de *Bep* comeu freqüentemente araraúna conosco. Notamos, entretanto, que um certo *Bep* dava regularmente as araras vermelhas, caçadas por êle, aos outros índios. A observação de Banner talvez se refira sômente a determinadas espécies de araras (34). Outrossim, observamos que um certo *Bep*, por motivos a nós desconhecidos (talvez por ser *wayangá*, pajé?), nunca comeu carne de veado, enquanto os outros *Bep* a apreciavam. Em seguida restringimo-nos sômente ao aspecto geral da questão, sem considerar casos particulares de indivíduos ou grupos.

(34) — No lugar mencionado Banner coloca entre parênteses, o termo indígena "*mon-kam-rik*", que talvez signifique arara vermelha. Neste caso faltou uma explicação mais nítida do autor.

I. Animais

Os Xikrín comem :

- a) *Mamíferos* : anta, veado, caititu, queixada, tamanduá-bandeira, tatu, coatá, quati, cutia, macaco-prego, paca, onça pintada (35).
- b) *Aves* : mutum, jacu, cujubim, jacamim, inambu, arara, tucano, garça-branca; passarinhos somente em tempo de fome.
- c) *Peixes* : piranha, peixe-cachorro, curimatá, aruaná, surubim e peixes lisos, como também peixes miudos em geral; caranha (camini; só os velhos o comem).
- d) *Quelônios* : jabuti de várias espécies, tracajá, tartaruga.
- e) *Invertebrados* : camarão (não muito freqüente), bichos-de-pé, piolho, carrapato (quando do próprio corpo), larva de certas espécies de vespas e abelhas. Destas comem também o mel.
- f) *Partes internas* : banhas e gorduras, embriões (de caça grande), coração, fígado, pulmão; tripas (só às vezes).

II. Vegetais

a) *Roça* : Todos os produtos comestíveis da plantação, como milho, batata-doce, inhame, macaxeira, mandioca, banana, mamão (arroz, cana, feijão).

b) *Produtos da mata* :

de palmeiras

: frutas de açaí, bacaba, miriti, babaçu; dêste último o côco e o palmito (mas provavelmente também o palmito de bacaba e açaí).

outras frutas da mata : castanha, piquiá, frutão, taperebá, mangaba, jatobá (jutaí).

Os Xikrín não comem :

a) *Mamíferos* : preguiça, ratos, guariba, bôto (cetáceo).

b) *Aves* : passarinhos em geral (exceto em épocas de fome), cigana, pato, mauari (?)

d) *Outros répteis* : jacarés, cobras, saurios, etc.

e) *Invertebrados* : lagarta, caranguejo.

f) *Partes internas* : baço, estômago (?), a não ser moela de aves maiores.

(35) — Cf. a anotação de Dreyfus (1963 : 29) para os Me-Tuktire. Aliás, a presente lista não é e nem pretende ser completa. Abrange, todavia, o assunto, enquanto foi observado "in-loco".

raízes, etc.

: as mulheres mencionaram raízes, folhas (?), hastes ou caules (?) que também colhem. Porém as indicações foram muito vagas e basta aqui a menção em geral.

7. PREPARAÇÃO DOS ALIMENTOS

Como os demais Kayapó, também os Xikrín não conhecem técnicas ceramistas e assim sendo, não possuem panelas ou outros vasilhames. Por isso também não cozinham. Assam somente as comidas, ou no forno ou sobre o fogo aberto; ou, ainda, comem cru (cf. Dreyfus, 1963:34).

Numa generalização pode-se dizer :

- 1) Assam-se no forno :
 - a) carnes em pedaços e bolos de carne,
 - b) bolos de milho, mandioca e macaxeira,
 - c) palmitos (bananas)
 - d) jabutis, porém sobre o *ki* aberto.
- 2) Assam-se sobre o fogo aberto :
 - a) peixes; raras vezes carnes;
 - b) milho em espigas;
 - c) batatas-doces e bananas em casca, na brasa.
- 3) Comem-se crus :
 - a) certos insetos;
 - b) vegetais : frutas, quando maduras e palmitos.

Como traço comum para as comidas do *ki*, vale o seguinte : tudo que vai para o forno fechado, é cuidadosamente embrulhado em folhas de bananeira, num tipo de pacote (cf. Diniz, 1962:7; Dreyfus, 1963:35). Em particular podemos juntar ainda :

Bôlos — De uma maneira geral, os Xikrín gostam de comer uma espécie de bôlos feitos de massa de mandioca, macaxeira, milho, às vezes misturados com pedacinhos de carne. Todas estas comidas são empacotadas em folhas de bananeira para não ficarem sujas de terra e carvão ou se desmancharem. Em particular anotamos o seguinte :

Bôlo de milho — O milho é socado, grosseiramente, no pilão (cf. Dreyfus, 1963:36). A massa é misturada com castanha cortada

miudinha ou fragmentos de côco de babaçu, embrulhada em fôlha de bananeira e assada no *ki* o que resulta numa espécie de “pão” de milho, levemente oleoso. Parece que é chamado “*bâukupú*”.

Bôlo de mandioca — Os Xikrín não fazem farinha nem beiju, embora gostem imensamente dêles. O plantio de mandioca, aliás, é muito reduzido entre êles. Dispondo, porém, do material, fazem uma mistura de massa de mandioca e de macaxeira raladas. Expremem tudo no tipiti manual, de torção, e fazem disso um bôlo no *ki*, juntando, às vêzes, pedacinhos de castanha ou de côco babaçu. Embrulham tudo em fôlhas de bananeira e assam ao fôrno.

O jabuti prepara-se da seguinte maneira: nunca se mata êste quelônio. Com uma pedra pontuda, bate-se o lado inferior, ventral, do jabuti vivo, até se originar um buraco, mais ou menos redondo. Extraem-se as tripas com os dedos das mãos ou com um pauzinho. O fígado geralmente é arrancado e assado à parte. Lava-se, depois, o interior do jabuti para tirar o sangue. No vão que se originou, põe-se milho pilado ou também farinha ou arroz, caso possuam. Tampa-se o buraco com um pedaço amarrotado de fôlha de bananeira. Assim preparado, o jabuti vai para o forno, às vêzes, ainda esperneando. Alí é colocado de peito para cima e mais tarde virado até ficar assado por igual, dentro da própria banha (36).

Jabuti-açu é preparado da mesma maneira. Todavia, sômente os velhos (*me-benget*) o comem. Os moços não. Isto vale como norma geral. Quando há fome, observamos, porém, que, também êstes, comiam jabuti-açu sem se preocuparem grandemente com as ressalvas de costume.

Bananas, batatas-doces na casca, milho em espigas e mesmo peixes, são assados sôbre o fogo aberto ou na brasa. Assim como queimam as cascas de batata ou de banana, também o peixe queima bastante por fora. A carne, abaixo da pele do peixe, todavia fica intacta e é bastante saborosa.

Carne de caça, raras vêzes é assada sôbre o fogo aberto e, nêste caso, mais pelos rapazes do *ngobe* quando estão com muita fome e pelos *úwatin*, os órfãos que não têm famílias.

(36) — A anotação de Dreyfus (1963 : 35) a respeito das mulheres Kayapó: “Les femmes refusent la viande... de jabuti...”, não corresponde às atitudes das mulheres Xikrín, onde observamos o contrário, segundo o lema: Quanto mais, melhor! É possível tratar-se, em Dreyfus, de determinadas espécies de jabutis (p. ex., de jabuti-açu?)

Côco de babaçu é assado e partido. Aderente à casca existe uma camada fina de massa, que pelo fogo seca e é comestível. As vezes, esta é posta no pilão e triturada. Origina-se um pó, uma espécie de farinha muito fina. Piquiá só se come assado ou cozido. Por não possuírem panelas, cozinham as frutas em latas velhas que obtêm dos castanheiros em troca de jabutís ou outros objetos.

As demais frutas coletadas, com a exceção referida do piquiá, comem-se cruas. Entram aqui também as frutas da roça, como bananas (cf. Dreyfus, 1963:36) e mamão. Aliás, para ajudar o amadurecimento de bananas, usam um processo próprio. Enterram-nas num buraco, deixando-as ali por alguns dias. Colocam fôlhas por baixo e por cima, para abafá-las. Palmito de babaçu, come-se cru, também. As frutas de palmeiras açai, bacaba, são chupadas, quando maduras. Às vezes são socadas com um pouco de água no pilão. Come-se a massa. Taperebá é chupado cru, mas misturam-no com água e farinha, fazendo uma bebida grossa, muito apreciada. Castanha é descascada com os dentes. Também sabem fazer leite de castanha, ralando-a num pedaço de paxiúba (cf. Dreyfus, 1963:36). Frutão descasca-se e come-se assim mesmo. Outras vezes é desmanchado com as mãos. Tiram-se os caroços e mistura-se a massa com leite de castanha. Havendo farinha, adicionam-na com um pouco de açúcar. Os Xikrín gostam muito dêste “mingau de frutão”.

Também comem crus certos invertebrados que apreciam: piolhos que catam nas cabeças dos esposos ou dos filhos, carrapatos quando estão cheios com o sangue da própria pessoa e também “pulgas” ou os bichos-de-pé, que na ocasião de tirá-los, metem na bôca. Todavia, come-se sômente o corpo do bichinho, não a sacola de ovos que possui um gôsto amargoso, segundo declaração dos índios.

Um vício dos Xikrín é o de comer terra (cf. Dreyfus, 1963:36). Todavia notamos êste costume mais em pessoas de idade e em crianças. Adoecem disso, freqüentemente. As crianças têm muitos vermes e, não raras vezes, são pançudas e de côr amarela. No tempo de nossa estada entre êles, um menino morreu de tanto comer terra (e dos vermes). Os próprios índios deram como *causa mortis* o mau costume de “comer terra”.

Finalmente, quanto à comida dos civilizados, deve-se mencionar que os Xikrín a comem e a suportam muito bem. Mesmo na aldeia enquanto as adotaram, usavam e preparavam-nas da mesma maneira

como os civilizados. De que menos gostam é de feijão. Mas, ao contrário, apreciam muito farinha, arroz, café e açúcar.

Aos elementos de subsistência pertencem também as bebidas que, entre os Xikrín, se destacam por sua pobreza numérica e pela simplicidade de preparo. A principal e quase exclusivamente usada é a água. Não conhecem bebidas fermentadas (cf. Dreyfus, 1963:36). Os chamados "vinhos" de frutas de palmeiras (açafá, bacaba), não são fermentadas e não passam de bebidas grossas, em forma de mingaus ralos, misturados com farinha, quando há. Também já mencionamos a bebida de frutão em mistura com leite de castanha, de taperebá etc. Entretanto tôdas elas podem ser consideradas mingaus ralos, pois possuem pouco aspecto de bebidas ou líquidos, pròpriamente ditos (37).

8. REFEIÇÕES

Especialmente em público, os grupos de sexo comem separados. Mesmo em casa, entre marido e mulher, mantém-se esta separação. Alí, o homem come sentado sôbre a esteira. A mulher fica por perto e come junto ao fogo, ao lado do catre. Só raríssimas vêzes os observamos comendo juntos, quando se julgavam a sós. E mesmo assim, não comiam do mesmo vasilhame. O homem, pegando um pedaço de comida realmente bom, dá um pouco à mulher. Em tudo, êle é sempre servido em primeiro lugar. Isto não quer dizer que a mulher passe fome. Ela guarda sempre o suficiente para si e os filhos.

A comida é servida em vasilhames, como cuias, espatas de palmeiras, sôbre esteirinhas, etc. e modernamente em latas velhas. Comendo, o Xikrín põe pouca comida na bôca. Acha feio alguém enchê-la muito. Mastiga bem e demoradamente o alimento. Também, bebendo, toma sômente goles pequenos.

Os jovens, na "casa dos solteiros", em grande parte têm que cuidar de si mesmo e assam peixe, jabuti, etc., para si, sôbre o fogo aberto, dentro da própria casa dos homens. Guardam os resultados das suas pescarias individuais ali mesmo; e à noite, preparam e comem. Só ocasionalmente uma mulher (o mais das vêzes irmã) se aproxima e pede um pedaço que lhe é concedido.

(37) — Um complemento para estas notas sôbre comidas e sua preparação, dizendo, todavia, respeito aos Gorotíre do Xingu, encontra-se em Banner, 1961 : 49 seg.

1. MATÉRIAS PRIMAS E DIVISÃO DE TRABALHO

Embora nas páginas precedentes se tenha adquirido uma idéia geral sôbre o equipamento material dos Xikrín, os pormenores apresentados são tantos que até podem perturbar a visão clara do assunto. Por isso, pretendemos tentar uma síntese em duplo sentido, mostrando quais as matérias primas empregadas e qual a divisão de trabalho existente dentro do grupo Xikrín.

1. *As matérias primas*

Os materiais com que os índios trabalham, são sempre de grande interesse, porque refletem o ambiente ecológico e o grau de adaptação a êle por parte do indígena. Tentamos dividir êstes materiais em três grupos: de base mineral, vegetal e animal.

a) *Minerais*

- pedras — tembetás, quebra-côcos, ralos, machados (antigamente), escarificadores.
- terra/barro — cacos de louça (arqueológica) para rodela de fuso; barro queimado para comer.
- ferro — sômente objetos pré-fabricados na civilização

b) *Vegetais*

Madeiras :

- paxiúba — arcos, tembetás, flechas, lanças, bordunas, paus de tirar batatas, ralos, catres, fusos.
- urucu — tembetás, dilatadores de lóbulos, paus de fogo.
- pin-kó* — braçadeiras, braceletes.
- pin-tük* — bordunas, mãos de pilão.
- inajá — pentes.
- açaí — pau-de-cavar.
- piquiá — pilão.
- sem especificação — arcos infantís, remos (brinquedos), *me-uwê* (instrumento musical), riscador (pintura), ponta de flechas, paus-de-cavar, amoladores de "dente de cutia", rodela de fuso.

- Tabocas :
- taquarí — brincos, adorno *me-kutóp*, adorno *kruapú*,
tear para diademas, flechas, trançados de
bordunas, braceletes e braçadeiras.
- taquara — riscadores (pintura), recipientes de breu, es-
tôjo de penas.
- taquaraçu — buzinas, riscadores (pintura), estôjo de pe-
nas, baldes tubulares.
- Cucúrbitas — maracás, bandoleiras, cuinhas de brinquedo,
recipientes para tinta, penugem e água, cuias
de comer ou beber.
- Palhas :
- babaçu — esteiras, abanos, cestas-caixas, cestinhas abert-
tas, bôlsas de palha, braceletes, estôjos pe-
nianos, paneiros-côfos, flautas de palha, fle-
chinhas de tala, máscaras *bô*, *kokói*, *pât* e
me-karón; aros de palha, testeiras de dan-
ças, adorno do cabelo da região occipital,
brinquedos trançados, recipiente de breu.
- tucum — esteiras, bôlsas diversas (*mokó*, *káingre*,
kāngetu), cinto de homens, *tipiti*, *tipóia*.
- miriti — esteiras, várias bôlsas (*mokó*, *káingre*, *kān-
getu*), cinto de homens, *tipóia*, *tipiti*.
- Enviras :
- ambé — flechas, bordunas, braceletes, braçadeiras.
- castanha — bonecos, franjas das máscaras *pât* e *kukói*.
- imbaúba — cordas em geral, especialmente em arcos,
colares, cintos dos homens e bandoleiras.
- Algodão — braçadeiras, joelheiras, tornozeleiras, bando-
leiras, cintos, adôrnos de sexo, colares
(*ngób*), rolete de cocares, teares para tecer
diademas, novelos de algodão (instrumento
musical), amarrações de flechas, fios e cordas
em geral.
- Sementes-frutas :
- ã-ô — braçadeiras, pulseiras, braceletes, bandolei-
ras, colares, pingentes.
- ikôna — colares.
- orekó — colares, pulseiras, pingentes.
- mrô-iniká — pulseiras, pingentes.

Castanha	— cintos.
Sapucaia	— vasos de tinta, recipientes.
Cachimbeiro	— cachimbos
Caroço de tucum	— rodela de fusos
Urucu	— tinta.
Jenipapo	— tinta.
Casca de pau marfim	— tinta preta.
Tala de sororoca	— pincel para látex.
Breus e resinas	— adesivos.
c) <i>Animais</i>	
couro de onça	— cintos.
ovos de azulão	— tintas.
penas	— cocares e diademas, adornos <i>me-kutóp</i> e <i>kruapú</i> , pendentes dorsais, cervicais e peitorais, flechas (emplumação), pendentes e pingentes (em bandoleiras, braçadeiras, cintos, adornos de sexo, tembetás, etc.).
penugem branca	— enfeite de cabelo.
itã	— brincos, colares.
caramujo	— plaina.
osso	— perfuradores, flautas, flechas (pontas).
ferrão de arraia	— flechas (pontas).
dentes : de cutia	— cavador-formão.
” de peixes	— escarificadores.
unhas : de gavião	— escarificadores.
” de anta, caititu	— chocalho.
cêra/cerol	— material colante em flechas, etc. ; figuras de cêra, suportes para <i>me-kutóp</i> .

Na exposição supra, a lista mostra a numerosidade de materiais aplicados no instrumental da cultura Xikrín. Todavia, muitos destes materiais só aparecem numa única aplicação que, para o ambiente indígena, pode ser de alta importância como p. ex. a fruta do cachimbeiro, servindo a casca lígnea de cachimbo (38). É importante para defumações e curas, portanto para o bem-estar do grupo, as quais, dentro daquele ambiente ecológico, não poderiam ser realizadas do modo como são feitas. Tais casos, entretanto, não esclarecem bastante os materiais básicos de sua cultura. Talvez se possa chegar a isso, estabelecendo uma frequência mínima de três aplicações diferentes do mesmo tipo de

(38) — Os cachimbos de madeira, usados no Xingu, são desconhecidos aos Xikrín.

material. Nesta conjunção obteríamos como materiais de mais amplo emprêgo e quiçá básicos: pedras, madeiras de paxiúba e urucu, tabocas, cucúrbitas, palhas (fôlhas e pínulas) de babaçu, tucum e miriti, enviras, algodão, contas prêtas, penas, ossos e cêra.

2. A divisão de trabalho

Entretanto, os materiais acima citados não são trabalhados de igual maneira por todos os membros do grupo. Alguns sômente são adquiridos, trabalhados e usados por homens, outros por mulheres e outros ainda por pessoas de ambos os sexos. Sua aquisição e aplicação dependem de vários fatôres que poderíamos melhor sintetizar e compreender, reunindo, primeiramente, os dados sôbre fabricação e uso dos vários objetos da cultura Xikrín (39).

OBJETOS	Fabricação		Uso	
	H.	M.	H.	M.
Casas	+	—	+	+
Tapirís	—	+	+	+
Catres	+	—	+	+
Fornos	—	+	—	+
Armas: arcos, flechas, bordunas, lanças	+	—	+	—
Pau-de-cavar	+	—	—	+
Pau-de-tirar-batatas	+	—	—	+
Quebra-côcos	—	+	—	+
Ralos: de pedra	—	+	—	+
de paxiúba	+	(+)	—	+
Machados: de pedra (antigamente)	(+?)	—	+	—
de ferro	importados		+	+
Pilões	—	+	—	+
Mãos de pilão	+	—	—	+
Cavador-formão (dente de cutia)	+	—	+	—
Amolador para cavador-formão	+	—	+	—
Plaina de caramujo	+	—	+	—
Perfuradores	+	—	+	(+)
Pentes	+	—	+	+
Recipientes de breu	+	—	+	—
Estôjo para penas	+	—	+	+
Cuias	+	(+)	+	+
Baldes tubulares: para beber	+	—	+	+
para buscar água	+	—	—	+
Baldes de cuias: para água	(+)	+	—	+
para penas	+	—	+	—
Paus de fogo	+	—	+	—
Cachimbos	+	(+)	+	+

(39) — Cf. Diniz, 1962: 11 seg.

OBJETOS	Fabricação		Uso	
	H.	M.	H.	M.
Brasa (conforme aplicação)	+	+	+	+
Escarificadores : unhas de gavião, dentes e mandíbulas de peixes	+	—	+	—
lascas de quartzo	—	+	(+)	+
Fusos	+	—	—	+
Tipitís	+	—	—	+
Tipóias	+	—	—	+
Esteiras <i>kupíp</i>	+	—	+	+
Esteiras <i>roti-ô</i>	+	—	+	(+)
Abanos	+	—	(+)	+
Cestas-caixas (<i>waraba-ê</i>)	+	—	+	—
Côfos	+	—	+	+
Paneiros	+	—	—	+
Cestas <i>káingre</i>	+	—	—	+
Bôlsa <i>mokó</i>	+	—	+	—
Bôlsa <i>kāngetú</i>	+	—	+	—
Cesta <i>pêyaya-ê</i>	+	—	+	?
Cesta-bôlsa <i>rará</i>	+	—	+	+
Suporte de palha para diadema	+	—	+	—
Braçadeiras : de contas	—	+	—	+
de algodão com pingentes	—	+	—	+
de algodão, com tufo de penas (êstes feitos peios homens)	—	+	+	—
cerimoniais (<i>pin-ko-kam-üre</i>)	+	—	+	+
Braceletes : cerimoniais	+	—	+	+
de palha	+	+	+	+
ou pulseiras, de contas pretas	—	+	+	+
ou pulseiras, de cascas duras (<i>orekó</i> , etc.)	+	—	—	+
Tornozeleiras de algodão	—	+	+	+
Joelheiras de algodão	—	+	+	+
Bandoleiras : de contas pretas	(+)	+	+	+
de fios de algodão	—	+	+	+
de contas pretas com pingentes ou tufo ..	(+)	+	+	+
de cuias	+	—	+	+
de novêlos de algodão	—	+	+	—
Cintos : de fios de algodão	—	+	—	+
de cordas de envira	+	—	+	—
de algodão com pingentes (de contas)	+?	—	—	+
com franjas de algodão	+?	—?	+	—
largos, de algodão	—	+	—	+
com cascas de castanhas	+	—	+	—
de couro de onça preta	+	—	+	—
trançados de fibras	+	—	+	—
Estôjo peniano	+	—	+	—
Adôrno de sexo	+	—	+	—

OBJETOS

Fabricação

Uso

	Fabricação		Uso	
	H.	M.	H.	M.
Tembetás	+	—	+	—
Dilatadores de lóbulos de orelhas	+	—	+	+
Itã (preparação de)	(+)	+	+	+
Brincos de itã (composição etc.)	+	—	+	+
Colares : de itã (composição etc.)	+	—	+	+
de <i>ã-ô</i>	(+)	+	—	+
de <i>ikóna</i>	(+)	+	+	—
de <i>orekó</i>	+	+	—	+
Pendente peitoral	+	—	+	+
Pendente dorsal	+	—	+	+
Pendente cervical	+	—	+	+
Diadema <i>me-kutóp</i>	+	—	+	—
Testeira <i>kruapú</i>	+	—	+	—
Adórno occipital	+	—	+	—
Cocares, diademas (respiendores)	+	—	+	+
Roletes para cocares	+	—	+	—
Penugem	+	—	+	+
Tear para tecer diademas	+	—	+	—
Aros de penas	+	—	+	—
Aros-testeiras de palha	+	+	+	+
Máscaras : <i>bô, kokói, pát, me-karón</i>	+	—	+	—
Pendentes e tufos de penas	+	—	+	—
Pingentes de contas	+	(+)	+	+
Brinquedos : maracás	+	(+)	+	+
cuinhas	+	—	(+)	—
arcos, flechinhas, bonecos de envira, re- mos, petecas, flautas de palha, trança- dos de palha de babaçu	+	—	+	—
Instrumentos musicais : tipo novêlos de algodão	—	+	+	—
de outros materiais	+	—	+	—
Tinta vermelha (urucu), preta (jenipapo com carvão de casca de pau marfim) e de ôvo de azulão	—	+	+	+
Recipiente para tinta de azulão	+	(+)	+	+
Pincel para látex	+	—	+	—
Riscador de linhas, na pintura corporal	+	?	—	+
Recipiente (de sapucaia) para tinta preta	—	+	—	+

ATIVIDADES DOMÉSTICAS E DE SUBSISTÊNCIA

	H.	M.
Fazer fogo : com paus de fogo	+	—
com brasa já existente	+	+
Manter o fogo	—	+
Cortar ou buscar lenha	—	+
Buscar água	—	+
Limpeza da casa; varrer e tirar cinzas	—	+

	H.	M.
Limpeza do terreiro	—	+
Cuidar dos cachorros	(+)	+
Cuidar dos outros xerimbabos	—	+
Carregar pesos : na marcha	—	+
na safra (p. ex. milho, quando a roça está longe) ..	(+)	+
para civilizados (para fins comerciais)	+	—
Roça : derruba, queima e coivara	+	—
capinação	+	+
plantio e safra, na maioria dos casos	—	+
Coleta : quando não há necessidade de subir em árvores	+	+
quando precisa subir em árvores	+	(+)
Caçar (com arco, flecha, borduna ou espingarda)	+	—
no tipo coleta, como jabuti, tatu, etc.	+	+
Assar : no <i>ki</i> , no forno coberto	—	+
sôbre o fogo aberto	+	+
Socar milho etc., no pilão	—	+
Abrir, destrinchar, distribuir carne de caça	+	—
Fazer fios de algodão (com o fuso)	—	+
Fazer cordas de envira ou de algodão, sôbre a côxa	+	—
Higiene e banho das crianças pequenas	—	+
Fumar	+	+
Pescar : com flecha, anzol; bater timbó	+	—
juntar peixes da tinguijada	+	+

Coordenando êstes dados, verifica-se que existem dois grandes ciclos de trabalho : do homem e da mulher. Cada um dos dois possui competência ou direitos em certas tarefas que às pessoas do outro sexo ou do outro ciclo de trabalho não convém executar, devido ao conceito de “incompetência” e “falta de direito” em relação à aquisição e aplicação de determinadas matérias. Delineia-se, então, o seguinte :

1. Ao homem competem, básicamente, todos os trabalhos executados em :

a) madeiras e material semelhante como tabocas e enviras : ralo de paxiúba, paus-de-cavar e de tirar batatas, mão-de-pilão, toro para pilão, amolador de “dente de cutia”, pentes, paus para fazer fogo, fusos, braçadeiras, tembetás, dilata-dores, armas, catres, casas, baldes tubulares, estojos para penas, recipientes para breus, adornos à base de tabocas (*me-kutóp, kruapú*), flechas, buzinas, cordas, cintos...

b) palhas ou (pínulas-talas de) fôlhas de palmeiras, enquanto se trata estritamente de trançados : tipitís, tipóias, esteiras, abanos, cestas-caixas, côfos, paneiros, bôlsas, cestas,

suportes para diademas, cintos, estojos penianos, adornos occipitais, máscaras, brinquedos de palha etc...

- c) pedras, ossos, dentes, unhas etc... : líticos em geral, especialmente machados e tembetás, rodela de fusos, perfuradores, cavadores-formões ("dente de cutia"), escarificadores de unhas, aplicações de itã, caramujos etc...
 - d) penas, especialmente de psitácidas (araras e papagaios): tôda a plumária, mais os pingentes e tufos de penas.
2. À mulher cabem, básicamente, todos os trabalhos relacionados a:
- a) exploração e aplicação de sementes e cascas de frutas: cucúrbitas, sapucaia, cachimbeiro, sementes-contas de *ã-ô* etc.; tintas de urucu e jenipapo...
 - b) palha em aplicação simples, não se tratando de trançados: braceletes, aros, testeiras...
 - c) algodão e sua aplicação imediata: fios, cintos, bandoleiras, braçadeiras, tornozeleiras, joelheiras, novelos como instrumentos musicais...
 - d) aplicação de pedra bruta, não trabalhada: ralos, quebracôcos...
 - e) coletas, incluindo (plantio e) safra da roça e a coleta de peixes na tinguijada...
 - f) casa, cozinha e filhos: abastecimento de água, lenha e fogo, o forno *kzi*, preparo de comidas, limpeza da casa, xerimbabos, higiene e asseio dos filhos pequenos, etc...

À base dêstes materiais e sua aplicação explicam-se certas atividades que não sômente incluem possibilidades para outras ações e sim também direitos e obrigações. Temos p. ex. a caça, a pesca, fazer fogo, etc.. O homem fabrica arco e flecha, corta e bate timbó, prepara os paus de fogo. Êle é, portanto, dono dos objetos produzidos, mas também é dono da devida aplicação. Só êle tem, por isso, o direito de caçar com arco e flecha, de fazer fogo com os paüs, etc. Êste direito, entretanto, implica no conjunto da estrutura social e em relação à família e ao grupo, numa obrigação: a de exercer tais atividades. Direito e dever, de certa maneira, correspondem-se ali. Vice-versa, a mesma coisa vale para as atividades da mulher.

Embora haja dois ciclos definidos, existem trabalhos por assim dizer "compostos", onde homem e mulher contribuem igualmente para a confecção dos objetos. À primeira vista, êstes não participam de nenhum dos ciclos, mas analisando os elementos, separadamente, se enquadram perfeitamente. P. ex. o pilão. Disseram-nos uma vêz

que é o homem quem o fabrica, outra vez que é a mulher. O caso é que o homem corta e prepara o toro de piquiá que servirá de pilão e a mulher queima com brasa o âmago e a parte central, o "cavado". Outro exemplo é a própria roça. O trabalho também é dividido. A preparação, derruba e queima são feitos pelo homem (trabalhos de madeira !), o restante compete à mulher.

Para os Xikrín, a divisão de trabalho é de alta importância. Sobre ela baseia-se o funcionamento da vida individual, familiar e grupal, pois, na vida indígena estes três aspectos interdependem. Pelo ciclo de trabalho é indicado ao indivíduo qual o seu lugar dentro do ambiente material da família e do grupo e, como já referimos, quais as obrigações: o que pode e o que não pode, ou o que deve e o que não deve fazer. Homem e mulher, cumprindo cada um com suas obrigações, se completam também materialmente, e a vida em família há de funcionar satisfatoriamente. O mesmo vale dizer a respeito da convivência das várias famílias nucleares dentro do ambiente da família extensa e, em sentido mais amplo, dentro do grupo total.

Importante para a compreensão do conjunto parece-nos uma conclusão que achamos lícita tirar das diversas atividades dos grupos de sexo em ambiente cultural primitivo. A mulher aparece ali como elemento que, com preferência, colhe e junta, mantendo tudo quanto é útil para si e a família, aproveitando-o, todavia, em estado bruto, sem grande elaboração posterior. Isto pode ser observado na procura dos elementos que sustentam o nível doméstico, p. ex. na busca de pedras para ralos, quebra-côcos e o forno *ki*; na coleta de frutas, aproveitáveis cruas, em estado natural, etc... Exceção parece fazer o algodão, que recebe posterior aproveitamento. Isto, porém, não muda o fato básico que é a mulher quem colhe o algodão em estado bruto. Em toda parte nota-se: a mulher adquire e aproveita os elementos de seu ambiente de vida, colhendo-os.

Com o homem se dá algo diferente. É verdade: Ele colhe, da mesma maneira, os materiais necessários para os utensílios que lhe cabe fazer. Entretanto, no estado bruto, como os encontra, não lhe servem. Primeiramente tem que gastar tempo e trabalho para fazer deste material algo que lhe possa ser útil: a palha ou a madeira ainda não são um cesto ou uma borduna! Em outras palavras: Ele aproveita as matérias primas encontradas para uma subsequente elaboração, criando objetos e formas da matéria bruta. Entretanto, para a aquisição e preparação do material precisa de instrumentos, a saber, de instrumentos cortantes que encontrou, originariamente, em dentes, pontas de

ossos, lascas de quartzo e outras pedras, mais tarde em machados e outros instrumentos líticos e, modernamente, nas ferramentas. Trata-se, pois, no trabalho do homem, essencialmente, da aquisição e do aproveitamento de matérias primas e sua elaboração mediante instrumentos correntes. Desta forma, pelo uso dos instrumentos, o homem passou dos limites de simples coletor de materiais, tornando-se artífice, embora em padrões ergológicos determinados pela simplicidade técnica.

2. A CULTURA XIKRÍN

A grande primitividade que se conservou na cultura material Xikrín é algo que, imediatamente, é percebido pelo observador atento. Mesmo levando em consideração os contatos com outros tipos de cultura, dos quais resultou a aceitação de uma série de elementos culturais, hoje integrados em menor ou maior grau no equipamento material do grupo, o seu nível cultural não pode ser considerado muito alto. A tradição tribal, em parte confirmada por outras fontes, relata uma série de fatores e influências que deixam vislumbrar um fundo cultural mais arcaico, mesmo dentro dos próprios grupos Kayapó.

Anotamos já nos lugares devidos, a influência de grupos tupi sobre os Xikrín. Estes contatos datam, pelo menos, desde a época da sua imigração na região do Itacaiúnas-Caiteté. Dizem eles mesmos que expulsaram os antigos habitantes dessas terras, rechaçando-os para o interior, especialmente para as terras do norte e para além das cabeceiras dos rios Cinzento, Tapirapé, Prêto e outros. Citam como moradores de então os Akokakóre, provavelmente idênticos aos grupos Asuriní. Embora estes contatos, na maior parte, tenham sido realizados em bases hostis, e seguindo os Xikrín uma política local de exterminação das minorias tupi, influências culturais são perceptíveis. O grupo tupi que, atualmente, mora mais perto deles, em distância de poucos dias (mencionaram viagem de dois dias, saindo do rio Sêco ou *Kam-krokro*), são os chamados Kuben Kamrektí, isto é, "gente tôda vermelha". Ainda em tempos atuais, este grupo sofre as incursões dos Xikrín que, periodicamente, vão guerreá-los. Fazem isto para manter o princípio do auto-prestígio, tão arraigado no caráter Kayapó e, por outro lado, para levar, como prêsas de guerra, uma série de objetos que eles precisam, inclusive material humano. Assim são obtidas as tão procuradas contas pretas, *ã-ô*, utilizadas para vários adornos, principalmente para os diferentes tipos de colares, bandoleiras, braçadeiras e pingentes. Parece, aliás, que as plantas produtoras destas sementes, aproveitadas como

“contas”, não crescem nas áreas imediatas do Itacaiúnas-Caiteté. Em vista disso, é dada a possibilidade de que parte dos próprios tipos de adorno, feitos à base de contas *ã-ô*, sejam originariamente, adornos tupi. Origem idêntica é assinalada para o pilão, para as flautas de osso e para o adorno de sexo masculino que até hoje não conseguiu difusão mais ampla entre os Xikrín. Advém ainda o elemento humano que se destaca do tipo Kayapó pelas compleições, pelas feições do rosto e da cabeça, pela cor da pele, geralmente mais clara, etc. Tais indivíduos foram, quase sempre, roubados em sua infância e criados no grupo.

Seguindo a tradição Xikrín, em tempos antigos, muito antes do seu desmembramento do estoque Kayapó principal, arco e flecha eram-lhes desconhecidos e a sua arma principal era a borduna. Confirmação desta tradição acha-se na denominação, dada por outros grupos como Xipáia, Jurúna, etc. Igualmente afirmam os Xikrín que seus ancestrais nunca souberam fabricar líticos, os quais sempre receberam de grupos alheios (cf. Banner, 1961:10). Mais tarde, depois da separação dos atuais Gorotire, os Xikrín do Caiteté citam os Akokakóre como fornecedores de machados de pedra e tembetás de quartzo. Segundo esta tradição, os Kayapó originais ficam, pois, destituídos de uma série de elementos culturais que nos devem parecer essenciais mesmo para um nível de vida primitivo como é o deles.

Outrossim, mesmo na atualidade, os Xikrín constituem, em comparação com os Gorotire do Xingu, um tipo de Kayapó mais arcaico. Entre os do Xingu existem vários elementos culturais que os Xikrín desconhecem, elementos, portanto, que entre aqueles foram aceitos e, talvez, desenvolvidos somente depois da separação dos Djóre-Xikrín. Assim, p. ex. eles desconhecem a tatuagem, comprovada entre os Gorotire, por Banner (1961:22). Usam pintura corporal diferente (Fuerst, 1964:118). Desconhecem, igualmente, os grandes cocares *krôkrôkti*, usados pelas mulheres Gorotire (cf. Banner, 1961:7). Os Xikrín, ao contrário, denominam de *krôkrôkti* os grandes resplendores ou cocares circulares, usados por pessoas de ambos os sexos (pelas mulheres, porém, sem roletes). Também em ambiente tribal notam-se falhas de conhecimentos. Descobrimos em nossas conversas com eles, que os novos grupos Kayapó que se originaram pelo grande fracionamento no ano de 1936 (cf. Diniz, 1962:17 e 33), eram-lhes desconhecidos. Deram-nos tradução de nomes como Kôkramoro e outros que lhes mencionamos e que lhes eram inteligíveis, mas ignoravam que se tratasse de nomes de

novos grupos Kayapó (40). Para êles existia ainda e sòmente “o grupo grande = Goro-tí” (41).

Lingüísticamente surgem também diferenças que, embora não muito grandes, distinguem um grupo do outro, confirmando assim uma separação mais recuada. Apesar de não possuímos grandes conhecimentos da língua Kayapó (42), indicaremos alguns têrmos :

<i>Xikrín:</i>	<i>Gorotire:</i>		
<i>kro</i>	<i>kròm</i>	(Banner, 1961:14)	compadre
	<i>krò</i>	(Dreyfus, 1963:84)	
<i>rop</i>	<i>ròm</i>	Banner, 1961:39)	cêra, cerol
<i>me-kutóp</i>	<i>me-kutom</i>	(Banner, 1961:7)	adorno festivo, cerimonial
<i>noronüre</i>	<i>roronüre</i>	(Banner, 1961:20)	jóvem, rapaz
<i>nononüre</i>			
<i>botprò</i>	<i>bòri-prò</i>	(Banner, 1961:6)	casca e carvão da casca de “pau-marfim verdadeiro”; tinta preta.

Sem dúvida haverá mais outros exemplos de diferenciação. Mas já que não somos lingüísta...

Como se pode notar do relato feito sôbre o nível adaptativo dos Xikrín, grande número de elementos culturais consiste no simples uso ou na adaptação de objetos da natureza com nenhuma ou só ligeira interferência humana. Tais casos podemos observar na aquisição e no uso da plaina de caramujo, dos ralos, cachimbos, escarificadores, vasos de sapucaia, recipientes de taquaraçu, cavadores de “dente de cutia” e outros utensílios mais. Abstraindo dos elementos anteriormente mencionados como adquiridos por contatos com grupos tupi ou outros que, então, constituem elementos relativamente recentes entre êles, chegamos a um nível cultural dos mais primitivos. Para arredondar o quadro, faltava sòmente indicar quais os tipos de trançados e de plumária originais e quais os adquiridos por intercâmbio com grupos culturalmente

(40) — André, índio Gorotíre, morando no Tocantins, aproveitou a ocasião para ir conosco à aldeia Xikrín. Durante várias noites teve que fazer discursos em público, dando esclarecimentos sôbre a situação das frações Kayapó no Xingu.

(41) — Relembramos que Goro-tí, segundo informação de Pe. Jaime Candela, significa “grupo grande, bando grande”.

(42) — Frei Tomás Balduino e outros missionários dominicanos, conhecedores dos dois grupos, Xikrín e Gorotíre, opinam igualmente que há diferenças dialetais entre os Kayapó do Xingu e do Caiteté (informação pessoal).

um pouco mais desenvolvidos : — questão para cuja solução, por enquanto, não possuímos elementos ou fontes (43).

Como resumo dessas considerações parece-nos viável a formulação :

a) que bôa parte dos elementos da cultura material Xikrín baseia-se em influências culturais de outros grupos, notadamente tupi;

b) que, abstraindo dêsses elementos aceitos e, mais ou menos, integrados, a cultura material Xikrín apresenta-se como uma das mais primitivas da área amazônica;

c) que, dentro do ambiente Kayapó em geral e em comparação com outros grupos Kayapó do Xingu, especialmente os Gorotíre, a cultura material Xikrín mostra ainda um nível mais arcaico que daqueles (44).

3. PRINCÍPIOS DE ADAPTAÇÃO E ACULTURAÇÃO XIKRÍN

Constatamos em outro lugar (Frikel, 1963:151 seg) que os Xikrín começam a entregar-se à civilização. E falamos também sôbre as suas aspirações e desilusões, sôbre as vantagens e desvantagens das suas medidas de encetar e manter contatos com a mesma.

Pela aproximação ao civilizado, o grupo esperava, primeiramente, facilidade na obtenção de ferramentas e outros objetos que lhes pareciam necessários ou de proveito para a sua vida. De fato encontra-se já uma série de utensílios modernos na aldeia e nas casas, os quais lhes facilitam os trabalhos e a obtenção dos produtos de coleta na mata, sem provocar mudanças de vida, até agora. Tais objetos são : terçados ou facões, facas, enxadas, machados, lamparinas e latas. Em menor quantidade aparecem : canecos, tesouras e espelhos. Raros são ainda : rifles ou espingardas, lanternas, malas, roupas, mosquiteiros e rêdes, das quais encontramos sômente duas, pertencentes a rapazes que, pouco tempo antes, estiveram na cidade de Marabá.

(43) — Embora haja poucos dados disponíveis para comparações entre os Xikrín e grupos Kayapó mais afastados, mal conhecidos ou ainda não estudados, parece-nos possível ser a fôlha de babaçu o elemento original nos trançados e adôrnos Kayapó. De fato, o côfo *kanaipúk*, a bôlsa *rará*, os braceletes, braçadeiras e aros/testeiras, comuns dos Kayapó e feitos à base de fôlhas e pínulas de babaçu, ainda refletem grande simplicidade e maior grau de primitivismo. Todavia, faltam dados mais amplos para que se possa fazer qualquer asserção definida.

(44) — Fuerst (1964 : 118) chegou a resultados semelhantes dizendo : "...la culture présentait toutefois des différences importantes, celle des Xikrin étant étonnement plus originale e répondant en quelque sorte aux descriptions des plus anciennes peuplades indiennes du Brésil".

A aquisição de machados, enxadas e terçados, realmente, ajuda-os na confecção da roça que, em menos tempo pode ser feita maior (cf. Galvão, 1963:125), o que, por outro lado, resulta numa mais fácil aceitação experimental de plantas cultivadas entre os civilizados : cana-de-açúcar, arroz, mandioca e feijão (favas), como já foi referido anteriormente. A tendência da ampliação da agricultura, em parte, baseia-se também na incipiente restrição territorial de correrias de matas, já mencionada.

Na estrutura social ainda não se notam influências diretas por parte da civilização. Todavia, os contatos começam a mudar certos conceitos de valores tradicionais. O Xikrín quer adaptar-se nesta primeira fase, pelo menos *exteriormente*, ao civilizado. Não resta dúvida que, de certa maneira, sofre de complexos de inferioridade em virtude da desigualdade sentida no equipamento material das duas culturas ou seja, devido a deficiência reconhecida da sua própria cultura em relação a dos civilizados. Também a discriminação racial exerce certa influência sobre êle por ser tratado, abertamente, de "bicho", enquanto o civilizado, mesmo o mais vagabundo, sempre é o "cristão". Para vencer êste obstáculo ou esta barreira, o índio quer adaptar-se ao ambiente dos castanheiros, pois é, infelizmente, só êste que êle conhece. A mudança do seu exterior é, portanto, uma das primeiras coisas por êle aspiradas. Eis a razão por que os Xikrín já não querem mais usar o seu corte de cabelo típico, em forma de meia-lua, raspado (cf. Dreyfus, 1963:42). Os homens já não usam mais com a freqüência de então a pintura preta. Querem também abolir a palhinha e aspiram possuir calções (cf. Dreyfus, 1963:43). A perfuração dos lóbulos das orelhas e do lábio continua a ser praticada, mas não querem mais aquêles orifícios enormes e sim pequeninos, pouco visíveis (cf. Dreyfus, 1963:42). Estas atitudes, provavelmente, levarão mais tarde a alguma mudança interna. Mas o que por enquanto conseguimos constatar, foi somente isto.

Em conclusão: a adaptação Xikrín ao ambiente civilizado ou, respectivamente, o tipo de aculturação que se está começando a processar entre êles, por enquanto se restringe unicamente a fatores externos, condizendo a facilidades de trabalho e a aparências pessoais. A estrutura interna (até 1963) não foi afetada.

SUMMARY

The Author presents in this paper part of the results of his field research among the Xikrín Indians, a Kayapó group of the Caiteté River, during the year 1963.

Certain cultural aspects are emphasized such as descriptions of houses, villages, material equipment, techniques of subsistence, and economic cycles. A tentative interpretation is made of the background of the Xikrín culture, its relation to the particular environment, and changes due to recent acculturation.

FISHERMAN, N.

1945 -- A cerâmica arqueológica do rio Itacambira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Nova Série, Antropologia*, Belém, 27: 17 p., 2 tab., 5 est.

FREITAS, P.

1961 -- Fatores culturais e aculturação intertribal do Tomboanaçu. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Nova Série, Antropologia*, Belém, 15: 16 p., 3 tab., map.

1963 -- Nota sobre a situação atual dos índios Xikrín do rio Caiteté. *Revista do Museu Paulista: Nova Série*, São Paulo, 14: 145-156.

FURST, R.

1964 -- La peinture collective des Indes Xikrín (Contribution à l'étude des Indes Kayapó du Brésil Central). In: Héber, H., ed. *Beiträge zur Völkerkunde Südamerikas*. Hannover, Kommissionsverlag Müller-Mann-Druck, p. 117-130, 12 fig. (Völkerkundliche Abhandlungen, 11). [Des Niederösterreichischen Landesmuseums, Abteilung für Völkerkunde].

GALVÃO, R.

1960 -- Áreas culturais indígenas do Brasil, 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Nova Série, Antropologia*, Belém, 8: 41 p., 4 map.

1963 -- Elementos básicos da horticultura de subsistência indígena. *Revista do Museu Paulista: Nova Série*, São Paulo, 14: 120-144, 4 fig., 8 est.

NEUMANN, K.

1923/24 -- Zur Sprache der Nipón-Indianer. *Wien. (Sitzberochung zur Anthropologie)*, 18-19: 819-857.

KUNHO, R. O.

1927 -- Base para uma classificação dos adornos plásticos dos índios do Brasil. *Arquivo do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 43: 99-119, 53 fig., 2 col., 11 est.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BANNER, H.

- 1961 — O índio Kayapó em seu acampamento. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi : Nova Série, Antropologia*, Belém, 13. 51 p.

DINIZ, E. S.

- 1962 — Os Kayapó-Gorotire : aspectos sócio-culturais do momento atual. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi : Nova Série, Antropologia*, Belém, 18. 40 p. 4 graf. 2 tab. 10 est. map.

DREYFUS, S.

- 1963 — *Les Kayapo du nord; État de Para — Brésil : Contribution à l'étude des Indiens Gé.* Paris, Mouton. 213 p. 12 fig. 2 tab. 27 est. 2 map. (Le monde d'outre-mer, passé et présent; Première Série : Études, 24). [2 apêndices].

FIGUEIREDO, N.

- 1965 — A cerâmica arqueológica do rio Itacaiúnas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi : Nova Série, Antropologia*, Belém, 27. 17 p. 2 qd. 6 est.

FRIKEL, P.

- 1961 — Fases culturais e aculturação intertribal no Tumucumaque. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi : Nova Série, Antropologia*, Belém, 16. 16 p. 3 tab. map.
- 1963 — Nota sobre a situação atual dos índios Xikrin do rio Caiteté. *Revista do Museu Paulista : Nova Série*, São Paulo, 14 : 145-158.

FUERST, R.

- 1964 — La peinture collective des femmes Xikrin (Contribution à l'étude des Indiens Kayapo du Brésil Central). In : Bécher, H., ed. *Beitraege zur Voelkerkunde Südamerikas*. Hannover, Kommissionsverlag Münstermann-Druck, p. 117-130, 12 fig. (Voelkerkundliche Abhandlungen, 1). [Des Niedersaechsischen Landesmuseums, Abteilung für Voelkerkunde].

GALVÃO, E.

- 1960 — Áreas culturais indígenas do Brasil; 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi : Nova Série, Antropologia*, Belém, 8. 41 p. 4 map.
- 1963 — Elementos básicos da horticultura de subsistência indígena. *Revista do Museu Paulista : Nova Série*, São Paulo, 14 : 120-144, 4 fig. 8 est.

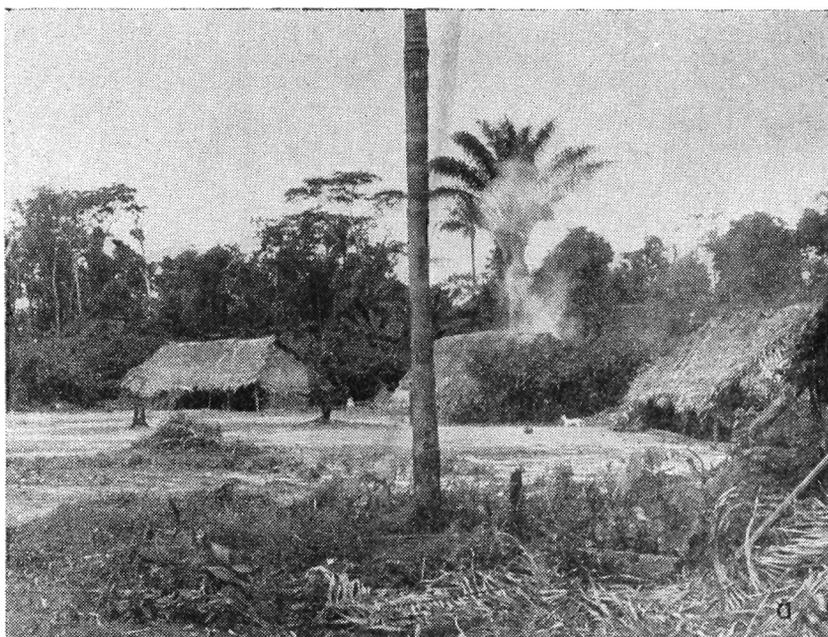
NIMUENDAJÚ, K.

- 1923/24 — *Zur Sprache der Sipáia-Indianer*. Wien. [Sonderabdruck aus *Anthropos*, 18-19 : 836-857].

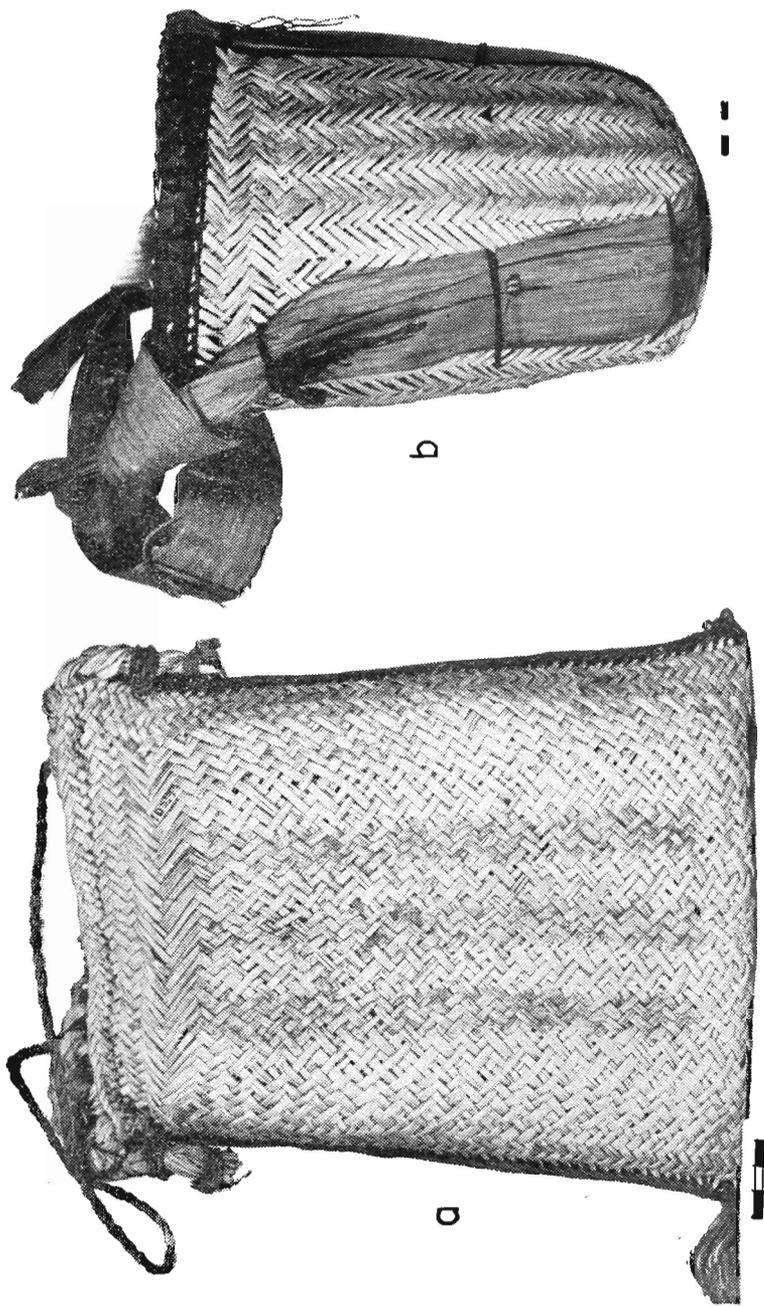
RIBEIRO, B. G.

- 1957 — Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 43 : 59-119, 55 fig. 2 fot. 11 est.

ESTAMPAS



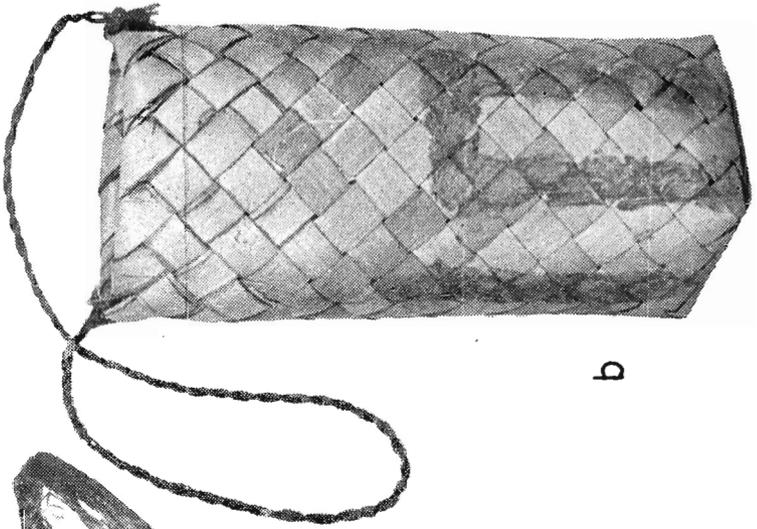
Est. 1 — Aldeia e cozinha. a) Vista parcial da aldeia Xikrín. b) O forno *ki*, aberto, para assar jagutis.



Est. 2 — Cestaria Xikrín. a) Bólsa káingre. b) Paneiro ko, usado só por mulheres.

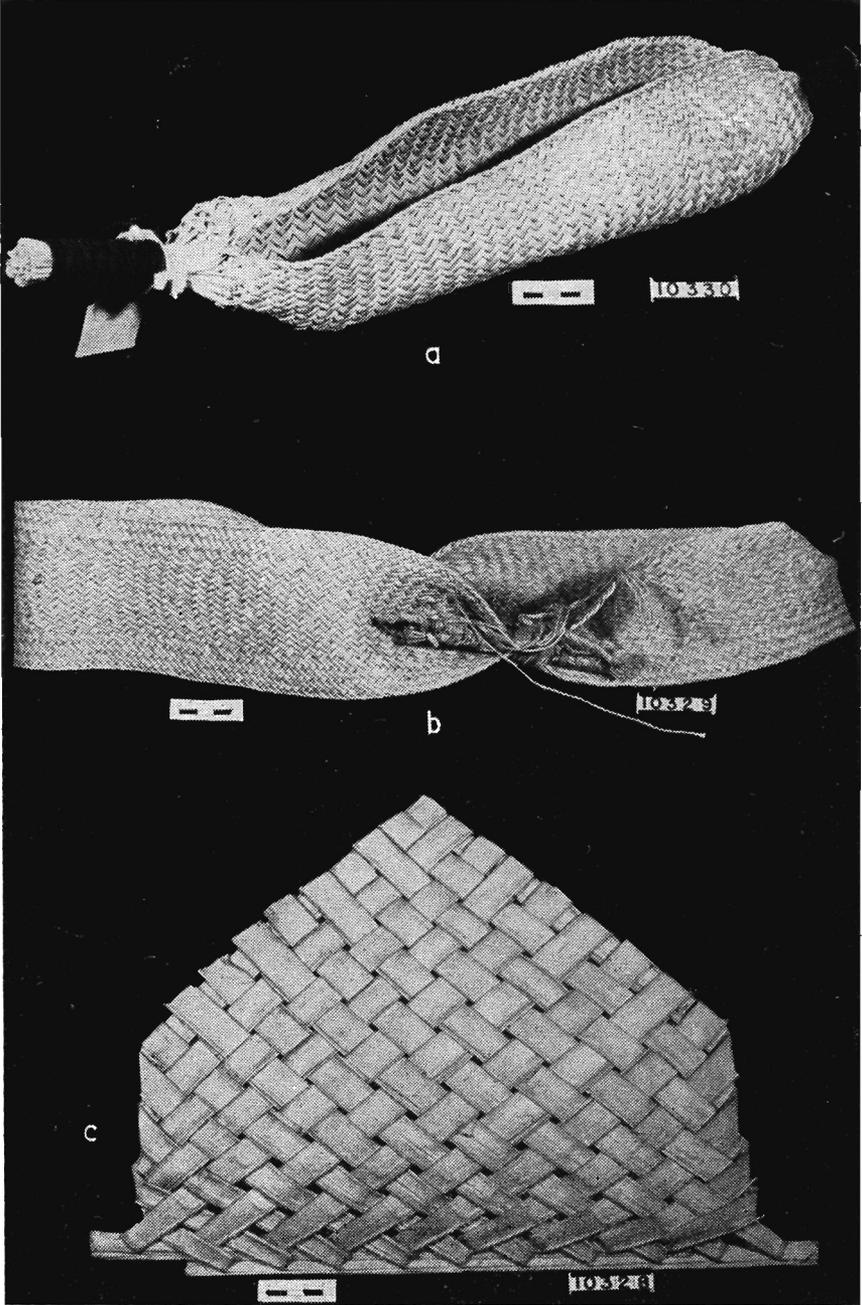


a

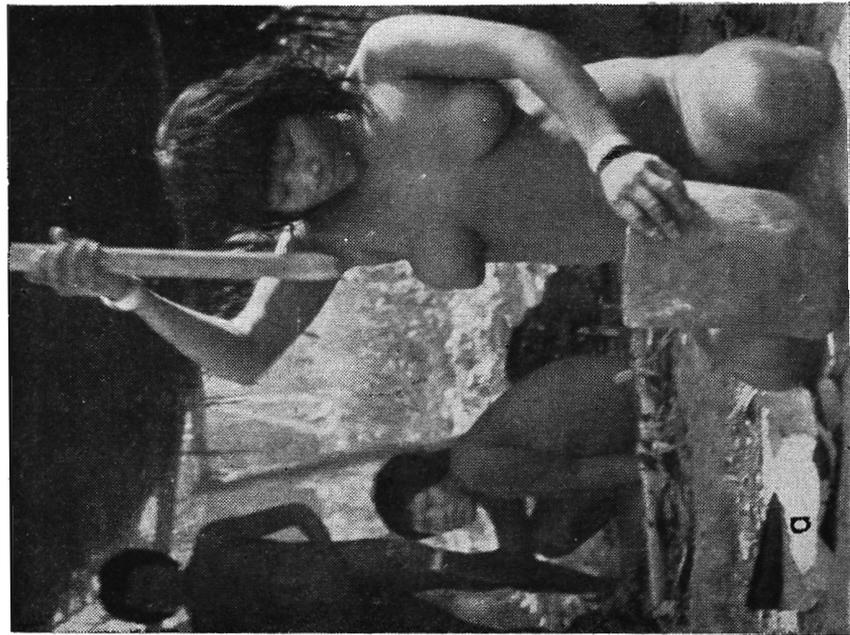


b

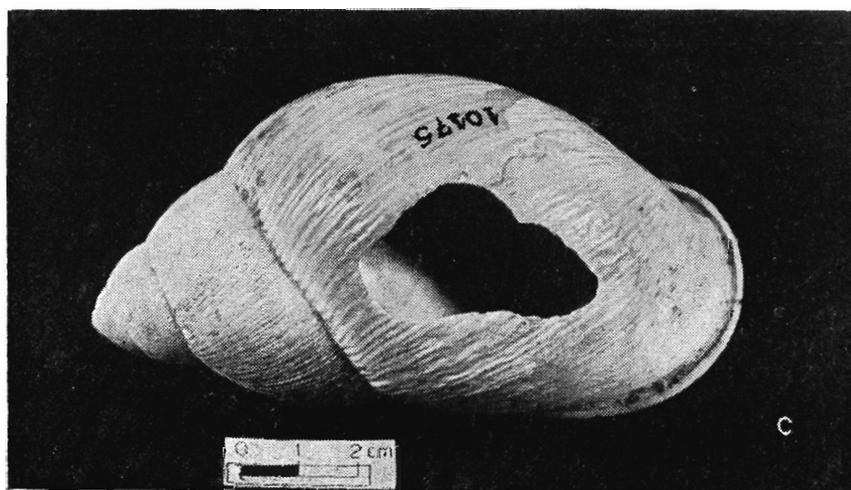
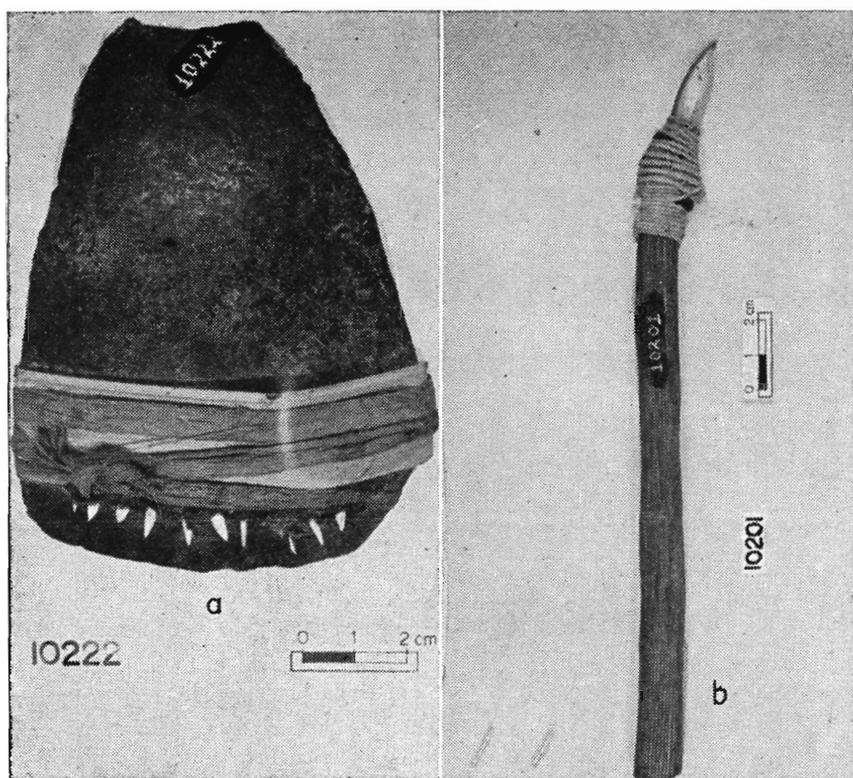
Est. 3 — Cestaria Xikrín. a) Cestinha *péyaya-ê*, com borda trançada. b) Cestinha *péyaya-ê*, com pintura e borda de pinulas dobradas.



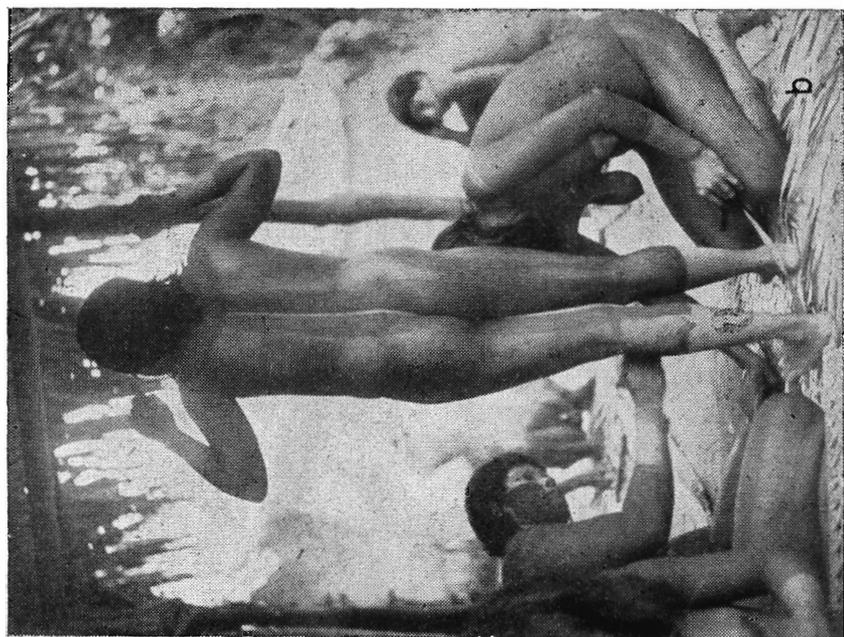
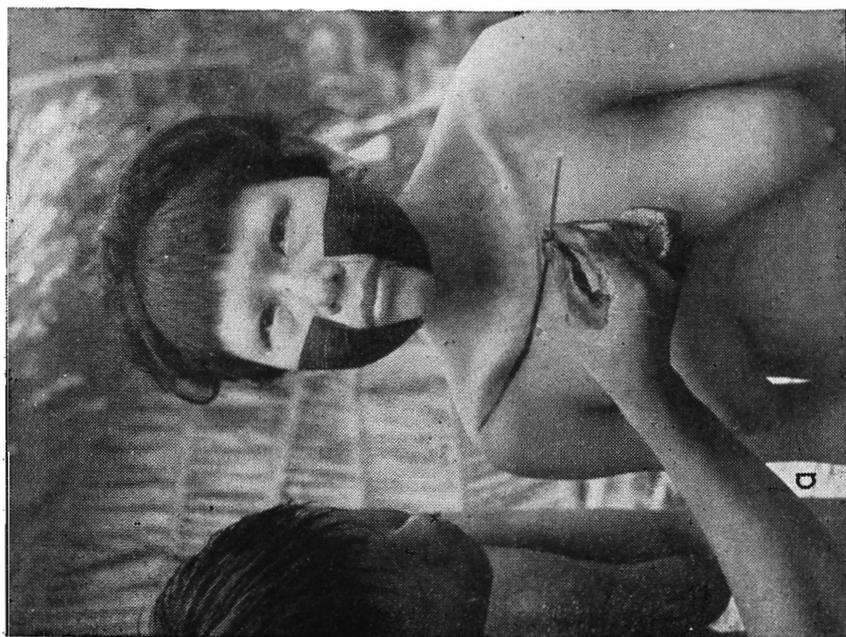
Est. 4 — Cestaria Xikrín. a) O típiti de torção, *kri-ô*. b) A tipoia trançada, *ã-f*. c) Abano pentagonal.



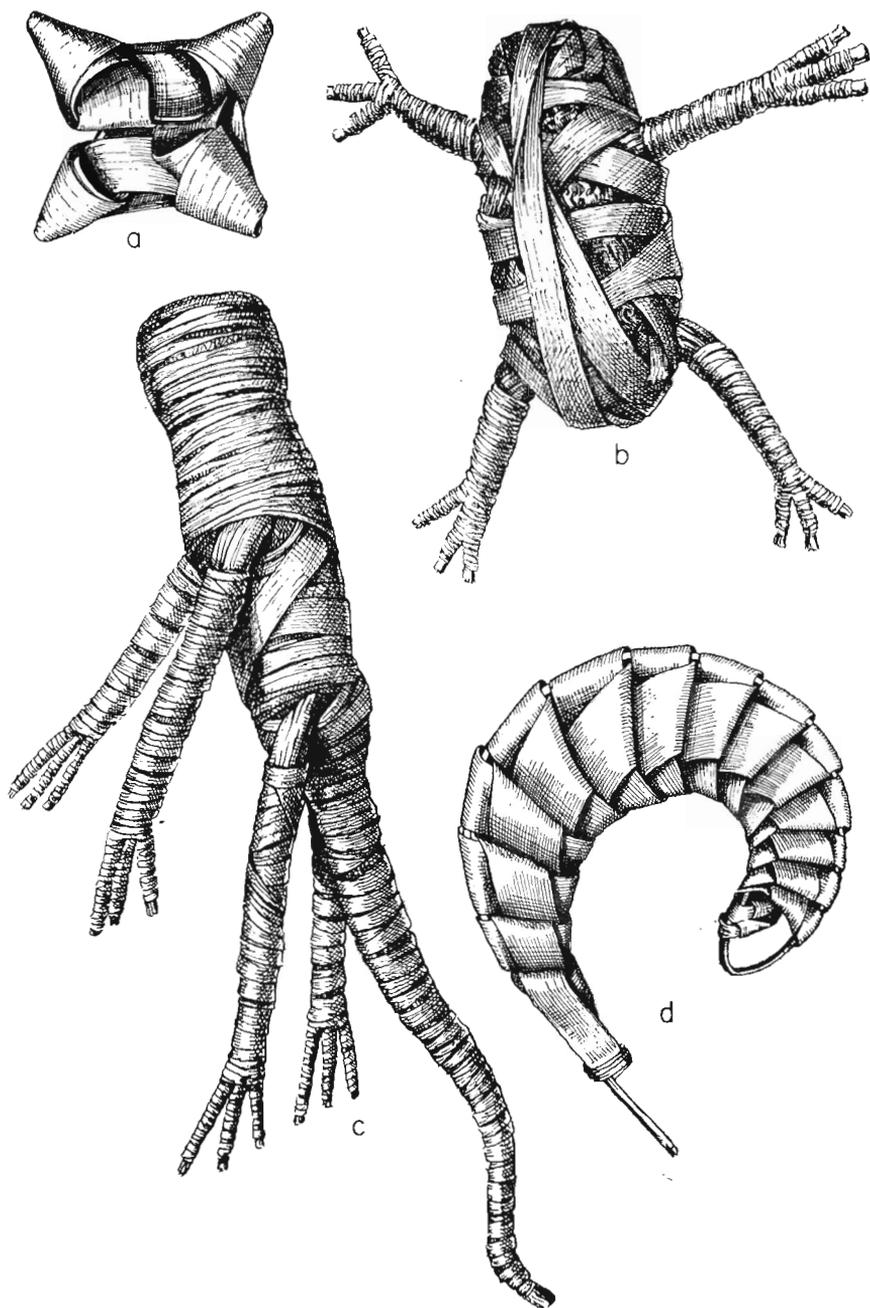
Est 5 — Afazeres e ciclos de trabalhos. a) Mulher Xikrin, socando milho no pilão.
b) Homem Xikrin, fabricando borduna



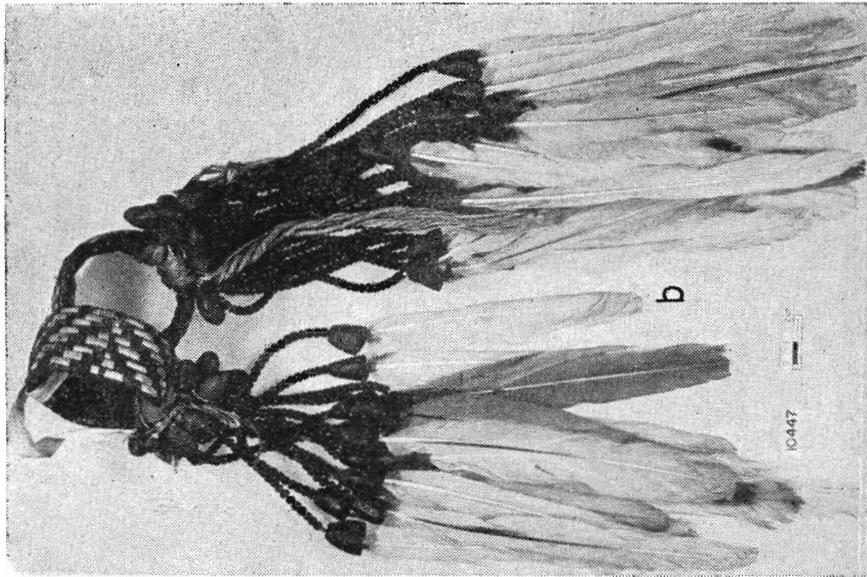
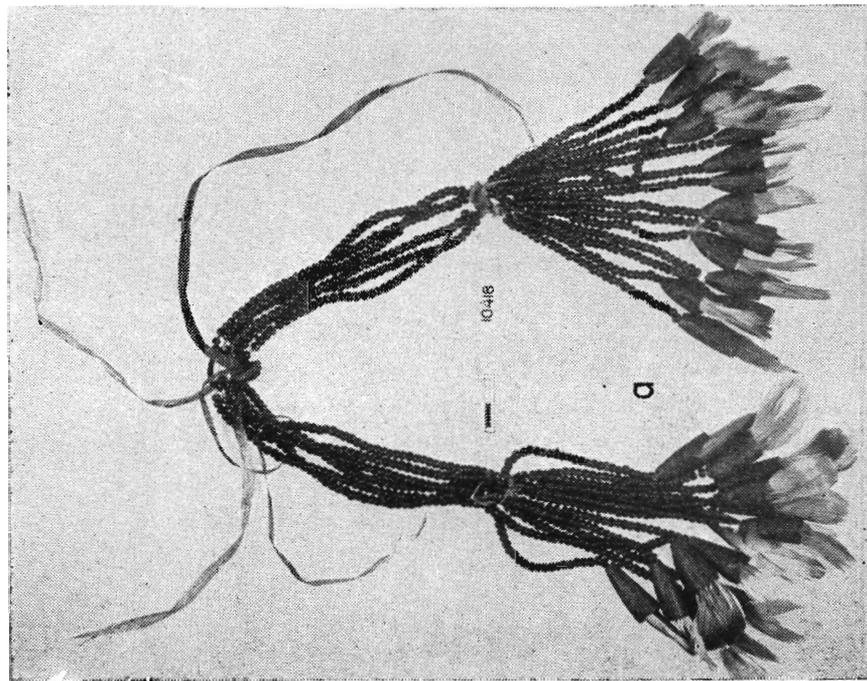
Est. 6 — Utensílios primitivos, usados pelo homem. *a)* Escarificador, de dentes de peixe. *b)* Formão-cavador, de dente de cutia. *c)* Plaina fina, de casa de caramujo.



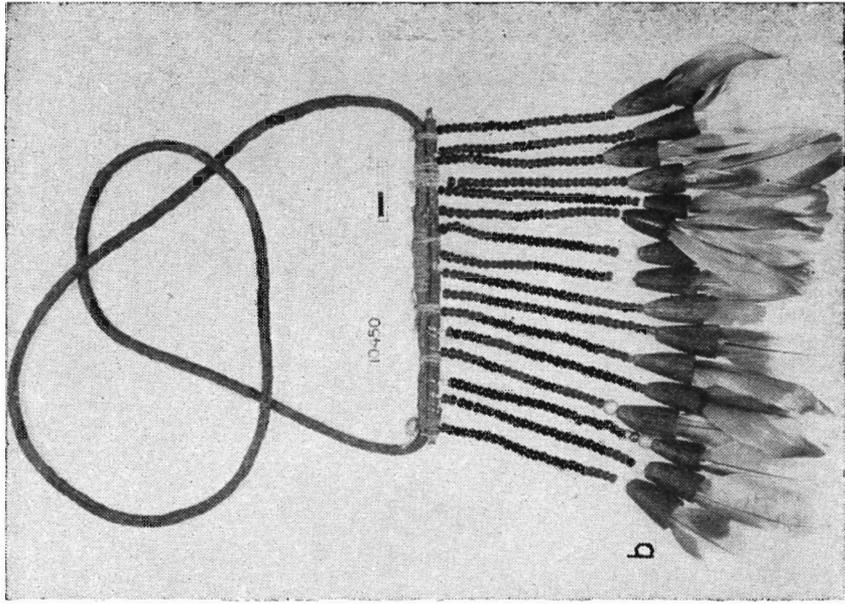
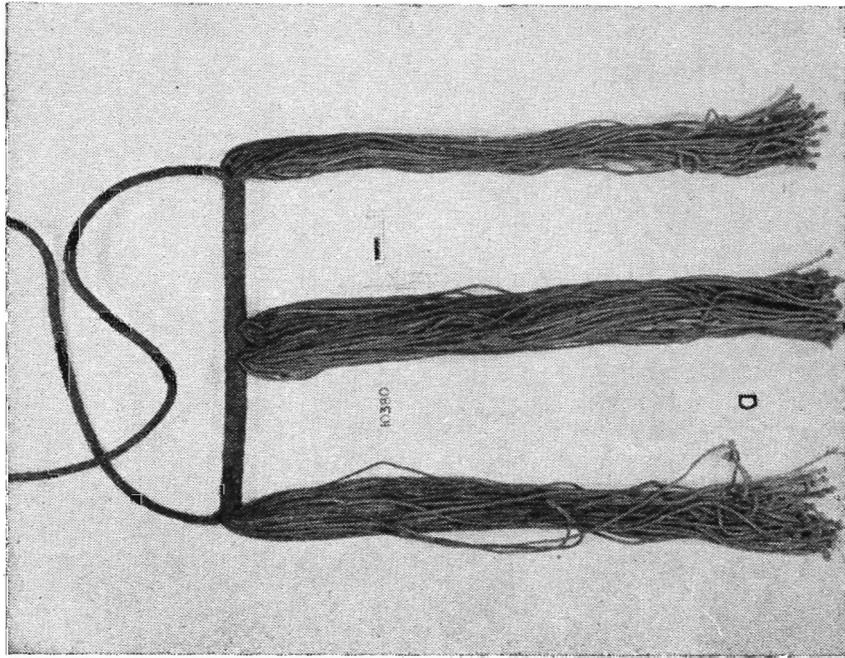
Est. 7 — Pintura. *a*) Emprêgo da tala na pintura corporal. *b*) Emprêgo do "risca-
dor de linhas" (na mão da mulher, à direita).



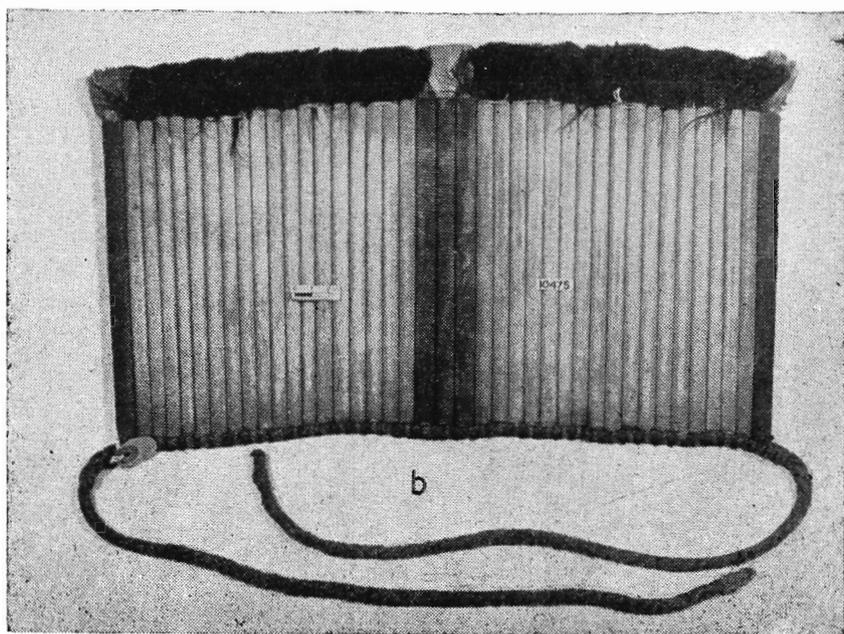
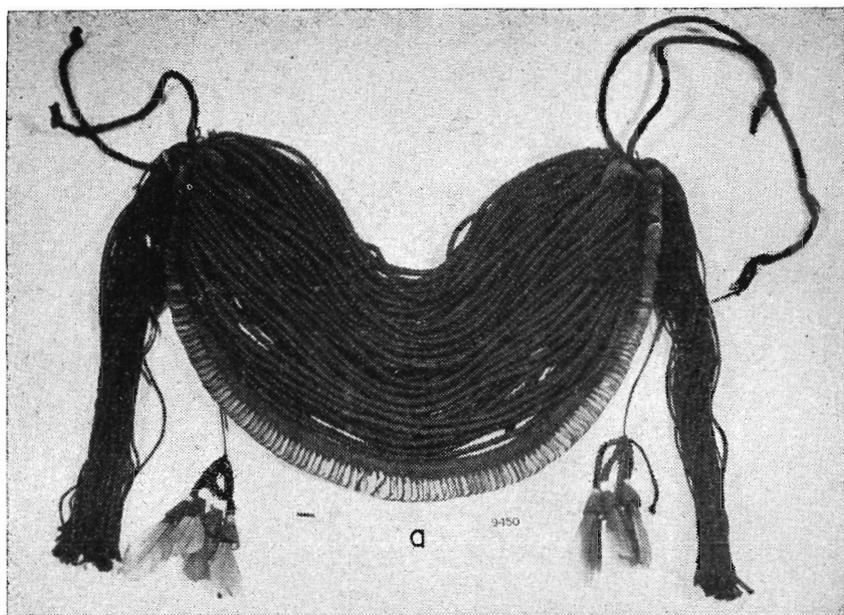
Est. 8 — Brinquedos. a) Estojo peniano, *müdjê*. b) Boneco de envira: *bri*, o sapo cururu. c) Boneco de envira: *kokóí*, o macaco-prego. d) "Rabo de jabuti", *kapron-teü*.



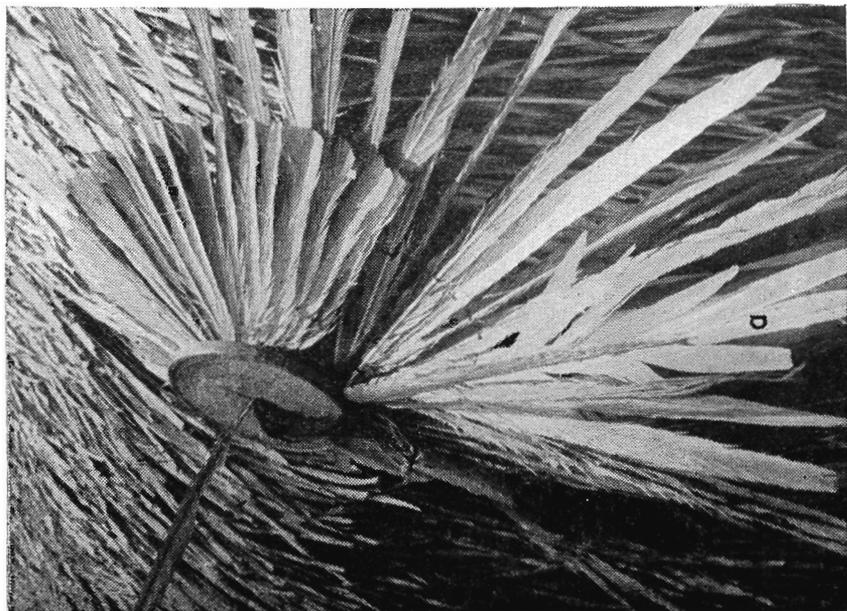
Est. 9 — Indumentária. *a)* Braceadeiras de continhas pretas. *b)* Braceletes ce-rimoniais.



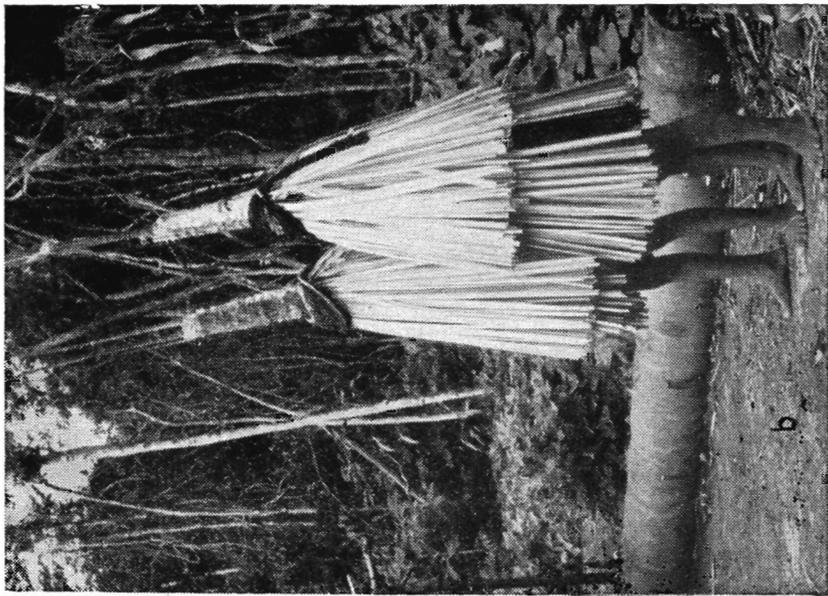
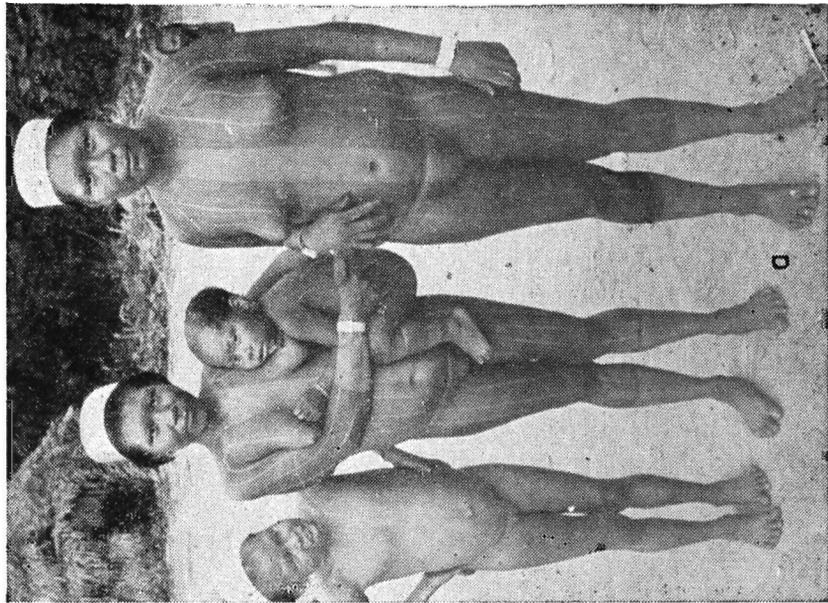
Est. 10 -- Indumentária. a) Cinto de homem, feito de algodão, com pendentes de contas. b) Cinto de mulher,



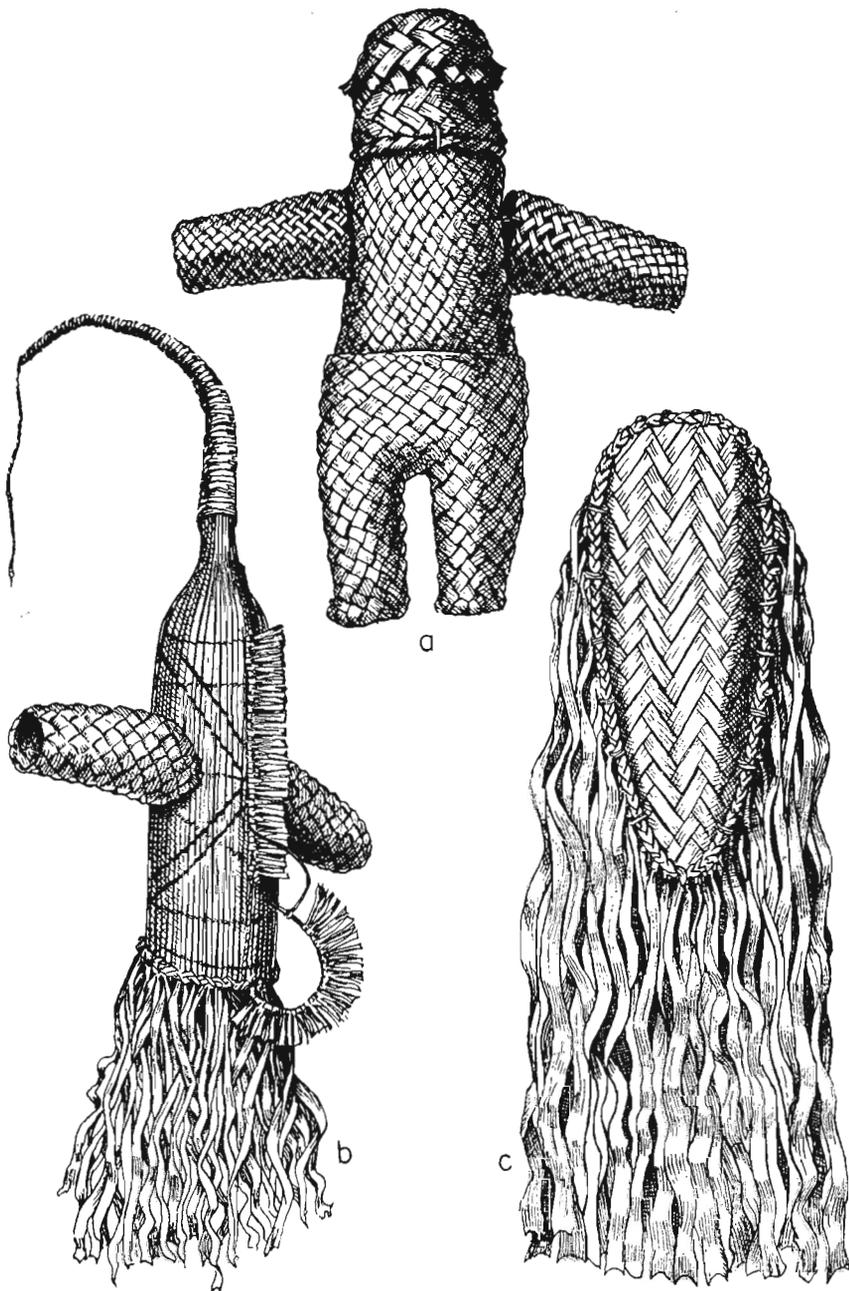
Est. 11 — Indumentária. a) *Ngob*, o colar de plaquinhas de itã e contas pretas.
b) *Kruapú*, testeira cerimonial.



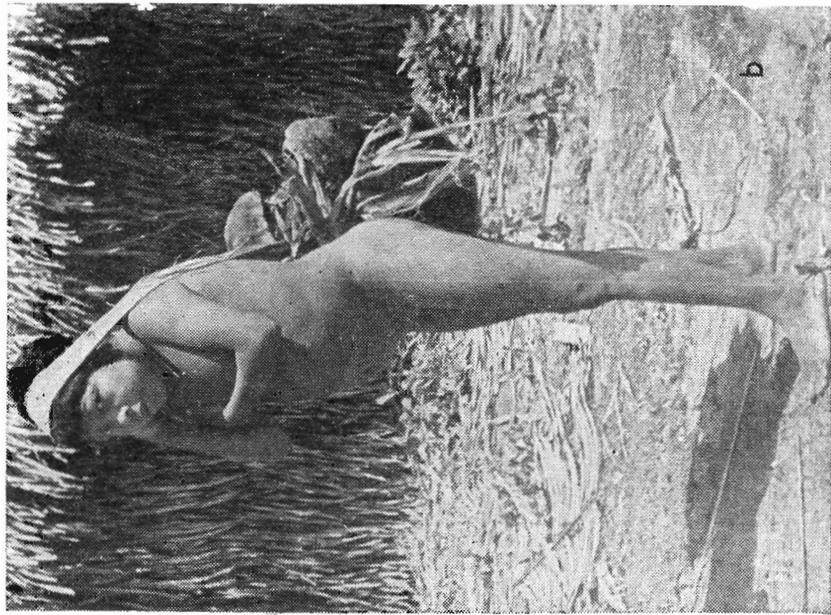
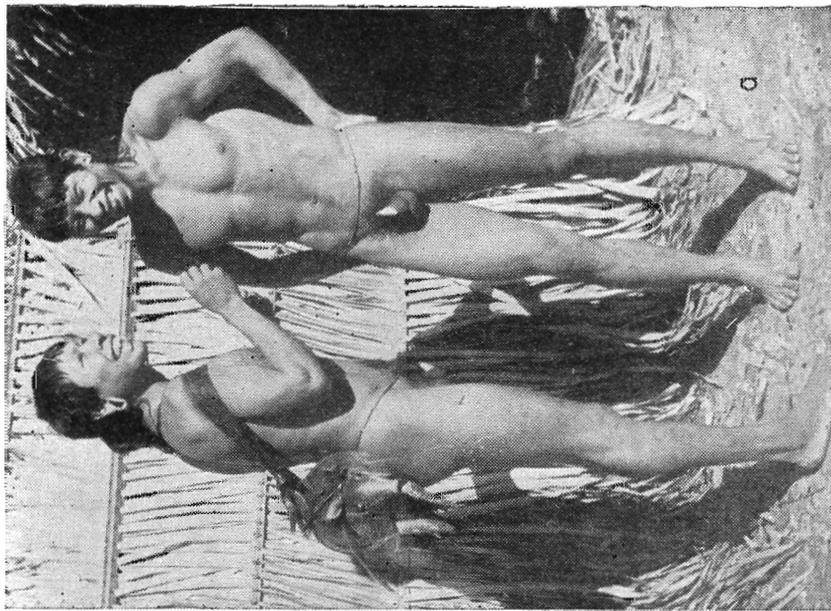
Est 12 — Indumentária. a) Maneira de trazer o rolete para fixação de cocares.
b) Homem Xikrin, com cocar de penas de arara.



Est. 13 — Indumentária. a) Mulheres com testeiras e pulseiras de palha de babaçu. b) Máscaras bô.



Est. 14 — Indumentária. Máscara de : a) *me-karón*, alma ou visagem; b) *pát*, tamanduá-açu; c) *kokói*, macaco-prego.



Est. 15 — Economia tribal. Maneira de carregar caça e coleta : a) Caçador de tatu.
b) Coletor de jabutis.